

ANDRÉA SCAVASSA VECCHIA NOGUEIRA

REDIGIR PARA CONVENCER:
UM ESTUDO DA ARGUMENTAÇÃO EM TEXTOS ESCOLARES

ANDRÉA SCAVASSA VECCHIA NOGUEIRA

**REDIGIR PARA CONVENCER:
UM ESTUDO DA ARGUMENTAÇÃO EM TEXTOS ESCOLARES**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Concentração: Filologia e Linguística Portuguesa).

Orientador: **Prof. Dr. João de Almeida**

Assis

2003

ANDRÉA SCAVASSA VECCHIA NOGUEIRA

**REDIGIR PARA CONVENCER: UM ESTUDO DA ARGUMENTAÇÃO EM
TEXTOS ESCOLARES**

COMISSÃO JULGADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Presidente e Orientador

2º Examinador

3º Examinador

Assis, de de 2003.

Ao José Roberto, meu pai, exemplo de dedicação, esforço, que tentou nas mínimas coisas melhorar um pedacinho desse mundo; deixa saudades e marcas profundas em meu coração.

À Adalgisa, minha mãe, pelo entusiasmo, pela preocupação, pelos ensinamentos, enfim, pela presença afetiva e efetiva em minha vida.

Ao Paulo, meu esposo, que, pacientemente, colaborou para mais uma etapa dos meus estudos. Meu companheiro e meu estímulo.

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação ofereceu não somente um passo maior em meus estudos, mas também, o convívio agradável com outras pessoas que pude ter nos anos do curso de Mestrado.

A busca pelo saber acabou proporcionando-me novas relações e a descoberta de novos universos. Percebi que o conhecimento não se faz por completo no isolamento, mas, com as trocas de idéias e de experiências com todos que puderam participar e colaborar de alguma forma com a pesquisa. Meus sinceros agradecimentos:

ao professor Dr. João de Almeida, que me orientou e me acompanhou, colaborando para o avanço da pesquisa, com sugestões e críticas significativas. Também como amigo, participou e apoiou-me nos momentos difíceis da minha vida, estimulando-me na continuação de meus estudos;

aos professores Dra. Célia Maria Carcagnolo Gil e Dr. Odilon Fleury Curado pelas críticas construtivas apresentadas na etapa de qualificação da pesquisa, pois permitiram tornar o trabalho mais produtivo;

às escolas que permitiram a execução do curso de redação, que, preocupadas com o ensino-aprendizagem da língua portuguesa, procuraram contribuir efetivamente, a fim de continuar na busca de um ensino mais eficaz, com melhores resultados no âmbito da linguagem;

Aos alunos, que se dispuseram a participar do curso de redação, procurando um conhecimento mais profundo da linguagem e, assim, contribuindo com as discussões, os debates, as sugestões e as produções de textos que, formando o *corpus* do trabalho, traçaram a sua finalidade e os elementos a serem analisados.

Aos meus familiares e amigos que me estimularam e torceram por mim, encorajando-me a enfrentar os obstáculos surgidos no processo da pesquisa.

A primeira informação que o homem primitivo comunicou ao seu semelhante não foi, sem dúvida, transmitida com uma palavra dúbia. Pois a intenção era então evitar o perigo e conjurar a ameaça, qualquer que fosse a sua origem: o outro, a natureza, os espíritos ou as divindades. Mas já havia a intenção de persuadir, de fazer crer – atitude de boa fé, mas não da razão ainda. A perversão veio mais tarde, com o desenvolvimento dos poderes da palavra, com a diversidade de seus significados e de suas nuances. E também com a liberação progressiva do homem em relação às forças da natureza, com a vida em sociedade que estimula a palavra e multiplica suas armadilhas. (J. Leif, “Pièges et mystifications de la parole”. In: Bellenger, 1987:10)

NOGUEIRA, Andréa Scavassa Vecchia. *Redigir para convencer: um estudo da argumentação em textos escolares*. Assis, 2003. 257p. Dissertação (Mestrado em Filologia e Lingüística Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar o estudo de alguns elementos que influenciam na argumentação do texto escrito. Utilizando dissertações de alunos do ensino médio, a análise procura evidenciar relações que envolvem: a norma culta da língua e seu reflexo na persuasão; o uso dos mecanismos coesivos e sua influência na orientação argumentativa; a organização textual e os problemas ocasionados pelo acúmulo, pela falta e pela inversão de idéias; e as incoerências semânticas e sua interferência no sentido do texto. A pesquisa expressa também algumas técnicas, a fim de contribuir na produção de um texto argumentativo bem elaborado. É um modo não apenas de oferecer um conhecimento um pouco mais profundo da linguagem, mas de fornecer dados que auxiliem na produção de textos e que reflitam o ensino atual para uma nova avaliação.

Palavras-chave: 1. Linguagem: interação; 2. Produção de texto; 3. Argumentação: estudo e ensino.

NOGUEIRA, Andréa Scavassa Vecchia. *To write to convince: a study of the argumentation in school texts*. Assis, 2003. 257p. Dissertação (Mestrado em Filologia e Lingüística Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

ABSTRACT

This research has as object to present the study of some elements that influence in the argumentation of the text writing. Using students' of the last school cycle dissertations, the analysis tries to evidence relationships that involve: the learned norm of the language and its reflex in the persuasion; the use of the cohesive mechanisms and its influence in the argumentative orientation; the textual organization and the problems caused by the accumulation, for the lack and for the investment of ideas; and the semantic incoherences and its interference in the sense of the text. The research expressed also some techniques, in order to contribute in the production of a text argumentative elaborated good. It's not just a way of offering a knowledge a little deeper of the language, but of supplying data that aid in the production of texts and that reflect the current teaching for a new evaluation.

Keywords: 1. Language: interaction; 2. Text Production; 3. Argumentation: study and teaching.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

(DA PRÁTICA À TEORIA: O PONTO DE PARTIDA DA PESQUISA)...	13
1. Objetivos da pesquisa.....	16
2. Justificativa da pesquisa.....	17
3. Propósitos básicos.....	18
4. Delimitação do <i>corpus</i>	19
4.1. Pressupostos iniciais.....	20
4.2. Desenvolvimento da parte prática.....	22
5. Metodologia da pesquisa.....	29

1. PENSANDO E PRODUZINDO

1.1. Pensamento e linguagem.....	33
1.2. A palavra e o significado.....	34
1.3. O pensamento e a fala.....	35
1.4. O pensamento e a escrita.....	36
1.5. Pensar o que escrever: a produção de textos.....	39
1.5.1. As divergências da fala e da escrita.....	40
1.5.2. Problemas no ensino-aprendizagem do texto escolar.....	43

2. TEXTO OU DISCURSO?.....

2.1.. Discurso e ideologia.....	46
2.2. Conceitos de texto.....	47
2.3. Texto e sentido.....	50

3. ENUNCIACÃO/ENUNCIADO.....	52
3.1. Enunciação.....	52
3.2. Enunciado.....	53
3.3. A dêixis.....	56
3.4. Os atos de linguagem.....	58
3.4.1. Locutório, ilocutório e perlocutório.....	61
3.5. A pressuposição e o subentendido.....	62
3.6. O campo enunciativo.....	68
4. A ARGUMENTAÇÃO.....	70
4.1. A persuasão: contexto histórico.....	71
4.2. A linguagem persuasiva.....	74
4.2.1. Os métodos de raciocínio.....	76
4.3. Alguns conceitos sobre argumentação.....	78
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS TEXTOS ESCOLARES.....	84
5. ORGANIZAÇÃO TEXTUAL: QUANDO AS IDÉIAS SE ENCONTRAM.....	86
5.1. O parágrafo.....	86
5.1.1. Pontuação.....	88
5.1.2. Seqüenciação das idéias	92
5.1.3. Insuficiências e excessos nos textos.....	99
5.2. Os operadores argumentativos.....	107
5.3. As incoerências semânticas.....	125

6. MELHORANDO A ARGUMENTAÇÃO.....	133
6.1. Situando a gramática.....	135
6.1.1. Acentuação gráfica.....	137
6.1.2. Dificuldades ortográficas.....	140
6.1.3. Sintaxe de concordância.....	144
6.1.4. Problemas de regência.....	147
6.1.5. Problemas do verbo.....	152
6.1.6. Pronome.....	165
6.2. Seleção lexical.....	173
7. ARMAS PARA UMA BOA ARGUMENTAÇÃO.....	187
7.1. Como organizar o texto.....	189
7.2. As evidências.....	193
7.3. As frases interrogativas.....	195
7.4. Como argumentar.....	198
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	200
9. BIBLIOGRAFIA.....	209
10. ANEXOS	
A – Alunos participantes.....	221
B – Textos escolares.....	223

INTRODUÇÃO

*A palavra consente, recusa, acorre, como uma fada ou como um bacarte... Uma palavra é um sorriso, outra um olhar... As palavras são os passageiros misteriosos da alma... presente em toda parte, como um anão escondido sob as línguas, a palavra tem o globo a seus pés e acorrenta-o... Põe uma palavra sobre um homem, e o homem tremente seca e morre, penetrado pela força profunda... Ao seu alento, com o auxílio da alma e da luz, a obscura imensidade lentamente desabrocha.
(Victor Hugo, poema “Réponse à un acte d'accusation”)*

Atualmente há uma grande preocupação com a formação dos alunos no ensino médio, em especial, em face de insuficiente domínio da escrita. Tornou-se normal dizer que os alunos terminam o ensino médio sem conhecimento da linguagem, com dificuldades de expressar seus pensamentos.

No contexto escolar, a linguagem aparece como um produto pronto, que não pode ser alterado, questionado. Os alunos absorvem as técnicas por meio de exercícios, mas não conseguem criar, expressar, não entendem os elementos que se relacionam na linguagem.

O que mais se tem exigido nos vestibulares é o domínio da linguagem, avaliada em questões dissertativas, interpretativas e da redação. O mesmo está acontecendo em

concursos, que hoje cobram uma boa redação. Tudo isso para observar como esses alunos expressam seus pensamentos, articulam suas idéias e as defendem com seus argumentos, enfim, como conseguem manipular a linguagem.

O ensino-aprendizagem deixa a desejar, pois não prepara alunos com habilidade para a comunicação, muito menos para persuadir alguém de suas idéias através de um texto escrito. E o que é mais preocupante, os discentes não conseguem interpretar o tema da redação, o enunciado de um exercício, levantar questões sobre os temas para desenvolver em uma redação, nem expressar o seu próprio ponto de vista e opinião sobre determinados assuntos que envolvem o seu contexto.

A quem se pode culpar? O próprio aluno? Ou o processo de ensino-aprendizagem da língua materna?

Mesmo esse não sendo o objetivo de nossa pesquisa, convém apontarmos alguns itens que colaboram de certa forma com essa defasagem no ensino.

Em primeiro lugar, é sabido que, antes mesmo de freqüentar a escola, a criança fala, comunica, expressa o que quer, o que sente, sem problema algum. Há o que chamamos de gramática internalizada, que contribui para que a criança crie seqüências inteligíveis. Essa gramática é adquirida por meio do convívio com os adultos, com quem divide a sua realidade.

Ao começar os primeiros anos escolares, a criança inicia com exercícios de caligrafia e ortográficos, até começar a produzir uma frase, o que já fazia muito bem na oralidade. Podemos constatar isso, quando pedimos para uma criança comentar sobre um assunto pela fala. Ela, sem se preocupar, discorre perfeitamente, coloca suas

opiniões, seus pensamentos, seu raciocínio. Porém, quando precisa produzir um texto sobre o mesmo assunto, não consegue expressar, parcial ou até totalmente, suas idéias.

Em segundo lugar, fica o questionamento sobre o processo de ensino-aprendizagem da língua. Percebemos que há uma incapacidade do processo de ensino escolar em garantir os domínios das mínimas normas da escrita, o que vem provocar uma redução da intimidade entre o aluno e a linguagem.

Em que o ensino de língua pode melhorar? Primeiro, preocupar-se com a motivação, criar condições para que os alunos despertem a vontade de produzir um texto. Segundo, não os deixar preocupados, no início, com as técnicas, mas, deixá-los criar e desenvolver o seu texto como preferirem. Terceiro, procurar ensinar como o seu texto deve se organizar para que suas idéias fiquem mais claras, proporcionem uma melhor leitura, e mostrar os defeitos e os valores que apresentam o seu texto. Quarto, mostrar sim os desvios gramaticais dentro da norma padrão exigida pela escola, mas priorizar a coerência, a expressão de seus argumentos na defesa de suas idéias. Quinto, esclarecer que, na escrita, o interlocutor não pode intervir no momento da produção lingüística e solicitar explicações sobre aquilo que está sendo expresso, por isso, todo o texto deve ser feito com clareza, as idéias devem estar bem articuladas, para que o leitor possa compreender o que se quer dizer.

Como vimos, a produção e a recepção de texto tornaram-se, então, a grande preocupação do ensino de língua portuguesa. Por isso, resolvemos centrar o nosso estudo em textos escolares produzidos por alunos do ensino médio, a fim de indicar novos caminhos, que possam auxiliar no aprofundamento da compreensão dos fatos da língua, bem como oferecer estratégias para facilitar o ensino do texto.

1. Objetivos da pesquisa

Pensar na linguagem é pensar na existência do homem como um ser social.

A linguagem é um produto da evolução do homem, quando este passou a viver em comunidade. Por meio dela, o homem partilha seus pensamentos, suas experiências, seus conhecimentos, seus sentimentos e emoções, de forma que provoque uma reação em seu receptor, ou para modificá-lo ou até para modificar uma realidade, agindo pelo pensamento, pela inteligência, pelo raciocínio. Pois, a linguagem tem como função essencial a interação entre os sujeitos ativos de uma sociedade.

Todo ato de interação aparece carregado de intencionalidade, pois o homem interage com uma finalidade específica. É a partir dessa intenção que o locutor procura argumentos que façam com que a sua mensagem seja aceita, ou ao menos refletida pelo seu ouvinte.

É nessa linguagem persuasiva, “recheada” de argumentos, que centralizamos a nossa pesquisa e traçamos os nossos objetivos:

- a) Promover o estudo da argumentação em português;
- b) A partir da análise dos textos produzidos pelos alunos envolvidos nessa pesquisa, tentar evidenciar relações entre a argumentação:
 - e os desvios da norma culta, e a importância da linguagem padrão na persuasão;

- e o uso de mecanismos coesivos empregados para a orientação argumentativa no texto, atentando-se para as deficiências e os valores desses elementos na redação.
 - e a organização do texto: parágrafo, pontuação, e seqüenciação de idéias.
- c) Tentar fornecer, através do estudo do *corpus* da pesquisa, um parâmetro do grau de escolaridade dos alunos e o seu domínio da linguagem.

2. Justificativa da pesquisa

Como não podíamos analisar todos os elementos que se relacionam em um texto, a fim de um maior aproveitamento da análise, procuramos avaliar a argumentação e alguns mecanismos que a auxiliam, pois:

- a) a argumentação na produção textual é afetada pelo domínio da linguagem escrita, no que se refere ao conhecimento dos mecanismos de coesão, dos parágrafos, da pontuação, da escolha de léxicos que compõem o texto. A análise pode mostrar, nas redações, o nível de conhecimento dos alunos em relação à linguagem e como a usam para se expressar.
- b) A argumentação envolve o conhecimento de mundo (a armazenagem de conhecimentos) dos sujeitos do discurso e a intencionalidade do locutor. Assim, percebemos como o aluno usa o seu texto para transmitir uma informação e como escolhe os seus argumentos para expressar essa intenção.

- c) As falhas e os valores da argumentação, apresentados nos textos escolares, podem servir para alertar os problemas de linguagem no ensino e questionar o ensino-aprendizagem da língua materna.

3. Propósitos básicos do trabalho

Para realizar a pesquisa, tivemos como base a teoria da argumentação de Ducrot, de Maingueneau, e de vários outros autores que, seguindo a mesma linha da Semântica Argumentativa e da Análise do Discurso, forneceram os dados suficientes para a análise dos textos escolares.

Partindo da concepção tomada por esses autores de que a linguagem só se realiza na interação entre sujeitos sociais (como veremos mais adiante), e da preocupação com o processo de ensino-aprendizagem, com a finalidade de uma participação ativa dos alunos na sociedade, selecionamos como propósitos básicos de nossa pesquisa:

- a) Verificar os problemas de redação com base na norma culta da língua (problemas de ortografia, acentuação gráfica, concordância, regência, pronome, verbo), para tentar evidenciar a importância desses fatos na apresentação de um texto e na persuasão de um interlocutor.
- b) Demonstrar que as falhas no uso de mecanismos coesivos têm reflexos na orientação argumentativa do texto, prejudicando a clareza, ou modificando o sentido provocado pelo locutor.

- c) Demonstrar que a organização do parágrafo, a pontuação e a seqüenciação influenciam diretamente na argumentação, na medida em que ocasionam acúmulo, inversão, ou falta de idéias, e, assim, dificultam o entendimento do texto.
- d) Enfim, fornecer informações sobre alunos que estão terminando o último ciclo escolar, antes da universidade, principalmente, em relação à intimidade com a língua escrita.

A pesquisa, portanto, tem como finalidade levar não apenas ao conhecimento um pouco mais profundo da linguagem, mas também, fornecer dados que auxiliem na produção de textos e que reflitam o ensino atual para uma nova avaliação.

4. Delimitação do *corpus*

A nossa experiência de magistério, ainda que relativamente curta, levou a perceber que o processo de ensino-aprendizagem da língua tem lutado muito para entrar em harmonia com o contexto sócio-econômico-cultural dos alunos. Embora haja novos planos e muito esforço didático-pedagógico, a verdade é que os alunos continuam a terminar o ensino médio sem um conhecimento satisfatório da linguagem.

A defasagem no ensino da língua é constatada nos vestibulares e nos concursos, que têm exigido, nas questões dissertativas, nas interpretativas e na redação, o domínio da língua, avaliando a expressão de pensamento, a articulação das idéias, a argumentação, a manipulação da linguagem.

É a razão pela qual decidimos tentar contribuir para o ensino de produção textual, no que diz respeito à argumentação, analisando redações do último ciclo escolar do ensino médio.

Para obter o *corpus* da pesquisa, desenvolvemos um trabalho de produção de texto junto a alunos do 3º. ano do ensino médio, regular e supletivo, e do 4º. ano do magistério, pertencentes às escolas:

- E.E. “Carolina Francini Burali”
- Colégio Santa Maria da Ressurreição
- Colégio Ipê
- Escola Técnica de Assis.

Todas as escolas pertencem à cidade de Assis, Estado de São Paulo.

Não restringimos o nosso trabalho a alunos da escola pública, porque tínhamos a intenção de obter um panorama geral do ensino de língua; além do que, os problemas ocorridos em vestibulares e concursos envolvem alunos tanto das escolas públicas como das escolas particulares.

4.1. Pressupostos iniciais

Procuramos o melhor meio para obter um material que, como *corpus*, pudesse oferecer subsídios necessários para a nossa análise.

Recolher apenas o material através dos professores de língua portuguesa, não nos pareceu tão produtivo, já que sentíamos a necessidade de orientar os alunos da pesquisa nos temas das redações que deveriam produzir.

Restou-nos realizar, para esses discentes colaboradores, pequenos cursos que abordassem os mecanismos de argumentação.

Tais cursos foram programados para quatro encontros cada um, para a execução do seguinte plano:

1º encontro:

- Apresentação do objetivo do curso;
- Análise de alguns textos, não produzidos pelos alunos participantes;
- Comentário desses textos, apontando problemas que afetam a argumentação;
- Observação de problemas relacionados à grafia, à pontuação, aos parágrafos, ao uso de verbos, ao uso adequado de palavras, à estrutura da dissertação;
- Apresentação de dois temas para o desenvolvimento das redações do curso. Embora os alunos devessem produzir duas dissertações somente no final do curso, resolvemos apresentar os temas logo no primeiro encontro, a fim de que pudessem ter mais tempo para pesquisar sobre os assuntos dados.

2º encontro:

- Discussão de alguns exemplos de parágrafos, exercitando a coesão e a coerência;
- Explicação do problema da ambigüidade e da falha da referência anafórica no texto.

3º encontro:

- Explicação sobre a argumentação, enfocando os mecanismos que interferem na orientação argumentativa;
- Realização de alguns exercícios com os operadores argumentativos.

4º encontro:

- Explicação sobre a organização dos parágrafos, com alguns exercícios de organização de idéias;
- Apresentação de dúvidas dos alunos, em retomada final.
- Prazo de uma semana para entrega da redação.

4.2. Desenvolvimento da parte prática

O curso acima mencionado foi ministrado a cinco grupos, que envolveram um total de 22 alunos.

Sem que houvesse um processo de seleção, e tendo ficado claro, desde o primeiro momento, que o resultado do curso não interferiria na seqüência escolar, participaram dos encontros os alunos realmente interessados em conhecer um pouco

mais a língua escrita. Por esta razão, não ocorreu um número regular de alunos para cada grupo, conforme se vê a seguir com os cinco grupos montados:

A - um grupo de 3^o. ano do ensino médio diurno, de uma escola pública, de 6 alunos;

B/C - dois grupos de 3^o. ano do ensino médio diurno, de escolas particulares, de 4 alunos cada um;

D - um grupo de 3^o. ano do ensino médio supletivo, noturno, do colégio técnico, de 5 alunos;

E - um grupo do 4^o. ano magistério noturno, do colégio técnico, de 3 alunos.

Para melhor aproveitamento, os alunos receberam o material que se fez necessário, facilitando o processo do curso, que teve seqüência normal e dinâmica, alterando-se conforme dúvidas dos alunos em relação ao assunto tratado.

No primeiro encontro de cada grupo, houve inicialmente a distribuição de redações dissertativas, feitas por outros discentes, do mesmo nível, de turmas do ensino regular. Pedimos que os participantes, em dupla, lessem esses textos e comentassem, tendo sido apontados os seguintes problemas:

- a) falta de exemplos;
- b) inadequação lexical;
- c) períodos inacabados;
- d) mudança inadequada do tempo e modo dos verbos;
- e) uso incorreto de conectivos;
- f) argumentos inadequados;
- g) ambigüidades;

- h) problemas gramaticais: ortografia e acentuação gráfica (prejudicando a apresentação do texto);
- i) problemas de coesão;
- j) excesso de idéias acumuladas em um só parágrafo;
- k) excesso de vírgulas (problemas de pontuação);
- l) organização dos parágrafos.

Enfatizando que o que apontaram estava correto, discutimos as possibilidades de resolver tais problemas para que as redações se tornassem mais claras, objetivas e coerentes. A partir da discussão, os participantes incumbiram-se de selecionar outros argumentos que melhorassem os textos analisados.

Explicamos, então, quais os procedimentos necessários para que os textos superassem os problemas, que poderiam interferir na argumentação e prejudicar toda a redação.

Já nesse primeiro encontro, conforme o planejado, passamos os temas das redações que cada grupo ao final deveria executar. Pedimos que, na sua programação, os alunos lessem jornais, revistas, textos que informassem sobre o assunto dos temas, de sorte que, durante o curso, pudessem melhor discuti-lo e trocar idéias a respeito.

Eis os temas:

Temas para o Grupo 1

1 – “A televisão pode influenciar na eleição de um presidente. Você concorda?”

2 – “Os meios de comunicação transmitem a realidade ou forjam uma situação que apenas traga benefícios a eles?”

Temas para o Grupo 2

1 – “O homem é sempre o responsável pela utilização da ciência e/ou da tecnologia.”

2 – “O meio ambiente influi na formação do ser humano?”

Temas para o Grupo 3

1 – “Antigamente a preocupação com as drogas só aparecia quando os jovens já estavam cursando o ensino médio. Agora isso é praxe também no ensino fundamental.” (psiquiatra Sandra Scivoletto, revista Isto é, 12/12/2001). É grave o problema de drogas na escola. Você aprova a atitude de expulsar alunos que são pegos com drogas na escola?

2 – “As indústrias produtoras de fumo devem pagar indenizações para quem sofre algum mal relacionado ao cigarro?”

E temas para o Grupo 4 e 5 (foram realizados juntamente, porque os alunos participantes trabalhavam e só tinham disponibilidade aos sábados)

1 – “A TV une ou separa as pessoas?”

2 – “Seqüestros, assassinatos, roubos... a violência toma conta do país. A culpa é de quem?”

No segundo encontro, discutimos a estrutura de uma redação, os cuidados em articular as idéias e a validade de uma boa argumentação. Exercitamos a questão da coesão e da coerência em como: organizar o texto; desenvolver a principal idéia de um parágrafo; deixar um texto claro, objetivo e coerente; usar corretamente os mecanismos de coesão (exemplificando por meio de vários textos com problemas de coesão).

No terceiro encontro, aplicamos alguns exercícios de argumentação, e verificamos os problemas com operadores argumentativos em alguns textos. Corrigimos, e os alunos discutiram. Colocamos também a questão do uso do tempo verbal, concordância e regência.

No quarto encontro, fizemos e comentamos os exercícios relacionados à articulação de idéias, à montagem de parágrafos e aos elementos coesivos. Discutimos algumas dúvidas. No final, agradecemos a participação de todos os alunos.

Logo após o último encontro de cada curso, os alunos entregaram as redações, que constituíram o *corpus* desta pesquisa. Dispusemos, então, de um total de 44 dissertações, neste nosso estudo.

As principais dúvidas que surgiram durante o curso foram:

- a) A questão da organização dos parágrafos; como desenvolver uma idéia núcleo em cada parágrafo;

- b) O problema do questionamento na própria redação, isto é, sobre o uso de frases interrogativas durante a dissertação;
- c) Quanto à concentração na conclusão do ponto de vista do autor do texto e de sua opinião;
- d) A diferença de um texto argumentativo e não-argumentativo;
- e) A diferença entre os tipos de redação: descrição, narração e dissertação;
- f) Sobre o uso de provérbios, de ditados populares, para a argumentação;
- g) O que deve aparecer na introdução;
- h) Sobre a dificuldade em começar a escrever a redação.

A partir das dúvidas levantadas, ampliamos a discussão sobre as redações e encontramos alguns pontos relevantes:

- a) Em cada parágrafo há uma idéia a ser desenvolvida. É claro que nem todos os parágrafos são constituídos de uma idéia-núcleo. Mas, uma boa maneira de desenvolver o texto sem se preocupar é organizar as idéias antes de começá-lo. Citamos o exemplo de um mapa de idéias, partindo das principais para as secundárias, evitando assim, erros de coesão e coerência.
- b) As frases interrogativas durante a redação são um risco; o autor precisa de uma certa cautela para não questionar os próprios argumentos. Mas se o redator souber usá-las corretamente, essas frases podem auxiliar

na orientação argumentativa de um texto, como também prender a atenção do interlocutor, fazendo-o participar ativamente de seu texto.

- c) Todo o texto reflete o que o autor pensa sobre o assunto discutido, por isso, não é somente na conclusão que encontramos o seu ponto de vista ou a sua opinião. A própria escolha de argumentos já revela o seu parecer sobre determinado assunto.
- d) A argumentação existe em todos os tipos de texto, não somente na dissertação. Por exemplo: nas escolhas de características para descrever algo ou alguém (texto descritivo); no diálogo em uma crônica, em que dois personagens discutam (narração); em um relato jornalístico, em que conseguimos perceber partes de maiores enfoques do que outras (esse recurso pode refletir o ponto de vista do jornalista).
- e) Para esclarecer a dúvida relacionada aos diferentes tipos de textos, fizemos uma breve explicação sobre a descrição e a narração, e procuramos dar maior atenção à dissertação, já que seria este o texto que produziriam no final do curso.
- f) Os provérbios, os ditados populares, devem ser evitados. A verdade que eles contêm não é provada cientificamente, concretamente. São pensamentos que carregam consigo questões morais, religiosas e julgamentos preconcebidos.

- g) A introdução é a apresentação do assunto que será desenvolvido na redação. É na introdução que provocamos o leitor, que tentamos chamar a sua atenção para o nosso texto.
- h) O autor, antes de começar uma redação, poderia utilizar um mapa de idéias e organizar os argumentos a respeito do tema, para que, depois, tente montar a redação. Mas, é preciso que conheça o assunto sobre o qual redigirá, procurando os melhores meios de colher subsídios para a produção textual, como a leitura de livros, jornais e revistas.

A partir das redações dos alunos e de suas dúvidas quanto à argumentação, selecionamos os tópicos necessários para a análise nesta pesquisa.

5. Metodologia da pesquisa

Após adquirirmos o *corpus* para a pesquisa, dividimo-la em duas partes: a base teórica, que enquadra a pesquisa na linha da Semântica Argumentativa, da Lingüística da Enunciação e da Análise do Discurso; e a análise e discussão das redações, que enfocam a argumentação e seu efeito no texto escrito.

Na primeira parte, procuramos abordar alguns itens que consideramos necessários para o desenvolvimento da análise do *corpus*:

1. Pensamento e linguagem

Entendendo a linguagem como a interação entre sujeitos sociais, procuramos esclarecer o processo da organização do pensamento e a produção de um texto escrito.

Baseado em leituras como de Vygotsky e Luria, esse item fornece informações sobre o pensamento expresso pela fala e pela escrita, marcando suas divergências, e procura sua relação com as dificuldades na produção do texto escolar.

2. Texto ou discurso?

A fim de conceituar o objeto de nosso estudo, procuramos definir texto e discurso. Com base nas teorias de Koch e Fiorin, tentamos mostrar que o discurso não é totalmente neutro, mas é carregado de intenção, manifesta uma ideologia. Já com apoio nas leituras de Halliday e Hassan, Elisa Guimarães, Hjelmslev e outros, tentamos chegar a um conceito de texto apropriado para pesquisa, além de um breve estudo sobre a sua produção de sentido, observando que os participantes da linguagem são sujeitos sociais ativos, que se interagem, e que o sentido se encontra na própria atividade interativa, recorrendo aos conhecimentos dos sujeitos.

3. Enunciação/Enunciado

Como estudamos as marcas dos sujeitos no ato interativo, foi de necessária importância abordarmos os conceitos de enunciação e de enunciado, tomados de Ducrot, Anscombe, Pêcheux e outros, como também o estudo dos elementos que marcam a posição do sujeito no ato da enunciação, enfocando, dessa forma, os atos de linguagem abordados por Austin, a pressuposição e o subentendido, na teoria de Ducrot, e o campo enunciativo de Foucault.

4. A argumentação

O principal objetivo de nossa pesquisa foi o estudo da argumentação. A partir das leituras de Citelli e Bellenger, iniciamos um breve contexto histórico que mostra o desenvolvimento da arte de persuadir e os elementos que se fazem necessários numa linguagem persuasiva. Para aprofundarmos um pouco mais, estudamos os métodos de raciocínio, da teoria de Garcia, e, enfim, os conceitos de argumentação, na visão de Perelman, de Anscombre e, principalmente, de Ducrot, autor pelo qual se concentra a nossa pesquisa sobre a argumentação.

Na segunda parte da pesquisa, a análise e discussão das redações, dividimo-la em três tópicos:

1. Organização textual

Analisamos os problemas apresentados no parágrafo, envolvendo a pontuação e a seqüenciação de idéias, os quais de alguma forma acabam influenciando na argumentação do texto, ocasionando acúmulo, insuficiência ou desajuste de idéias. Nesse mesmo item, estudamos alguns operadores argumentativos e sua função no desenvolvimento do texto e também os deslizos na coerência, comprometendo a argumentação e o sentido.

2. Melhorando a argumentação

Mesmo concebendo a linguagem como interação entre sujeitos sociais, pareceu-nos necessário não excluir o estudo dos aspectos gramaticais, porque o texto,

nessa situação, tem um maior grau de persuasão, quando se torna mais apresentável, de acordo com as normas da variedade padrão.

3. Armas para uma boa argumentação

Sendo esse o último item da análise, após apontar os problemas que interferem na argumentação, apresentamos alguns aspectos que podem auxiliar no desenvolvimento de um texto claro, coerente e com os elementos necessários para uma boa argumentação.

Toda a análise foi planejada para demonstrar itens que tornem o texto bem apresentável, com boa argumentação, em que os sujeitos consigam alcançar a intencionalidade desejada no texto, e, principalmente, para contribuir de alguma forma com o ensino e aprendizagem da língua.

1. PENSANDO E PRODUZINDO

Pensar por si mesmo significa conhecer o real com os recursos do próprio pensamento. A pessoa esclarecida não é aquela que possui muitos conhecimentos, mas a que tem a audácia de fazer uso de seu pensamento sem a direção de outrem. (Buzzi, 1994:179)

1.1. Pensamento e linguagem

O homem não é capaz de passar indiferente pelos fatos que o cercam, ele precisa refletir, fazer deduções, tirar conclusões. Isso tudo o homem realiza pelo *pensamento*.

O pensamento pode estabelecer relações entre esses fatos. Ele amadurece e se desenvolve para uma certa função, dependendo ou de uma experiência imediata ou de um raciocínio.

Pela necessidade de ordenar o mundo a sua volta, o homem desenvolveu *conceitos*, como “unidades organizacionais que têm por função armazenar conhecimentos sobre o mundo”. Esses conhecimentos passam a ser a própria memória

do indivíduo, a fim de serem utilizados para compreensão de alguma situação ou interação social. (KOCH, 2002:40)

Preocupado em transmitir seu pensamento, em dividir suas experiências¹, suas emoções, enfim, os conhecimentos, o homem desenvolveu a *linguagem*.

No início, essa linguagem realizava-se por meio de sons inarticulados, mas, com o tempo, compôs-se por um sistema de códigos que facilitou a expressão de qualquer informação. A linguagem, então, passou a ser constituída pela *palavra*. (LURIA, 1986:22)

A função da palavra era de designar, caracterizar coisas, até que passou a exprimir as experiências do homem, designar ações, procurar a realidade, “codificar nossa experiência”. (LURIA, 1986:27)

O pensamento, portanto, passou a ser expresso pela palavra.

1.2. A palavra e o significado

Com maior reflexão no veículo verbal do pensamento, o homem percebeu que os *significados das palavras* evoluíam.

Sobre o significado também se entende que a palavra tenha um sentido. Ou melhor, segundo Luria (1986:45), o *significado* é “o sistema de relações que se formou objetivamente no processo histórico e que está encerrado na palavra”. As palavras possuem uma carga de significados arquivados em nossa memória, que não surgiram instantaneamente, mas por todo um processo histórico, ou seja, conforme as coisas

¹ Segundo Buzzi (1994:180), “o ato de experienciar (experiência de alguma coisa interna ou externa) representa sempre uma vantagem para o pensamento, porque é no campo da experiência que ele se exercita a pensar concretamente, a crescer na capacidade de apreender o real”.

(objetos, emoções, sentimentos, fatos, experiências) foram aparecendo, fomos designando e caracterizando-as. E o *sentido* é “o significado individual da palavra, separado desse sistema objetivo de enlaces; este está composto por aqueles enlaces que têm relação com o momento, situações dadas” e as vivências afetivas do sujeito.

Para uma explicação talvez mais clara, Vygotsky (1991:125) afirma que

uma palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge; em contextos diferentes altera o seu sentido. O significado permanece estável ao longo de todas as alterações de sentido. Já o sentido de uma palavra está relacionado com toda a frase e não com palavras isoladas.

É na fala e na escrita, envolvidas em um contexto, que compreendemos o sentido das palavras.

Também para Bakhtin (1986) é na interação verbal que a palavra ganha diferentes significados, de acordo com o contexto que surge.

No contexto, segundo Bakhtin (1986), a palavra está carregada de um sentido ideológico ou vivencial. Todo discurso, portanto, é ideológico, e o significado de um enunciado está definido pela intenção ou perspectivas ideológicas dos interlocutores. O contexto representa toda a situação de interação, a intenção, os objetivos dos interlocutores e todos os conhecimentos arquivados na memória, para compreensão de um texto falado, lido ou escrito. A palavra é, pois, o espaço “no qual se confrontam os valores sociais”.

1.3. O pensamento e a fala

A transição do pensamento à fala não ocorre em um processo simultâneo, ou seja, ao pensarmos, as palavras ainda não saem apropriadas para constituir a fala.

Como o pensamento aparece em sua totalidade e num só momento, a fala, através de um conhecimento internalizado do sistema lingüístico², é aperfeiçoada e desenvolvida, gradativamente, numa seqüenciação de palavras e concatenação das idéias, a fim de tornar-se entendível ao interlocutor.

Na fala, as palavras organizam-se e os seus sentidos são encontrados de acordo com o contexto em que estão inseridas.

Todo esse processo de colocar em ordem o pensamento para ser expresso pela fala num ato interativo é facilitado quando conhecemos o pensamento dos interlocutores, sua intencionalidade. É que, pressupondo que os interlocutores tenham conhecimento sobre o assunto dialogado, se torna possível a fala abreviada, sem a necessidade de rodeios, de maiores explicitações, como exige a escrita. A fala será ainda melhor compreendida, se cada pessoa puder ver as expressões faciais, os gestos e ouvir o tom de vozes.

“Na *fala*, nos tornamos *dialogantes* e *criativos*, semelhantes à linguagem (*lógos*) que sempre e por toda a parte nos incita à luta e à criação, ao comprometimento e à responsabilidade.” (BUZZI, 1994:237)

1.4. O pensamento e a escrita

Diferente da fala, a *comunicação escrita* precisa de um número maior de palavras para transmitir uma informação, sendo um dos maiores motivos o desconhecimento de seu interlocutor ou a sua ausência. Por isso, o cuidado com a

² Chamamos de “conhecimento internalizado do sistema lingüístico” a gramática internalizada, que é adquirida não através de um processo de aprendizagem escolar, mas através da vivência em comunidade.

contextualização, com a formulação de frases claras, coerentes, com a articulação das idéias e com a gramática, já que ocorrem casos em que o interlocutor pode não conhecer, parcial ou totalmente, a informação.

Não temos na escrita, como há na fala, a oportunidade de ouvir a entonação da voz, observar os gestos, expressões faciais e usar falas abreviadas. A escrita é uma forma elaborada, complexa, da fala.

Como o pensamento chega a ser representado pela escrita? Há todo um planejamento que selecionará as combinações entre as palavras e entre as idéias. Quando dizemos que vamos escrever sobre tal assunto, representamos em nosso pensamento um rascunho; esse rascunho é o reflexo do processo mental.

O *rascunho mental* é, como chama Vygotsky (1991:127), uma *fala interior*. A fala interior

não é o aspecto interior da fala exterior – é uma função em si própria. Continua a ser fala, isto é, pensamento ligado por palavras. Mas, enquanto na fala exterior o pensamento é expresso por palavras, na fala interior as palavras morrem à medida que geram o pensamento. A fala interior é, em uma grande parte, um pensamento que expressa significados puros. É algo dinâmico, instável e inconstante, que flutua entre a palavra e o pensamento, os dois componentes mais ou menos estáveis, mais ou menos solidamente delineados do pensamento verbal. Só podemos entender a sua verdadeira natureza e o seu verdadeiro lugar depois de examinar o plano seguinte do pensamento verbal, o plano ainda mais interiorizado do que a fala interior, o *pensamento*.

A linguagem escrita deve ser elaborada de tal forma que o interlocutor possa fazer o processo inverso: ele recebe a mensagem por um sistema de códigos, decodifica, reconhecendo o significado e o sentido das palavras pelo conhecimento arquivado em sua memória, e instaura-se a idéia no seu pensamento.

Essa *profundidade de leitura* de um texto dependerá do grau de conhecimento do interlocutor e até de sua sensibilidade. Mas nem todos conseguem realizar um ato

de leitura profunda, como podemos observar em pessoas que compreendem toda a estrutura lógica do texto e os seus significados, mas não compreendem o subtexto³.

Segundo Koch (2002:48), existem diversas formas de conhecimentos que contribuem para a interpretação de um texto:

- a) o conhecimento lingüístico: responsável pela organização da superfície textual, envolvendo o conhecimento gramatical, a seleção lexical e os elementos coesivos.
- b) o conhecimento enciclopédico (ou conhecimento de mundo): representa aquele armazenado em nossa memória semântica ou social.
- c) o conhecimento sociointeracional: conhecimentos que envolvem as ações verbais, dos tipos ilocucionais, comunicacionais, metacomunicativas e superestrutural.
 - c.1.) o conhecimento ilocucional: reconhece as intenções de um falante em dada situação – são os atos de fala.
 - c.2.) o conhecimento comunicacional: envolve a quantidade de informação necessária para que o parceiro possa reconstruir o objetivo do produtor do texto; também abrange a escolha da variação lingüística adequada à situação da interação;
 - c.3.) o conhecimento metacomunicativo: trata-se do conhecimento sobre as ações lingüísticas (sinais de articulação ou apoios textuais), evitando perturbações ou desvios na comunicação, a fim de garantir a compreensão do texto e conseguir a aceitação do objetivo pelo interlocutor.

³ “A compreensão do texto não se limita à compreensão do significado superficial. O significado da frase, a comunicação de um acontecimento ou de uma relação, a expressão geral de um pensamento não é a última etapa da compreensão (...). Juntamente ao significado externo, aberto do texto, existe um *sentido interno* que se designa com o termo *subtexto*”. Exemplos: *sentido figurado, construções comparativas, provérbios, figuras de linguagem*. Um tipo de texto, como exemplo, seria a fábula, que atribui atividades humanas para objetos, animais, com um fundo moral. (Luria, 1986:195)

c.4.) o conhecimento superestrutural: trata-se do conhecimento sobre gêneros textuais; o reconhecimento de textos adequados aos diversos eventos da vida social; abrange os conhecimentos sobre as macrocategorias ou unidades globais, e ainda a ordenação, seqüenciação e conexão entre os objetivos e estruturas textuais globais.

Todos esses conhecimentos colaboram para que o locutor possa alcançar a sua finalidade e o interlocutor compreender o sentido global, participando ativamente na percepção das situações que o envolvem durante todo o texto.

1.5. Pensar o que escrever: a produção de textos

Se é por meio da linguagem que o pensamento passa a existir, é seguro dizer que, desde o nascimento da criança, pensamento e linguagem são interdependentes, já que a linguagem ordena e dirige o pensamento, permitindo que, além de evocar situações imediatas, também evoque as passadas e preveja as futuras. A criança consegue assimilar a linguagem através da interação com os adultos, e, assim, passa a formar as funções mentais do nível social e, depois, do plano psicológico, isto é, do nível individual. (SILVA, 2000:50)

É a partir dessa interação social que a criança passa a formar textos orais ou escritos, conseguindo suprir os itens necessários para que a sua produção seja satisfatória:

- a) ter o que dizer;
- b) ter uma razão para dizer o que se tem a dizer;

- c) ter para quem dizer o que se tem a dizer;
- d) o locutor se constituir como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz;
- e) escolher as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d). (GERALDI, 1993:137)

Ao produzir um texto, o locutor lança a sua intenção, que pode estar explícita ou não. Para alcançar o seu objetivo, ele faz uma imagem de seu interlocutor, a fim de escolher os mecanismos mais apropriados oferecidos pela linguagem para que haja a aceitação daquilo que propõe em seu texto. É da relação entre locutor e ouvinte que há a escolha de ação a ser realizada pelo locutor no discurso.

Com a imagem definida de seu interlocutor, o locutor seleciona os procedimentos lingüísticos – escolhe os argumentos, as comparações, a variedade lingüística que utilizará em seu texto.

No período escolar, quando o aluno não conhece seu interlocutor, o processo de construção de um texto escrito acaba por envolver não só a criatividade, a imaginação, os raciocínios lógicos (argumentos, hipóteses, comparações), mas também uma imagem de língua considerada padrão pelas camadas sociais mais privilegiadas.

Eis que aparece, logo nos primeiros anos escolares, um dos grandes obstáculos para a criança, compreender a diferença da fala e da escrita.

1.5.1. As divergências da fala e da escrita

Sabemos que a fala é o ponto de partida para a atividade comunicativa da criança. Quando a criança vem para a escola, ela já sabe falar e se comunicar, porque

há uma gramática internalizada⁴ que a capacita para produzir seqüências textuais e interpretar as que recebe.

Justamente porque conhece a língua oral, ao aprender a escrita, a criança tende a transcrever a sua fala em seus textos. Depois, ao ser corrigida pelo professor, a criança acaba percebendo que os textos escritos não são um reflexo da comunicação oral, e que, por isso, devem ser planejados com maiores cuidados do que a fala.

Tanto a oralidade quanto a escrita têm suas características próprias, e ensinar essa diferença entre uma e outra é facilitar o ensino da escrita ao aluno.

Por esta razão, colocamos, na página seguinte – para uma melhor leitura – um quadro⁵ que pode colaborar para a aprendizagem do aluno:

⁴ Conforme Possenti & Ilari (1987:14), “definir ‘gramática’ como um conjunto de regras internalizadas é apenas admitir a hipótese de que, para produzir expressões lingüísticas, um falante não atua por intenção, mas acionando um conhecimento implícito adquirido na comunidade em que vive”.

⁵ O quadro montamos a partir dos textos de Risso (1994) e Faraco & Tezza (1992).

Língua oral	Língua escrita
- aprendemos naturalmente; basta a criança conviver com pessoas que falam a língua para que em dois anos domine o sistema lingüístico;	- aprendizagem lenta, é preciso que alguém nos ensine a escrita;
- contexto presente, sem exigência de pormenores.	- exigência da exposição do contexto, para que a palavra e/ou enunciado adquira o sentido desejado pelo locutor.
- recursos expressivos: gestos, entonação, sobreposição de vozes, ritmo, expressão facial e outros;	- recursos expressivos: usamos aspas, palavras sublinhadas, palavras em letra maiúscula, exageramos na pontuação, para tentarmos produzir o mesmo efeito da oralidade;
- tempo de processamento rápido entre a elaboração mental do discurso e sua manifestação verbal;	- tempo de processamento lento: exige um planejamento mais detalhado (rascunho mental). Na escrita não há a pressão do ouvinte;
- adensamento de certas marcas: elipses, unidades dêiticas, anacolutos, hesitação, correções, repetições, orações truncadas;	- recursos de compactação lingüística, expressos por uma variadíssima gama de relações de dependência lógico-semântica entre as proposições, que permitem maior densidade informacional, contida em unidades sintáticas mais elaboradas e integradas entre si;
- presença do interlocutor (mesmo tempo, mesmo espaço), dispensando uma série de informalidades. Essa relação direta com o interlocutor, pode facilitar a mensagem.	- leitor pode ser conhecido ou não, que pode estar em espaço e tempo diferentes da manifestação do discurso.
- mudança brusca de assunto: a própria situação da fala cria uma unidade temática que pode ser renovada no momento desejado pelo falante, e até mesmo interrompida pelo interlocutor.	- mudança de assunto: encerramos um texto e começamos outro, ou se pertence à mesma temática, podemos dividir em capítulos. Todo texto exige coesão entre as partes, que se ligam uma às outras, submetidas todas à unidade global do texto.

Nesse quadro, deixamos de lado a dicotomia formal/informal. Consideramos que a língua oral pode ser informal, no caso da comunicação no cotidiano, numa conversa espontânea, e formal, em uma conferência, ou palestra. Assim, também acontece com a língua escrita, pode ser formal, no caso de textos para instituições, documentos, livros e quando não conhecemos o leitor, e pode ser informal, quando a usamos para cartas a amigos, bilhetes, e outros.

Mesmo centralizando o nosso estudo na língua escrita, não podemos desprezar a fala, já que vários são os problemas referentes à influência da oralidade na escrita. A razão é que a fala tem uma prioridade histórica sobre a escrita, e envolve todo o comportamento social e toda forma de comunicação.

Além disso, ao estudarmos a língua oral,

abre-se a oportunidade para envolver, de forma prática, questões globalmente evitadas no ensino de uma língua, tais como as noções de norma, dialeto, registro, variação, variedade, correção, discriminação, adequação, entre outras. Será, enfim, uma ocasião concreta para se ter em conta a não-uniformidade da língua e para esclarecer aspectos relativos à formação do preconceito lingüístico com relação a algumas variedades. (RISSO, 1994:56)

1.5.2. Problemas no ensino-aprendizagem da redação escolar

Envolvido com problemas de variação lingüística e a dificuldade de alfabetização, o ensino da língua portuguesa se preocupa em fazer com que os alunos aprendam a expressar seus pensamentos e suas idéias por meio de uma escrita bem elaborada, clara e precisa.

Os alunos reconhecem a necessidade de praticar a escrita para alcançar uma realização profissional, mas sentem-se despreparados, pois o ensino de redação ainda

encontra uma série de dificuldades, que prejudicam o processo de ensino-aprendizagem da escrita, tais como:

- os alunos são de classes sociais diferentes. Alguns têm acesso a jornais, revistas, livros, e outros não. Por esta razão, quando são colocados a discutir determinados assuntos, não conseguem, pois não têm um grau de informatividade suficiente para desenvolver seus argumentos.
- há problemas vindos de fases anteriores, que não valorizaram a relação da expressão do pensamento e a linguagem, e os alunos chegam ao final do ciclo escolar sem intimidade alguma com a língua escrita, sem ainda perceber a diferença entre a oralidade e a escrita.
- há tipos de exercícios que oferecem o produto pronto, definido, deixando de lado a criatividade dos alunos. Eles costumam responder automaticamente, sem recorrer a reflexão, e não conseguem perceber as relações entre os elementos de uma oração, de um período, de um texto.
- a falta de leituras de textos diversos faz com que os alunos tenham dificuldade de perceber o sentido de um texto que necessita de uma leitura mais profunda.

Todas essas dificuldades refletem-se claramente na produção de texto dos alunos, e acabam provocando os seguintes problemas:

- frases isoladas, dificultando a leitura e a compreensão do sentido: o texto apresenta alguns fluxos de pensamento do autor, sem a preocupação com um planejamento. O aluno coloca no pedaço de papel as idéias que aparecem em sua mente sem uma organização.
- frases incompletas: também sem se preocupar com a organização, o aluno lança argumentos soltos, que não são desenvolvidos durante o texto, tornando-os frágeis e questionáveis.
- elevada importância dos aspectos de ortografia, sem preocupação com os aspectos sintáticos-semânticos: não há uma atenção com a seleção de idéias, de argumentos, de modo a deixar o texto vazio.
- falta de compreensão, de interpretação; o aluno não entende o que lê e, às vezes, o que escreve.

Não que sejam os únicos problemas apresentados nos textos escolares, mas são os que selecionamos para abordar em nossa análise, já que todos de alguma forma interferem na orientação argumentativa do texto.

2. TEXTO OU DISCURSO?

O discurso tem com o espírito a mesma relação que as drogas com o corpo. Assim como estas provocam disposições diferentes no corpo, algumas delas pondo fim à doença e outras à vida, também as palavras podem provocar a alegria ou a dor, o medo ou a confiança, ou, por meio de uma persuasão mal intencionada, adormecer e enfeitiçar o espírito. (Górgias, in Bellenger, 1987:14)

Como toda a nossa pesquisa está fundamentada no estudo do texto escolar, não podíamos deixar de abordar o conceito de discurso e de texto, sem perder de vista a função principal da linguagem, a interação entre os sujeitos do discurso.

2.1. Discurso e ideologia

Como Pécora (1983:48), consideramos discurso como a “manifestação verbal capaz de se recobrir de um valor intersubjetivo e pragmático: capaz de representar uma ação entre interlocutores, no interior de uma situação particular de produção”. O produtor deve dominar todos os elementos que permitam que a redação seja reconhecida como uma totalidade semântica, e esta unidade semântica configurar um discurso.

O discurso, ao ser produzido, não é neutro nem ingênuo, ele carrega em si uma manifestação de ideologia materializada pela língua. Segundo Fiorin (1988:28), ideologia é o “conjunto de idéias, representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens”. Não existem idéias fora dos quadros da linguagem, por isso, para cada formação ideológica temos uma formação discursiva, a qual materializa uma visão de mundo, impondo ou determinando o que deve ser dito. Dessa forma, o discurso exprime a realidade.

A manifestação do discurso se dá no nível do texto. Assim como o discurso pertence ao plano de conteúdo, o texto pertence ao plano de expressão, organizando da melhor forma possível os elementos que veiculam o discurso.

Portanto, o discurso para ser bem compreendido necessita de que todos os seus elementos estejam bem estruturados e coerentes para produzir o sentido desejado pelo locutor, devendo, assim, constituir um texto.

2.2. Conceitos de texto

Qualquer falante pode formar um texto, basta conhecer as regras, as relações das frases, para produzir seqüências textuais bem formadas e interpretar as que recebe. Mas, poucos falantes conseguem definir o que seja um texto.

A maioria dos estudiosos designa o texto como um todo significativo, ou seja, como uma unidade semântica. Nesse caso, podemos destacar Fávero e Koch, Halliday e Hasan.

Segundo Fávero e Koch (2000:25), o texto consiste

em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo, independente de sua extensão. Trata-se, pois, de uma unidade de sentido, de um contínuo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela *tessitura* do texto – os critérios ou padrões de textualidade, entre os quais merecem destaque especial a coesão e a coerência.

Também focalizando a importância das relações entre os enunciados de um texto, os autores Halliday e Hassan (1976:3) definem o texto como:

a unit of language in use. It is not a grammatical unit like a clause or a sentence; and it is not defined by its size (...) A text is best regarded as a SEMANTIC unit; a unit not of form but by REALIZATION, the coding of one symbolic system in another. A text does not CONSIST of sentences; it is REALIZED by, or encoded in, sentences⁶.

Para esses autores, o que faz com que se defina um texto são as relações de sentido estabelecidas entre os enunciados por meio de certos fatores (elementos coesivos), que fazem com que a interpretação de um termo, frase ou parágrafo, dependa de outros elementos anterior ou posteriormente colocados dentro do texto.

Assim como Fávero e Koch, Halliday e Hassan, Weinrich (1974:275) também se importa com a questão das relações entre as orações para formar um texto:

Un texto es, sin duda, una totalidad en la que todo está relacionado entre sí. Las oraciones se siguen unas a otras en un orden lógico, de forma que cada oración entendida ayuda a la comprensión orgánica de la siguiente. Por otra parte, la oración siguiente, si es entendida, influye a su vez sobre la comprensión de la oración precedente, de forma que se entiende mejor al volver a pensar en ella. Así es como alcanzamos la comprensión de un texto.⁷

⁶ “uma unidade de língua em uso. Ele não é uma unidade gramatical como uma frase ou uma sentença; e não é definido por seu tamanho (...) Um texto é melhor definido como uma unidade semântica; uma unidade não de forma, mas por REALIZAÇÃO, a codificação de um sistema simbólico em outro. Um texto não CONSISTE de sentenças; ele é REALIZADO por, ou codificado em, sentenças.”

⁷ “Um texto é, sem dúvida, uma totalidade em que tudo está relacionado entre si. As orações seguem-se uma às outras em uma ordem lógica, de forma que cada oração entendida ajuda a compreensão orgânica da seguinte. Por outra parte, a oração seguinte, se é entendida, influi por sua vez sobre a compreensão da oração precedente, de forma que se entende melhor quando se volta a pensar nela. Assim é como alcançamos a compreensão de um texto.”

Já para Elisa Guimarães (1993:14), a palavra texto designa

um enunciado qualquer, oral ou escrito, longo ou breve, antigo ou moderno. Concretiza-se, pois, numa cadeia sintagmática de extensão muito variável, podendo circunscrever-se tanto a um enunciado único ou a uma lexia quanto a um segmento de grandes proporções.

Para a autora, um romance, uma frase de situação e até uma palavra podem constituir um texto.

Hjelmslev (1987:180) considera texto qualquer manifestação lingüística, desde que esteja construído sobre um certo sistema, sendo que esse sistema é a língua; e somente mediante a análise do texto aprenderemos a conhecer a língua:

La característica própria de una sucesión, y, por lo tanto, de un texto, es la de estar sometida a la regla general de orden en la posición: consta de unidades cuyos componentes están dispuestos en una forma definida, de manera que ocupen posiciones definidas.⁸

Para o autor, o texto é qualquer manifestação da língua, qualquer ato de linguagem, em que as palavras estão organizadas em posições definidas.

Dessa mesma forma é para Ducrot & Todorov (2001:267), em que o texto “pode coincidir tanto com uma frase quanto com um livro inteiro (...) O texto é um sistema conotativo, pois é secundário relativamente a outro sistema de significação.” Se podemos analisar os componentes fonológico, sintático e semântico de uma frase, podemos também analisá-los no texto. Seria, então, a propósito do texto, falar-se do *verbo* constituído por elementos lingüísticos das frases que o compõe (fonológicos, gramaticais); também falar-se do *aspecto sintático*, referindo-se às “relações entre unidades textuais (frases, grupo de frases)”; e falar-se do *aspecto semântico*, “o conteúdo semântico das unidades lingüísticas”.

⁸ “A característica própria de uma sucessão, e, portanto, de um texto, é a de estar submetida à regra geral de ordem na posição: consta de unidades cujos componentes estão dispostos em uma forma definida, de maneira que ocupem posições definidas.”

Observando todos esses conceitos, nesta pesquisa, consideramos o texto *como uma unidade de sentido, caracterizada pelo conjunto de relações – critérios de coesão e coerência –, as quais envolvem as intenções e as idéias do locutor, revelando a orientação argumentativa dos enunciados que compõem aquela unidade.*

2.3. Texto e sentido

Sendo a linguagem concebida em sua forma interacional, em que os sujeitos trocam suas relações sociais,

o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos. Dessa forma há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação.” (KOCH, 2002:17)

Entendendo o texto desta forma, a compreensão passa a ser uma atividade interativa que se descobre nos próprios elementos lingüísticos do texto e na sua organização, recorrendo também a um vasto conjunto de conhecimentos e estratégias para interpretar o texto e sua função dentro do evento comunicativo.

Pela compreensão chegamos ao sentido do texto, que é constituído na interação entre os sujeitos, por meio de um texto lingüisticamente organizado, coerente com as experiências e conhecimentos, indicando, pelo contexto, pelas pistas e pelas sinalizações, as conclusões que o texto aponta.

Tem-se, assim, como peças desse jogo:

1. o produtor/planejador, que viabiliza o seu “projeto de dizer”, recorrendo a uma série de estratégias de organização textual que orienta o seu interlocutor, pelas sinalizações que propiciam a construção dos (possíveis) sentidos;
2. o texto, que, organizando-se estrategicamente de dada forma, em decorrência das escolhas feitas pelo produtor dentro das diversas possibilidades que a língua oferece para a sua produção, estabelece limites quanto às possíveis leituras;
3. o leitor/ouvinte, que, a partir do modo como o texto se encontra lingüisticamente construído e das sinalizações que lhe oferece, colabora para a construção dos sentidos adequados ao contexto relevante à interpretação.

(KOCH, 2002:19)

O texto permite ao homem organizar cognitivamente o mundo, tornando-se um meio eficiente de intercomunicação, de produção e transmissão do saber. É pelo texto que alguns aspectos da realidade adquirem validade no meio social, tornando o conhecimento visível, existente.

3. ENUNCIACÃO/ENUNCIADO

A verdadeira substância da linguagem não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação ou pelas enunciações. A interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da linguagem. (Bakhtin, 1986:123)

Na visão da linguagem como interação social, em que o interlocutor também desempenha um papel importante na formação do significado de um texto, todo ato de enunciação revela as relações intrínsecas entre o lingüístico e o social. A enunciação orienta socialmente e procura adaptar o interlocutor ao contexto imediato da fala.

Por esta razão, fazem-se importantes em nosso estudo os conceitos de enunciação e de enunciado, já que ambos são componentes necessários para a explicação da estrutura semântica do ato interativo.

3.1. Enunciação

Para Anscombre e Ducrot (1976:18), 'l'énonciation sera pour nous l'activité langagière exercée par celui qui parle au moment où il parle. Elle est donc par essence

historique, événementielle, et, comme telle, ne se reproduit jamais deux fois identique à elle même”⁹.

Ducrot (1987:65) considera a enunciação como evento histórico, e “cada ato de enunciação constitui um acontecimento único, que implica um locutor particular”. O autor enfatiza a questão da enunciação em relação ao momento em que é produzida.

Para uma melhor compreensão, Martins (1989:189) diz que a “enunciação é um ato de comunicação verbal”, funcionando deste modo: “um indivíduo A põe em funcionamento a sua língua para dizer alguma coisa a outro(s) indivíduo(s) B (C, D, E... N) que deve(m) conhecer também a mesma língua”. Nessa visão, a enunciação implica em falar e ouvir.

Martins (1989), observando Cathérine Kerbrat-Orecchioni (in: *L'énonciation de la subjectivité dans le langage*, p. 28), mostra que a enunciação não envolve só “quem fala no momento em que fala”, “mas também aquele que ouve no momento em que ouve”, completando, assim, a definição de enunciação de Anscombre e Ducrot (1976).

3.2. Enunciado

Segundo Martins (1989:189), “o produto do ato de enunciação é o enunciado, seqüência acabada de palavras de uma língua emitida por um falante. Pode-se estabelecer uma equivalência do tipo – enunciação: enunciado::fabricação:fabricado”. Um enunciado ou até mesmo uma seqüência de vários enunciados podem constituir um discurso.

⁹ “a enunciação será para nós a atividade de linguagem exercida por aquele que fala no momento em que fala. Ela é, pois, por essência história, factual, e, como tal, não se reproduz jamais duas vezes da mesma maneira.”

Já preocupado com questões ideológicas, Pêcheux (1986:160) coloca que

o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe ‘em si mesmo’ (isto é, em sua relação com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas).

O autor procura mostrar que um enunciado não informa apenas, mas produz efeitos de sentido, segundo as ideologias de seus interlocutores e os aspectos históricos em que está inserido.

Com o enfoque na questão da situação em que o enunciado é produzido, encontramos Foucault (2000:32), que define o enunciado como “único”, “mas que está aberto à repetição, à transformação, à reativação”; porque está ligado “a situações que o provocam, e a conseqüências que incita, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem”.

Para Foucault, o enunciado é indispensável para dizer se há ou não frase e ato de linguagem, e se as frases e os atos estão bem formados e cumprem todos os requisitos, de acordo com a situação do ato comunicativo. Essa situação envolve “as estratégias socioculturais e cognitivas” que colaboram para a interação entre os sujeitos do discurso; diz respeito “às escolhas textuais para realizar determinados sentidos previstos ou não, desejados ou não pelo produtor”. (KOCH, 2002:51)

Também centrado no aspecto da situação, Ducrot (1989:13) define o enunciado como “um segmento de discurso. Ele tem, pois, como o discurso, um lugar e uma data, um produtor e (geralmente) um ou vários ouvintes. É um fenômeno empírico, um observável, e, a este título, não se repete”.

Para Ducrot (1989:13), todo enunciado é produzido numa dada situação comunicativa, e esta não pode se repetir; não podemos estar na mesma data, no mesmo lugar, com as mesmas pessoas da comunicação: “se digo duas vezes seguidas uma coisa que é habitualmente transcrita ‘O tempo está bom’, produzo dois enunciados diferentes, e isto somente porque o momento da sua enunciação é diferente”.

Dessa forma, com o que vimos em enunciado e enunciação, consideramos o *enunciado* como um segmento do discurso, tendo o contexto¹⁰ em que é produzido e ouvido – local, data, locutor e ouvinte(s). Todo enunciado tem uma intencionalidade que constitui o seu sentido, fazendo com que exista um jogo persuasivo entre os interlocutores. Como exemplo deste jogo persuasivo, apresentamos dois enunciados:

- a) Ele não leu todos os romances de Balzac.
- b) Ele leu alguns romances de Balzac.

O primeiro, (a), é necessariamente orientado em direção a uma conclusão negativa: “A pessoa conhecia insuficientemente Balzac.”

Já o segundo enunciado, (b), está orientado em direção a uma conclusão positiva: “A pessoa conhece Balzac.” (DUCROT, 1980:7)

Assim, mesmo que a pessoa de *a* conheça muito mais Balzac do que a pessoa de *b*, a intenção tomou a direção inversa.

Já a *enunciação*, consideramo-la como um evento histórico em que, sendo a enunciação um ato de colocar em funcionamento a língua para dizer o que se quer

¹⁰ Lembremos: o contexto abrange “a situação de interação imediata, a situação mediata (entorno sociopolítico-cultural) e também o contexto sociocognitivo dos interlocutores, englobando todos os tipos de conhecimentos arquivados na memória dos actantes sociais, que necessitam ser mobilizados por ocasião do intercâmbio verbal”. (KOCH, 2002:24)

dizer, não podemos deixar de lado a situação em que a língua é utilizada, qual o momento em que se fala e qual o momento em que se ouve. Assim, como o enunciado, o sentido estará relacionado com o contexto em que acontece a enunciação.

3.3. A dêixis

A enunciação tem um *locutor* e um *alocutário*, acontecendo em um determinado momento (*tempo*) e em um determinado lugar (*espaço*). Esses elementos da enunciação são representados pelos dêiticos *eu/tu – aqui/agora*.

Sobre as pessoas da enunciação, Cervoni (1989:25) apresenta um esquema:

EU-----pessoa que fala (papel ativo- posso falar de mim)

EU-----pessoa de quem se fala (papel passivo – alguém pode falar de mim)

TU-----pessoa que ouve e pode tomar a palavra (papel ativo – pode receber e falar sobre a mensagem)

TU-----pessoa de quem se fala (papel passivo – alguém pode falar de você)

ELE-----pessoa da qual se fala (papel passivo – do que se falou)

Os dêiticos eu/tu são palavras que designam, dentro do enunciado, os elementos que constituem a enunciação.

O pronome pessoal *ele* é um objeto necessário da fala. Segundo os lingüistas lógicos, esse pronome representa o *argumento*¹¹.

As duas primeiras pessoas *eu/tu* se opõem à pessoa *ele*, que é apenas a pessoa da qual se fala, tendo só o papel passivo no ato da linguagem, mas as três pessoas servem para representar o objeto de fala, sendo que o “eu” passa a ser o centro da enunciação e identifica-se como sujeito.

Toda essa noção simplista de sujeito fica muito restrita diante da complexidade que oferece um discurso.

Benveniste (1976), percebendo essa complexidade, define o sujeito como um “eu” que só se constitui quando interage com um “tu”. Mesmo o “tu” sendo indispensável, o “eu” continua como ascendente sobre o “tu”, e, por isso, como fonte do sentido.

Contrariando essa idéia de Benveniste, do sujeito “eu” como centro e origem de todo o sentido, na concepção de língua como lugar de interação, encontramos o sujeito histórico e social, afetado por ideologias, que, construindo-se em sociedade, adquire a capacidade de interagir. É na interação que tanto o “eu” como o “tu” tornam-se sujeitos ativos responsáveis para que o ato comunicativo aconteça, produzindo o social, conforme participam da situação na qual se encontram. Portanto, o “eu” deixa de ser o centro da relação, e só constrói sua identidade na interação com o outro. Dessa forma, a fonte do sentido é encontrada no próprio espaço discursivo criado pelos sujeitos da interação.

¹¹ O pronome pessoal *ele* na enunciação “seria o *contexto*, não tem a palavra como os outros dois: se, num certo sentido, ele é um participante, de modo algum poderia tornar-se um locutor”. (CERVONI, 1989:30)

Segundo Brandão (1996:49), para a noção de sujeito torna-se fundamental a noção de história, já que o discurso é produzido num determinado lugar e tempo, sendo o tempo histórico (sujeito histórico) e o espaço social (sujeito ideológico). Assim, o sujeito projeta o seu discurso num espaço e tempo, orientado socialmente, situando-o em relação aos discursos do seu destinatário, para quem planejou e ajustou sua fala, e também aos discursos historicamente já constituídos.

Como vimos, a noção da dêixis no enunciado deixa de ter uma definição restrita, e passa a ter um caráter ativo no ato de interação entre os sujeitos, de forma que, abrangendo toda a complexidade do discurso, estes constituem-se como pontos fundamentais para o seu sentido.

3.4. Os atos de linguagem

Além da dêixis, todo enunciado tem um valor de ato, que se torna parte constitutiva de seu sentido.

Toda frase dotada de significação pode ser utilizada para executar um ou uma série de atos de fala. Portanto, qualquer coisa que se queira dizer pode ser dito, mas isso não implica que tudo que foi dito pode ser compreendido pelo ouvinte. Para Searle (1984:32) há uma série de conexões analíticas entre a noção de ato de fala: “aquilo que o falante quer dizer, o que a frase (ou outro elemento lingüístico) enunciada significa, o que o falante pretende, o que o ouvinte compreende e a natureza das regras que regem os elementos lingüísticos”.

A fim de um estudo um pouco mais detalhista sobre a questão do ato de linguagem, começemos pelos tipos de enunciados.

Segundo Austin (1970:153), há dois tipos de enunciados: os *constatativos* e os *performativos*.

Os constatativos são aqueles que afirmam algo que pode ser verdadeiro ou falso.

Os performativos são enunciados cuja enunciação é a execução de uma ação. São eles:

1. *Veriditivos*: “il s’agit essentiellement de se prononcer sur ce qu’on découvre à propôs d’un fait ou d’une valeur, mais dont, pour différentes raisons, ou peut difficilement être sûr”¹².

Os veriditivos constituem uma estimativa, uma avaliação ou uma apreciação sobre um fato, seria um exercício de julgamento. Temos, por exemplo, enunciados do tipo: “Eu *julgo* que...”; “Eu *avalio* que...”.

2. *Exercitivos*: “renvoie à l’exercice de pouvoirs, de droits, ou d’influences”¹³.

Os exercitivos têm, como exemplo, o ato de *nomear, de votar, de comandar, de aconselhar*.

3. *Promissivos (comissivos)*: “est caractirée par lê fait que l’on promet, ou que l’on prend en charge quelque chose”¹⁴.

¹²“Trata-se essencialmente de se pronunciar sobre algo que se descobre a propósito de um fato ou de um valor, mas do qual, por diferentes razões, pode-se, dificilmente, ter certeza dele.”

¹³ “Remetem ao exercício de poderes, de direitos, ou de influências.”

¹⁴ “São caracterizados pelo fato de se prometer, ou de se obrigar a alguma coisa.”

Os comissivos, assim chamados, são enunciados que nos induzem a uma ação, considerada como obrigação, permitindo a manifestação das intenções. Exemplos: *prometer, jurar, consentir, declarar em favor de, consagrar-se a, garantir que, propor-se a*.

4. *Comportamentativos*: “constitue un groupe très disparate, qui a trait aux attitudes et au comportement social”¹⁵.

Os comportamentativos constituem o ato de adotar uma atitude ou comportamento social. São exemplos: *as desculpas, as felicitações, as blasfêmias, as condolências, as provocações*.

5. *Expositivos*: “nous pouvons dire qu’en général ils permettent l’exposé i”¹⁶.

Os expositivos visam esclarecer algo, explicar os argumentos, os motivos no desenrolar de uma conversação. Exemplo: *conceder, ilustrar, ter por experiência, colocar como postulado, explicar, detalhar, formular*.

Partindo da análise dos performativos, Austin destaca três categorias de atividades lingüísticas: locução, ilocução e perlocução.

¹⁵ “Constituem um grupo muito disparate (discordante), que tem tratado as atitudes e o comportamento social.”

¹⁶ “Podemos dizer que, em geral, eles permitem uma exposição (explicação).”

3.4.1. As três espécies de atos de linguagem: locutório, ilocutório, perlocutório

Segundo Austin (1970), o *ato locutório* é o ato de produzir sons, combinar palavras numa construção de acordo com uma gramática; o *ato ilocutório* é aquele que se realiza *dizendo*; o *ato perlocutório*, aquele que se realiza *pelo fato de dizer*.

Vejamos os exemplos apresentados pelo autor (Austin, 1970:114):

1. Ato locutório:

Il me dit: "Tu ne peux faire cela". (Ele me disse: "Você não pode fazer isso.")

2. Ato ilocutório:

Il protesta contre mon acte. (Ele protestou contra meu ato.)

3. Ato perlocutório:

a) *Il me dissuada, me retint.* (Ele me dissuadiu, reteve-me.)

b) *Il m'arrêta, me ramena au bom sens, etc.* (Ele me deteve, reconduziu-me ao bom senso, etc.)

Il m'importuna. (Ele me importunou.)

Já Vogt (1989:96) define o ato ilocucional e o ato perlocucional desta forma:

a) ato ilocucional: "fazer alguma coisa sem contentar-se apenas em dizê-la".

b) ato perlocucional: o que é produzido é efetuado dizendo esta mesma coisa ou pelo fato de dizê-la.

A partir do que dizem Austin e Vogt, chegamos à conclusão de que:

- a) o ato locucional: produz sons, segue regras gramaticais, tem uma determinada significação (denotativa), faz referência ou conhece os fatos que descreve. Uma locução é o ato de dizer algo com uma referência e significação.
- b) o ato ilocucional: diz algo, pratica ou realiza algo ao dizer (ordens, interrogações, asserções).
- c) o ato perlocucional: diz algo, produz algo pelo fato de dizer. É um ato produzido pela linguagem quando se quer humilhar, ofender, persuadir, convencer. Este ato produz uma série de significações, sendo, assim, uma atividade indireta da fala – o que chamamos de significações implícitas.

Nas significações implícitas encontramos “*as indicações modais* das intenções do falante, ou seja, o modo como o conteúdo é comunicado é que estabelece, no enunciado, as condições particulares no interior das quais se dá a comunicação”. (KOCH, 1987:28)

A significação implícita tem grande ocorrência nas produções textuais, pois o locutor tem suas pressuposições que são correspondidas de acordo com o conhecimento de mundo de seu alocutário. O sentido do texto dar-se-á na relação comunicativa entre seus interlocutores.

3.5. A pressuposição e o subentendido

Para Ducrot (1977:16-32) há três formas de implícitos: *implícito baseado na enunciação* (subentendidos); *implícito baseado no enunciado* (inferência); *implícito do enunciado* (pressuposição lingüística de Ducrot).

Ducrot (1987:38) chama *pressupostos* de um enunciado,

às indicações que ele traz, mas a partir das quais o enunciador não quer (quer dizer, faz como se não quisesse) fazer recair o encadeamento. Trata-se de indicações que se dão, mas que se dão à margem da linha argumentativa do discurso. Se se admite essa concepção, é possível reconhecer como pressupostos, ao nível do enunciado, elementos semânticos que, nas teorias clássicas, não teriam direito a esse rótulo – pois não é possível descobri-los, ao nível de frases por meio de critérios tradicionais.

O autor trata a pressuposição como uma parte do sentido¹⁷ dos enunciados. Por exemplo, dizer que pressupomos um enunciado como “Talvez chova”, é dizer que pretendemos que o nosso destinatário admita que “irá chover”, ou pelo menos perceba que há iminência de que haja chuva, sem por isso ser necessário o prosseguimento do diálogo a propósito do enunciado “Talvez chova”.

Pressupor seria situar o diálogo na hipótese de que o ouvinte já soubesse o que seria dito, pretendendo obrigá-lo a considerar que o conteúdo pressuposto seja uma verdade inquestionável.

Os pressupostos têm como características principais a conservação no jogo de perguntas e respostas, a redundância que assegura a coesão, e a exterioridade que guardam em relação ao encadeamento dos enunciados.

Para facilitar toda essa explicação, colocamos a seguir o exemplo de Ducrot (1987:37), demonstrado por Koch (1987:66). Em “Pedro deixou de fumar”, o locutor pode ter o intuito de mostrar que “Pedro é mais enérgico que ele (o seu interlocutor)**1**” ou que “deixar de fumar é uma prova de energia **2**”, sendo que **2** é necessário para o

¹⁷Entenda-se sentido, neste caso, “como a maneira pela qual o enunciador apresenta seu ato de enunciação, a imagem que pretende impor ao destinatário de sua enunciação, a imagem que pretende impor ao destinatário de sua fala”. (DUCROT, 1987:42)

aparecimento de **1** como algo asseverado, posto, apoiando em encadeamentos discursivos e argumentativos: “Pedro deixou de fumar: você deveria envergonhar-se”. O tipo de subentendido **2**, em que nos apoiamos para produzir **1**, mas que não é diretamente suscetível de receber um encadeamento, constitui um pressuposto.

Já Lopes (1995:289) explica da seguinte forma:

- a) *posto*: autoriza-se no “eu” (enunciado) locutor;
- b) *pressuposto*: autoriza-se no “nós”, locutor e alocutário;
- c) *subentendido*: autoriza-se no “tu” – conclusões do enunciado.

O “posto” e o “pressuposto” são marcados no enunciado, já o subentendido está ausente do enunciado, ele realiza-se no processo de raciocínio do alocutário.

Não diferente do que já foi definido, para Vogt (1977:31), o pressuposto é uma forma de implícito do enunciado. “Enquanto o posto, constituindo a significação explícita do enunciado, comunica e informa, o pressuposto constitui o conteúdo de um ato de fala específico, o ato de pressupor.”

Quando um locutor diz ‘Maria está chorando, logo deve ter apanhado do marido’, faz com que o seu interlocutor compreenda que Maria só chora quando apanha do marido, levando em consideração que o interlocutor já saiba as condições em que se encontra a relação de Maria com o marido. Ou melhor,

- (a) Maria está chorando. (posto, realizado pelo “eu”)
 - (b) Maria só chora quando apanha do marido. (pressuposto, realizado pelo “nós”)
 - (c) Logo, Maria deve ter apanhado do marido. (subentendido, realizado pelo “tu”)
-

Portanto, o ato de pressupor impõe ao interlocutor as condições sobre as quais o locutor pretende desenvolver o seu diálogo, criando obrigações e instaurando um acordo entre ambos.

Não diferente dos outros autores, Schmdit (1978:101) considera a pressuposição como um conceito situado ao nível da comunicação. Para o autor, somente há um “jogo de atuação comunicativa”, quando os interlocutores dispõem de “um conjunto comum de pressuposições” consideradas como verdadeiras. E acaba por classificar as pressuposições da seguinte forma:

- a) *pressuposições léxico-semânticas*: o locutor supõe que o receptor tenha um conhecimento da relação dos traços semânticos de um lexema e suas possíveis associações em certos contextos. Exemplo: “divorciado” – humano/casado; pressupõe-se que o morfema *o*, indicando o gênero masculino, faça referência a um homem (humano) e que foi casado (divorciado), conhecido tanto pelo locutor quanto pelo interlocutor.
- b) *pressuposições sintático-semânticas*: há nos interlocutores conhecimentos implícitos de valores semânticos e técnicas de estruturas sintagmáticas. Exemplo: “ou corre, ou dorme” – pressupõe-se que “correr” não implica “dormir”, deve haver uma escolha.
- c) *pressuposições contextuais*: o locutor faz suposições implícitas associadas a um fragmento de texto e seu entorno lingüístico. Exemplo: suposições que regulam a escolha entre: “macho” ou “homem”; o contexto determina a escolha de “macho”, como homem bruto, figura animal, ou, simplesmente, “homem”, como figura humanizada.

- d) *pressuposições situacionais*: o locutor faz suposições implícitas através de certas percepções e avaliações da situação comunicativa. Exemplo: pressuposição sobre os dêiticos: “Amanhã, irás para lá.”; amanhã (tempo), lá (espaço), irás (marca da pessoa “tu”).
- e) *Pressuposições pragmático-semântico-referenciais*: “o locutor faz suposições implícitas sobre os sistemas correlatos (modelos da realidade, universos textuais, sistemas referenciais sócio-culturais), que podem ser referidos aos elementos do texto”. Exemplo: decide-se, num determinado lugar do texto, se cabe “democracia” ou “dominação partidária”.
- f) *Pressuposições semânticas de atuação*: o locutor supõe implicitamente sobre tipos de comunicação para uma determinada sociedade. Exemplo: uma palestra para professores a fim de ensiná-los a lidar com alunos dependentes de drogas, e uma conversa sobre “educação” para alunos dependentes de drogas; nestes casos, a atuação do locutor dependerá da situação e dos interlocutores para os quais está determinado a falar sobre o assunto de “drogas e educação”.

Enfim, relevando todas essas considerações e facilitando o entendimento da pressuposição e do subentendido, seguimos as definições de Koch (1987:61):

- a) *pressuposição*: parte integrante do sentido dos enunciados; considera-se como um elemento do sentido (entendendo o sentido como a maneira pela qual o enunciador apresenta o seu ato de enunciação, a imagem que deseja impor ao destinatário pela sua tomada de palavra); possibilita que o locutor se retrate (a

informação pressuposta é colocada à margem do discurso, de modo que o locutor não pode ser atacado a seu propósito).

- b) *subentendido*: ato subentendido, diz como o sentido dos enunciados deve ser decifrado pelo destinatário; concerne ao modo como este sentido é manifestado, ao processo no termo do qual o destinatário deve descobrir a imagem da nossa fala que pretendemos lhe dar; possibilita que o locutor se retrate (o locutor se apresenta sua fala como um enigma que cabe ao destinatário resolver, o sentido, sempre considerado como um “retrato” da enunciação, é, então, um retrato cuja responsabilidade o locutor deixa ao destinatário).

Na interpretação de um texto, é fundamental detectar os pressupostos, já que seu uso é um dos recursos argumentativos. Ao introduzir um pressuposto, o locutor transforma o seu ouvinte em um cúmplice do seu discurso, de forma que seus argumentos só contribuam para confirmar suas idéias.

Para ter esse resultado satisfatório no uso dos pressupostos é necessário que o leitor conheça, mesmo que de forma parcial, a situação do discurso, assim, torna-se capaz de reconstituir o sentido do texto, estabelecendo as relações desejadas pelo produtor entre as informações explícitas e implícitas veiculadas no discurso.

Todos esses processos de pressupostos, subentendidos e da própria argumentação fazem parte dos domínios do campo enunciativo.

3.6. O campo enunciativo

Para concluirmos a teoria sobre o enunciado, objeto de nosso estudo, faz-se necessária uma configuração do campo enunciativo apresentada por Foucault (2000:64).

Para o autor há três elementos que constituem o campo enunciativo:

- a) *campo de presença*: envolve os enunciados retomados em um discurso para “título de verdade admitida, de descrição exata, de raciocínio fundado ou de pressuposto necessário”. As relações podem se dar na ordem “da verificação experimental, da validação lógica, da repetição pura e simples, da aceitação justificada pela tradição e pela autoridade, do comentário, da busca das significações ocultas, da análise do erro”.
- b) *campo de concomitância*: envolve os enunciados “que se referem a domínios de objetos inteiramente diferentes e que pertencem a tipos de discurso totalmente diversos, mas que atuam entre os enunciados estudados”, os quais valem como confirmação analógica ou como princípio geral e como premissas para um raciocínio, ou ainda valem como modelos para outros conteúdos, ou funcionam como instância superior “com a qual é preciso confrontar e submeter, pelo menos, algumas proposições que são afirmadas”.
- c) *domínio de memória*: envolve enunciados que não são nem discutidos mais, apenas estabelecem laços de filiação, gênese, transformação, continuidade e descontinuidade histórica.

A partir dos tipos de enunciados que constituem o campo enunciativo, podemos compreendê-los na estreiteza de sua situação, determinando a sua existência, sua função e seus limites, e estabelecer relações entre eles, observando as formas de enunciação que podem excluí-los ou não.

Conhecendo as modalidades enunciativas, os tipos de enunciados e todos os seus elementos, podemos melhor analisar os processos discursivos, os quais constituem a fonte da produção dos efeitos de sentido no texto.

4. A ARGUMENTAÇÃO

A persuasão torna-se então uma prática de comunicação “calculada” em função de um resultado. Ela se enquadra no pensamento estratégico, leva em conta as vulnerabilidades do outro, ao mesmo tempo em que pensa e administra seu próprio arsenal de meios. Abastece-se no armazém da retórica, muito bem fornido por diferentes correntes, desde os sofistas, Aristóteles e os mestres da arte retórica. Recorre à “psicologia das profundezas”, que a informa sobre os sistemas de defesa do eu, os processos de identificação, a teoria das emoções, o jogo dos desejos e das necessidades, ou as molas da ansiedade. (Bellenger,1987:8)

Nas relações com outros indivíduos, o homem usa a *linguagem* como um mecanismo de ação carregado de intencionalidade.

A linguagem torna-se o instrumento para a interação social, transmitindo pensamentos, vontades, experiências, tentando envolver o destinatário na consciência interior do locutor, a fim de que participe da sua realidade e de seu conhecimento de mundo.

Quando há o ato interativo, o locutor tem a intenção de atuar no pensamento e no agir do seu ouvinte. Essa *intencionalidade* no discurso é realizada através de argumentos. E é nesse *discurso argumentado* que há pretensões, há persuasão.

Iniciamos aqui uma pequena explanação sobre alguns itens que achamos relevantes para a análise da argumentação.

4.1. A persuasão: contexto histórico

A persuasão é o ato de influenciar uma pessoa, tendo como objetivo operar a transferência de um ponto de vista, de uma opinião, impondo-se através da razão, da imaginação ou da emoção.

A persuasão, além de influenciar, também informa. Informa não com uma opinião neutra, mas provocando uma adesão.

Na época clássica, da Grécia do séc. IV a.C., consideravam-se, segundo Citelli (1985:18), três tipos de raciocínios discursivos:

- a) o *raciocínio apodítico*: o que revela tom da verdade inquestionável. A argumentação se realiza com tal grau de fechamento que não resta ao receptor qualquer dúvida quanto à verdade do emissor. Exemplo: *Nescau, energia que dá gosto*. O raciocínio implícito deste enunciado é que “se você quiser adquirir energia de uma forma agradável, deve tomar Nescau”.
- b) o *raciocínio dialético*: busca quebrar a inflexibilidade do raciocínio apodítico. Aponta-se para mais de uma conclusão possível. No entanto, o modo de formular as hipóteses acaba por indicar a conclusão mais aceitável. É um jogo de sutilezas que consiste em fazer parecer ao receptor que existe uma abertura no interior do discurso. Exemplo: *Você poderia tomar qualquer cerveja, mas só uma desce redondo*. Neste caso, o verbo aparece no futuro do pretérito, para a

hipótese de vários caminhos (qualquer cerveja), mas o enunciado já contém a verdade final desejada pelo emissor (só a que desce redondo).

- c) O *raciocínio retórico*: é o mecanismo de condução das idéias, capaz de atuar num eficiente mecanismo de envolvimento do receptor. Exemplo: *O candidato presente merece o seu voto, pois realizará grandes obras que ajudarão os humildes. Ele é um defensor dos desfavorecidos*. Como se vê, é um tipo de raciocínio em que o locutor recorre a dados emocionais para envolver o seu ouvinte.

Nessa mesma época, quem ensinava a arte de persuadir eram os sofistas por meio da retórica. Eram eles os antigos educadores, que, preocupados com a linguagem, seu instrumento de trabalho, desenvolveram a arte da correção (a *gramática*), a arte de persuadir (a *retórica*), a arte de argumentar (a *dialética*). (BUZZI, 1994:136)

Os sofistas serviam à classe dominante, auxiliando os cidadãos nos negócios e nas questões políticas em troca de alguma recompensa. Dessa forma, a sofística acabava se avantajando da filosofia, porque era um saber “útil”, principalmente, para o poder político. Por isso, a condenação de Platão e Sócrates à *arte de persuadir* dos sofistas. Ela prefigurava as armadilhas do pensamento moderno e tinha como principais causadores: o discurso político, a publicidade, todas as formas de propagandas e todos os discursos provenientes de uma autoridade qualquer. (BELLENGER, 1987:17)

Diferente dos sofistas, Aristóteles ensinava a persuadir tanto pelo sentimento como pela prova; a intenção é que comandava o uso da palavra. Aristóteles colocava a

retórica a serviço do verdadeiro e do justo e a definia como “instrumento da opinião”, em que o orador recorria a ela para persuadir um auditório; havia um empenho em interessar, impressionar, convencer e, em seguida, levar à ação. Aristóteles percebeu que a honestidade e a justiça eram argumentos bons para conquistar a adesão do auditório.

Já a *dialética*, Aristóteles a considerava de alçada dos filósofos; seria o domínio dos auditórios de “peritos” e autorizava o uso de procedimentos da lógica, da dedução, da análise, da síntese, do silogismo regular. (BELLENGER, 1987:19)

Temos como recursos da linguagem persuasiva da época, dentre outros, os “estilos e as figuras”, como por exemplo:

- praticar a tautologia (“eu sei, eu creio”);
- utilizar máximas (“nem tudo é possível”);
- colocar-se no meio dos interlocutores (“nós todos podemos...”);
- criar frases feitas (“uma sociedade mais justa, mais humana, mais livre”);
- estabelecer constatação, a fim de fazer afirmativas que se pretendem inegáveis (“trata-se de..., é verdade..., é preciso dizer...”);
- preferir a consecutividade à causalidade (utilizar “é por isso” em lugar de “porque”);
- utilizar perguntas retóricas (transmitir certezas sob forma de perguntas feitas aos interlocutores). (BELLENGER, 1987:22)

A escolha dos recursos retóricos, na organização de um texto, revelava comprometimentos de cunho ideológico. Deles ficou o ensinamento de que, sabendo manipular a linguagem, podemos passar da palavra à ação.

4.2. A linguagem persuasiva

A linguagem é uma armadilha, é nela que o discurso visa influenciar, é nela que o “persuasor” conhece o seu “persuadido”, e ambos trocam suas experiências, suas paixões, suas crenças, sua lógica, sua história pessoal. O “persuasor” conhece o universo daquele que será “persuadido”, dessa forma, procura o melhor meio para conseguir o seu objetivo.

Na linguagem, a persuasão só acontece quando há uma cumplicidade do interlocutor, fazendo com que ele acabe se tornando o próprio “persuasor”. O locutor controla o processo de interação, levando o persuadido a pensar que se convenceu por si mesmo.

Vejamos agora, o que Bellenger (1987:78) chama de os 4Cs da linguagem persuasiva:

- *Credibilidade*: o persuadido para a “aceitação de uma idéia” exigirá que seja verdadeira, e para ser verdadeira, ela deve relacionar-se com fatos, testemunhos, provas. A credibilidade leva o “persuasor” ao domínio da prova.
- *Coerência*: o “persuasor” entra na ordem da demonstração da lógica e da argumentação. Preocupado com a coerência, terá, portanto,

interesse em testar a qualidade das interdependências e das relações entre as partes de seu discurso.

- *Consistência*: o “persuasor” demonstra consistência quando há uma continuidade no seu propósito, quando aquilo que ele diz hoje não se opõe ao que dizia ontem.
- *Congruência*: entendemos tudo o que torna pertinente e adequado à comunicação persuasiva em três planos: o indivíduo visado pela influência; a situação na qual se inscreve a influência; a atitude propriamente dita do “persuasor”. Para ser persuasivo, é preciso produzir “aquilo que convém exatamente” ao que os outros imaginam de nós, ao que esperam, ao que a situação contém como possibilidades de evolução.

A partir desses itens, percebemos que a *escolha das palavras*, o *encadeamento das idéias*, o *domínio dos conectivos*, são alguns dos elementos que marcam a intencionalidade na persuasão. São eles que fazem com que o discurso produza um efeito desejado sobre o interlocutor de forma coerente. Por isso, essas características da comunicação persuasiva fazem parte da análise do corpus desta pesquisa, pois influenciam diretamente na argumentação do texto.

4.2.1. Os métodos de raciocínio

O homem pode deixar de apoiar-se em impressões imediatas e passar a operar pelo raciocínio, em procedimento que constitui a forma fundamental da atividade intelectual do homem.

Ao expressar o raciocínio, apresentamos provas que podem ser aceitas pelo alocutário e convençam-no da verdade que propomos.

Garcia (1997: 295) cita algumas destas provas:

a) *os fatos*: são coisas realizadas, não abrem brecha para discussões. Os fatos podem ser acurados (observação direta), adequados (proporcionais ao contexto), relevantes (necessários, salientes, de destaque para o contexto), típicos ou característicos (próprios para certos contextos), suficientes (provas que bastam para a verdade) e fidedignos (merecem fé).

b) *os indícios (pistas)*: podem persuadir, mas não expressam certezas, apenas uma possibilidade ou probabilidade.

Um outro modo para apresentar provas pelo raciocínio é por meio do *método*. Método “é o caminho através do qual se chega a um fim ou objetivo”. Na Lógica, “é o conjunto dos meios ou processos empregados pelo espírito humano para a investigação, a descoberta e a comprovação da verdade”. Método implica uma direção para se seguir, regularmente, nas operações mentais.(id.ib.:296)

Eis alguns tipos de métodos de raciocínio: a *indução* (conduz do particular para o geral); a *dedução* (parte do geral para o particular); alguns métodos subsidiários -

modus sciendi (modos de saber: análise, síntese, classificação e definição). Enfim, cada ciência tem seu método (demonstrativo, comparativo, histórico, normativo etc.).

O método indutivo parte da observação e da análise dos fatos para chegar a uma conclusão – método *a posteriori*, parte do efeito para a causa. Um tipo de método indutivo é o testemunho autorizado.

O testemunho autorizado – chamado de métodos de autoridade – baseia-se em afirmações alheias dignas de crédito. Vale dizer que o sujeito que acolhe as afirmações alheias deve ter um espírito crítico, já que os métodos de autoridade ainda constituem um processo de investigação da verdade. Podemos ter como exemplo, um testemunho no tribunal do júri. Se o juiz considerar o réu culpado de determinados atos, todos os testemunhos que contribuíram para esta sentença são tidos como verdadeiros.

O método dedutivo usa a generalização para chegar a uma especificação – método *a priori*, parte da causa para o efeito. Uma expressão do método dedutivo é o *silogismo*.

No silogismo temos: a) uma premissa maior (julgamento geral determinado); b) uma premissa menor (o objeto dado pertence àquela categoria formulada na premissa maior); c) e uma conclusão (resultado da combinação de ambas premissas). Por exemplo:

- a) Todo bom político pensa no povo.
- b) Ora, há poucos políticos que pensam no povo hoje em dia.
- c) Portanto, há poucos bons políticos hoje em dia.

Existem algumas condições, segundo Luria (1986:205), para que haja uma conclusão lógica: a) a premissa maior deve ter um caráter universal, sem permitir

exclusões; b) deve-se ter um convencimento absoluto a respeito da primeira premissa; c) ambas premissas devem ser examinadas como configurando um *sistema lógico único*.

Mesmo estudando separadamente os dois tipos de métodos, na prática, a busca pela verdade se faz pelos métodos indutivo e dedutivo ao mesmo tempo, que, então, se conjugam para o mesmo fim.

4.3. Alguns conceitos sobre a argumentação

Há vários conceitos de argumentação. Entre eles escolhemos os que mais se ajustam à nossa pesquisa.

Segundo Perelman (1970:25),

“la théorie de l’argumentation étudie les techniques discursives permettant de provoquer ou d’accroître l’adhésion des esprits aux thèses que l’on présente à leur assentiment. Il en résulte, fait essentiel pour le sociologue, que toute argumentation se développe en fonction de l’auditoire auquel elle s’adresse et auquel l’orateur est obligé de s’adapter”.¹⁸

Perelman preocupa-se em esclarecer que o ato de convencer alguém é realizado através de provas objetivas que possam atingir um auditório específico. Conhecendo melhor o seu auditório, o orador pode escolher os argumentos mais plausíveis, de caráter ideológico ou sentimental, que facilitarão na aceitação, no convencimento dos interlocutores.

¹⁸ “a teoria da argumentação estuda as técnicas discursivas, permitindo provocar ou acrescentar a adesão dos espíritos às teses, que se apresenta na aprovação delas. Daí resulta, fato essencial para o sociólogo, que toda argumentação se desenvolve em função do auditório ao qual ela se remete e ao qual o orador é obrigado a adaptar-se.”

O autor faz duas distinções importantes. Vimos que, para ele, o ato de convencer só se realiza por meio de provas ligadas à razão, ao raciocínio lógico e provas objetivas; tem caráter demonstrativo, e as próprias premissas conduzem às conclusões que o auditório deve atingir. Já o ato de persuasão, através da argumentação, procura atingir o auditório por meio das vontades, dos sentimentos; tem caráter subjetivo, ideológico, inferências estas que podem levar o auditório à adesão dos argumentos lançados.

Em nossa pesquisa, não seguiremos exatamente as definições acima. Vemos que o ato de persuadir concentra-se mais no locutor, enquanto o convencer concentra-se mais no interlocutor. O convencer passa a ser um produto do ato persuasivo. Na persuasão, constroem-se as provas, tanto objetivas, de raciocínios lógicos, como constituintes de ideologia, pois não há interação, se não houver participação ativa entre os sujeitos, produzindo o social, de acordo com a situação na qual estão engajados.

Para Eduardo Guimarães (1987:24),

a argumentação é vista como a busca da persuasão de um auditório (alocutário) pelo locutor. Nesta perspectiva é que se pode dizer que a relação locutor/alocutário é constitutiva da enunciação, no sentido de que esta se faz na procura de procedimentos próprios para persuadir o alocutário. Ou seja, a representação do alocutário constitui o próprio modo de argumentar.

Assim como Perelman, Guimarães também acentua a relação entre locutor/alocutário. O locutor, conhecendo o manejo da linguagem e procurando uma representação do seu alocutário, seleciona os mecanismos que pode lançar para persuadi-lo. É justamente essa representação que auxiliará o locutor na escolha dos componentes persuasivos.

Garcia (1997:370) explica que argumentar é convencer mediante a apresentação de razões, de provas e de um raciocínio coerente. E que a “legítima argumentação deve ser *construtiva* na sua finalidade, *cooperativa* em espírito e socialmente *útil*”, sendo os seus elementos principais: *a consistência do raciocínio e a evidência das provas*.¹⁹

Segundo Anscombre & Ducrot (1976:14), a concepção de argumentação “c’est, pour nous, un trait *constitutif* de nombreux énoncés, qu’on ne puisse pas les employer sans prétendre orienter l’interlocuteur vers un certain type de conclusion”²⁰.

O ato de argumentar é principal na persuasão; não há construção de um enunciado neutro, ele sempre terá uma intenção de quem fala, obrigando o outro a perceber essa intencionalidade e a conduzir seu raciocínio para uma determinada conclusão. Segundo Ducrot, há mecanismos que orientam argumentativamente um enunciado para uma determinada conclusão pretendida pelo locutor.

Temos na gramática uma série de morfemas que funcionam como operadores argumentativos, os quais acompanham um enunciado, que funciona como argumento, com a pretensão de orientar o interlocutor para algumas conclusões.

Na gramática tradicional, esses operadores são chamados de conectivos, de partículas denotadoras de inclusão, exclusão, retificação, situação. Já na gramática estrutural, são descritos como morfemas gramaticais (gramemas). São eles alguns dos elementos que podem determinar o valor argumentativo de um enunciado.

¹⁹ Cabe deixarmos claro que, diferente de Garcia (1997), que faz distinção entre texto dissertativo e texto argumentativo, consideramos que a argumentação está presente em todos os tipos de textos.

²⁰ “é, para nós, um traço *constitutivo* de numerosos enunciados, os quais não se pode empregar sem a pretensão de orientar o interlocutor na direção de um certo tipo de conclusão.”

Entretanto, não podemos reduzir a argumentação a estruturas léxico-sintáticas que marcam a intenção do locutor. Ela pode se manifestar na organização semântica do discurso, ou em certos termos ou em certas passagens.

Percebendo isso, Ducrot (1987:9) também afirma que a argumentação, além de convencer e orientar a direção argumentativa, envolve “as relações que este (o sentido) estabelece entre sua enunciação e um certo número de desdobramentos ‘jurídicos’ que esta enunciação, segundo ele, deve ter”.

Esses desdobramentos jurídicos são uma espécie de conflito de posições face a diferentes *formações discursivas* (logo, de sentidos) em que jogam a responsabilidade do dizer (poder/dever dizer), a autonomia visível do sujeito e seu estatuto jurídico de locutor. O poder jurídico envolve as relações entre os interlocutores.

Ou melhor, o locutor lança um enunciado que aceita certos pressupostos e exclui outros, limitando o diálogo. Se esse enunciado for aceito pelo interlocutor, não há nenhuma interferência, pois foi acatado como verdade inquestionável. Ocorre, porém, que o ouvinte pode não aceitar o que foi proposto pelo locutor, e passa, dessa forma, a questioná-lo ou mesmo já a recusá-lo. Assim, o ouvinte adquire o direito de falar, iniciando uma outra posição no diálogo, a de locutor.

Quando isso acontece, o locutor pode recusar o que foi dito, reconhecendo o direito de dizer do ouvinte, ou rejeitar o próprio discurso, desqualificando o ouvinte.

É dessa forma que Ducrot apresenta a concepção da linguagem como interação social.

Portanto, para Ducrot, o movimento argumentativo é explicado pela situação em que se realiza o discurso, envolvendo os princípios lógicos, psicológicos, retóricos,

sociológicos. Como considera os sujeitos do discurso como sujeitos históricos e sociais, a realidade é, então, o fator que pode validar ou não a argumentação. Tomemos como exemplo um enunciado *O Oriente Médio é pacífico, não há preconceito racial e religioso, todos vivem bem, em total harmonia, e sem passar necessidades*. Todas essas características atribuídas ao Oriente Médio não correspondem, atualmente, com a sua realidade, abrindo oportunidades para que o interlocutor questione o enunciado.

Por essas orientações, chegamos à conclusão de que a função da argumentação é persuadir alguém de algo. Há sempre uma intencionalidade no discurso, ele nunca é neutro ou ingênuo. Por menos marcas argumentativas presentes no discurso, há implícito nele uma provocação, que faz o seu interlocutor aderir à tese colocada ou contestá-la.

O discurso, no momento em que se realiza, é envolvido por fatores lógicos (raciocínio dedutivo), fatores psicológicos (conhecimento de mundo) e fatores sociológicos (contexto dos interlocutores), os quais influenciam de alguma forma a orientação argumentativa. A história é que faz com que esses fatores se alterem, validando ou não a argumentação lançada no discurso.

Baseada nos dados lançados nesta primeira parte, a pesquisa desenvolve-se a partir da concepção da linguagem como interação entre sujeitos que compartilham um social, suas ideologias. Procura também verificar todos os aspectos que a situação do ato envolve, não considerando o locutor como o centro e a fonte do sentido, e nem o

interlocutor como um sujeito passivo, mas que ambos colaboram para a construção do sentido do discurso. Por esta razão, a análise das redações visou mais à receptividade do texto, ao seu efeito no interlocutor, a fim de que alcance o produto da persuasão, o objetivo do locutor: redigir para convencer.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS TEXTOS ESCOLARES

O enorme ganho do homem que domina uma linguagem desenvolvida consiste em que seu mundo se duplica. O homem sem a linguagem só se relacionava com aquelas coisas que observava diretamente, com as que podia manipular. Com a ajuda da linguagem, que designa objetos, passa a se relacionar com o que não percebe diretamente e que antes não entrava em sua experiência. A palavra duplica o mundo dando ao homem a possibilidade de operar mentalmente com objetos (...) O homem pode evocar voluntariamente estas imagens, independente da presença real dos objetos, e dirigir voluntariamente este segundo mundo. Pode dirigir não apenas sua percepção, suas representações, mas também sua memória e suas ações. (Luria, 1986:32)

Na análise do corpus da pesquisa, partimos dos dados mais simples para os dados mais complexos, referentes tanto ao ponto de vista estrutural quanto ao ponto de vista de conteúdo.

Essa análise evidenciou problemas e valores diversos que são detalhados nos três tópicos seguintes:

1. **Organização textual:** são analisados alguns problemas referentes ao parágrafo, ao uso de operadores argumentativos, à coerência e outros elementos que consideramos fundamentais para a argumentação no texto.

2. **Melhorando a argumentação:** como tornar o texto mais apresentável ao interlocutor. Nesse item, esclarecemos os tipos de gramática (normativa, descritiva e internalizada), e, a partir das definições, analisamos alguns itens como: desvios gramaticais, ambigüidades e uso impróprio de palavras ou sintagmas. São elementos que, utilizados da melhor forma possível, valorizam mais o texto e colaboram para a persuasão.

3. **Armas para uma boa argumentação:** visa auxiliar o aluno a planejar um texto, organizar a sua argumentação e desenvolvê-lo, a fim de que consiga alcançar a intencionalidade desejada no seu texto.

A análise das redações procura demonstrar como planejar um texto organizado, apresentável, coerente, visando, principalmente, o interlocutor, já que todo o sentido do discurso lançado depende de sua participação ativa.

5. ORGANIZAÇÃO TEXTUAL: QUANDO AS IDÉIAS SE ENCONTRAM

O juízo, fazendo comparações e experimentações, procura estabelecer relações, discernir, afirmar ou negar os valores intrínsecos das idéias. A idéia é uma explicação racionalizada dos fenômenos ou das coisas, enquanto que o juízo é o julgamento construtivo deles. (...) Assim o juízo não se conforma em conceber idéias mas, afora disso, ele quer compreender as suas afinidades, os seus traços de repulsão, os seus dotes e as suas insuficiências. (Petersen, 1973:230)

Nas redações pesquisadas, há deslizes que decorrem da progressividade discursiva²¹ do texto.

E aqui vamos analisar, não de forma exaustiva, casos ligados à progressão do texto – articulação e continuidade –, observando a manutenção temática, os operadores argumentativos e as incoerências na argumentação.

5.1. O Parágrafo

Segundo Elisa Guimarães (1993:53),

a presença do parágrafo na constituição textual está em estreita relação com o esquema de raciocínio sustentado por aquele que constrói o texto. São etapas diversas do raciocínio as que se demarcam através da *paragrafação* – esta referenciando, por conseguinte, a abordagem de

²¹ Diz respeito “aos procedimentos lingüísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e mesmo seqüências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmático-discursiva, à medida que se faz o texto progredir”. (KOCH, 2002:121)

um novo aspecto de um tema comum, cada vez que se inicia um novo parágrafo.

Nos parágrafos de um texto, há uma relação das idéias que seguem a temática. Essas idéias, muitas vezes relacionadas através de conectivos, desenvolvem-se no interior de cada parágrafo e permitem a progressão do texto, sustentando a sua linha temática.

Os parágrafos se dispõem no texto à medida que o autor julga necessária a divisão do assunto de que está tratando. Coloca as idéias mais complexas, que se desdobram em mais parágrafos, ligando-as às idéias secundárias.

Quando os parágrafos estão bem estruturados, conseguimos captar facilmente o ‘tópico frasal’, que pode aparecer ou não no parágrafo, já que a idéia-núcleo talvez tenha sido expressa em outros parágrafos anteriores, e ser evocada apenas por palavras referentes.

É através de relações claras e bem conectadas que os parágrafos representam o processo de pensamento que o autor realiza para chegar ao sentido global do texto.

Segundo Garcia (1997:203), as três principais características de um parágrafo são: a *unidade*, a *coerência* e a *ênfase*.

Para ter unidade: não pode haver redundâncias e nem frases entrecortadas, sem seqüência correta; as idéias relevantes devem estar em parágrafos diferentes, relacionados por meio de expressões de transição; a mesma idéia-núcleo deve desenvolver-se no mesmo parágrafo.

As redações do *corpus* da pesquisa são dissertações, que devem conter a seguinte estrutura: introdução, desenvolvimento e conclusão, e, nesta seqüência, os parágrafos precisam apresentar-se bem articulados, formando um conjunto coeso do

texto. Predominam, na dissertação, os parágrafos argumentativos, que se apresentam, principalmente, no desenvolvimento. E, no parágrafo conclusivo da dissertação, podemos rever a idéia principal; já como resultado de uma discussão, a conclusão é esclarecida a partir da orientação argumentativa de todo o texto.

Parágrafos com ênfase implicam : a colocação dos termos na frase; a ordem gradativa; as repetições intencionais; as interrupções intencionais; os parênteses de correção.

Para obter coerência no parágrafo, é preciso: observar a ordem cronológica, espacial, lógica (por exemplo, a dissertação: introdução, desenvolvimento, conclusão); ter o cuidado com as partículas de transição e palavras de referência; prestar atenção em todos os itens da unidade (não apresentar redundâncias, nem frases entrecortadas).

São essas características que relevamos na análise da formação do parágrafo nas redações escolares. Para facilitar a explicação de cada tipo de problema, que aparece nas redações, separamos os casos de: pontuação, seqüenciação, insuficiências e acúmulos de idéias.

5.1.1. Pontuação

Servindo para indicar as pausas do discurso escrito (com vírgulas) ou as “paradas” parciais (com ponto-e-vírgula) e totais (com “ponto”), e outras marcas (exclamação, interrogação, etc.), a pontuação discrimina os elementos sintáticos da frase, colaborando para a clareza da escrita.

E como se pode ver no *corpus* analisado, os problemas de pontuação que provocam dificuldades na compreensão da frase, no geral, acabam por representar falta de maior atenção nas relações entre os termos da oração.

Vejamos alguns casos:

- *Como já foi citado acima, a tecnologia é ruim quando é utilizada contra o próximo; como em guerras, usufruindo de armas; armas químicas; contra a natureza...* (R16, L6-8)

Mas ela também tem seu lado positivo, como por exemplo quando é usada para a prevenção ou cura de doenças; com a internet (globalização) onde pode-se saber notícias de todo o mundo em segundos, realizar pesquisas, e poder conversar com pessoas de todo o mundo. (R16, L9-12)

Podemos citar como exemplo a construção de tratores, máquinas agrícolas automáticas; robôs, onde é bom por acelerar o trabalho mas por outro lado, tira empregos de pessoas e todos sabem que não é nada fácil conseguir emprego. (R16, L14-17)

Nesses três parágrafos, da mesma redação, evidencia-se grande dificuldade de pontuação, em especial no uso de “ponto-e-vírgula” que, como pausa mais forte do que a vírgula, acaba prejudicando a seqüência das idéias e chega a isolar o sentido de alguns sintagmas ou palavras (ex: robôs, armas químicas).

A maioria dos casos se resolveria por vírgulas e até mesmo pelo uso de “dois pontos”, sem o prejuízo da seqüência argumentativa.

- *Existem pessoas que se fecham no quarto aos sábados e domingos para assistirem TV, crianças ficam diariamente jogando vídeo-game, assistir TV assim é prejudicial pois as pessoas ficam alheias ao que está ao seu redor, vivendo num mundo só seu, deixando quem está ao seu lado de fora de sua realidade ou seja separando-as. (R30, L3-7)*

Há, no parágrafo, um sintagma que, pela ausência da pontuação, causa duplo sentido “lado de fora”. Ao colocar “deixando quem está ao seu lado de fora de sua realidade”, o aluno faz parecer que exista um “lado de fora da realidade”, mas, de acordo com o texto, o sentido desejado pelo autor seria “deixando quem está ao seu lado, fora de sua realidade”, ou melhor, “deixando as pessoas, com as quais convive, fora de sua vida”. Observe que o problema resolver-se-ia apenas com uma vírgula e a ausência da preposição “de”, que se tornou desnecessária com a reformulação do período.

- *Foi o tempo que a TV, passava programas bons, não ótimos. (R37, L18 e 19)*

A primeira vírgula está incorreta, já que separa o sujeito de seu predicado. Uma outra falha está na ausência de uma vírgula em “programas bons, não ótimos”, isolando o advérbio “não” (“programas bons, não, ótimos”). Dessa forma, a ausência da vírgula causa uma ambigüidade: “programas bons, não ótimos”, em que parece indicar uma idéia negativa da TV; e “programas bons, não, ótimos”, em que o advérbio “não” aparece para uma retificação (a TV passava programas ótimos), idéia esta que, pela seqüência do raciocínio na redação, parece ser a correta, já que a intenção do aluno é elogiar os programas mais antigos da TV.

- *Será que a culpa é dos nossos pais que não souberam nos educar direito, ou será das grandes autoridades que não tem consciência do que o povo pode passar ou se tornar. (R41, L1-3)*

A ausência do ponto de interrogação, nesse parágrafo, faz com que não se apresente a dúvida diretamente, mas, por meio de um tom de pergunta, o autor afirme que os elementos do enunciado evidenciem uma certeza, supondo uma resposta automática na própria pergunta. O problema deste parágrafo, com a ausência da pontuação, está na orientação argumentativa do texto, aparentando que tanto “os pais” quanto “as grandes autoridades” são culpados pela violência no país. Todo o texto revela o porquê de as grandes autoridades serem culpadas pela violência, mas não revela com argumentos suficientes o porquê de os pais serem os culpados da violência; direcionando somente à omissão, à indiferença de todos em relação à violência. Já que o tom de certeza recai sobre os dois lados – pais e grandes autoridades –, o aluno deveria apresentar argumentos que focalizassem essas duas partes.

- *O que devemos fazer, procurar a Deus e nos dedicar mais a religião, para podermos viver melhor. (R42, L14 e 15)*

A ausência da pontuação na frase interrogativa revela a falta de noção da estrutura dos enunciados, misturando as frases de perguntas às de respostas. O mesmo acontece em:

O que devemos fazer, procurar ter mais consciência no que fazemos e no que cremos e em quem confiamos. (R42, L19-21)

Vimos que a pontuação constrói não somente a entonação das orações, isto é, como são proferidas dentro de uma certa cadência melódica, mas colaboram para que o texto seja claro, para que o seu sentido possa ser alcançado sem problemas pelo interlocutor.

A ausência da pontuação, como há em alguns casos, provém da expressão do pensamento na língua escrita, em que o aluno tenta colocar o seu pensamento, usando as mesmas pausas, ocasionando falhas nas seqüências das frases ou acumulando idéias.

Além disso, há também um problema no ensino da pontuação, principalmente cometido por professores primários que, evitando demonstrar a diferença da oralidade e da escrita, pedem para que os alunos pontuem seus textos conforme as pausas para respiração.

A pontuação na língua escrita, diferente das pausas na oralidade, contém suas próprias regras que devem ser utilizadas para uma melhor disposição do texto e compreensão das orações, de modo que não interfira na orientação argumentativa do texto, ocasionando acúmulos, falta de idéias ou incompletude do período.

5.1.2. Seqüenciação das idéias

A seqüenciação de frases, de períodos e até de parágrafos é fundamental para a progressão discursiva do texto. No parágrafo, as idéias-núcleo devem ter uma

seqüência própria e desenvolver-se em cada parágrafo para a clareza e objetividade do texto.

Por vezes, ao tentarem organizar seus pensamentos no papel, os alunos sentem dificuldades em relacionar as idéias, resultando em má organização do texto.

Vejamos o resultado dessa dificuldade na exposição da análise dos problemas de seqüenciação:

a) inversão de frases ou períodos, dificultando a sua compreensão, ou até mesmo, alterando o seu sentido: na nossa língua, existe uma ordem direta, na qual os termos de uma oração, preferencialmente, dispõem-se em uma seqüência; algumas vezes, o autor opta por usar não uma seqüência direta, como, sujeito-verbo-complemento, mas, a inversão dos termos numa seqüência indireta para provocar certos realces a alguns termos da oração. Acontece que, ao usar o processo de inversão, o autor deve estar atento para não perder sua linha de pensamento, nem provocar um sentido inverso daquele que desejou na oração, como aconteceu em:

Pois eu acho que a televisão deveria ver os dois lados da moeda, e não concordo com essa atuação. (R2, L16 e 17)

A inversão das orações provocou ambigüidade de sentido, levando inclusive a entender que o autor não concorda com fato de a TV mostrar “os dois lados da moeda”, quando ele quis dizer exatamente o contrário, isto é, que não concorda com a exibição apenas do lado que interessa ao referido meio de comunicação. Ficou assim comprometida a conclusão do texto.

b) problemas na seqüência de parágrafos: muitas vezes, o autor apresenta as informações como se fossem partes independentes, não faz a ligação adequada entre as idéias e não concatena os fatos, deixando de associar as partes do raciocínio.

Ela pode influenciar na eleição mudando a cabeça dos eleitores com propagandas, mostrando que o candidato é uma pessoa boa, onesta e não participa de nenhuma corrupção.

Mostrando que o candidato pode melhorar o Brasil, fazendo o bras, programas sociais e tudo que possa elevar o candidato. (R2, L7-11)

As últimas orações (*Mostrando que... candidato*) não deviam constituir-se em parágrafo, já que se trata de continuação do parágrafo anterior sobre a influência da televisão. Quando iniciou outro parágrafo, o autor parecia introduzir um novo argumento que poderia alterar a orientação do texto, o que de fato não aconteceu; foi apenas uma continuação, assinalada pelo gerúndio, de sorte que tais orações deveriam manter-se no mesmo parágrafo.

(... como exemplo da máquina de escrever, para o computador, do computador para o notebook....)

E assim vai indo.

Hoje quem não sabe pelo menos mexer o básico no computador, não sabe nada.

Porque além da televisão ele é um dos maiores meios de comunicação. (R11, L8-14)

Os parágrafos estão mal organizados. Em um parágrafo antecedente – o que está entre parênteses –, o aluno fala sobre o computador, em seguida, inicia outro parágrafo em termos imprecisos (“E assim vai indo”), provocando a expectativa do término da idéia desenvolvida até este ponto, e do início do argumento que discuta o tema. Mas isso não ocorre. O parágrafo seguinte volta na questão do computador e o próximo, iniciado pelo “porquê”, revela-se fragmentado, com o isolamento da circunstância de causa do que se disse antes. Além disso tudo, convém acrescentar que a redação não desenvolve o tema proposto, apenas faz uma descrição dos meios de comunicação.

A maioria das notícias reais que chegam até nós, são acontecimentos ruins como: assaltos, roubos, assassinatos, etc.

Através dos meios de comunicação podemos saber coisas do mundo inteiro, os meios de comunicação mais usados hoje são a televisão, telefone, o rádio e a internet. (R7, L8-10)

Os dois parágrafos são seqüenciais na redação. Observamos que o primeiro parece orientado para uma demonstração de que a maioria das notícias, especialmente as ruins, são reais, não são forjadas pelo meio de comunicação. Mas, no parágrafo seguinte, o aluno interrompe o esperado, que talvez fosse a discussão debatendo as notícias reais e as forjadas, e acaba por exemplificar os meios de

comunicação, não fazendo, então, nenhuma ligação ao parágrafo anterior, e deixando-o (o segundo parágrafo) solto na redação.

Nos meios de comunicação pode-se encontrar informações que mostram a realidade.

Como nos teles jornais, que mostram a situação do mundo tanto na economia, como no social.

Mas também mostra informações falsas.

Como na política, que mostram muitas vezes só o lado bom dos candidatos, ou críticas enganosas. (R12, L1-7)

As idéias fragmentadas dispostas nesses quatro parágrafos caberiam todas apenas num só, com no máximo dois períodos. O próprio autor, com o uso dos conectivos “como” (duas vezes) e “mas”, evidencia a necessidade de integração dessas partes, em benefício, sem dúvida, de maior força argumentativa.

Nos dias de hoje usar drogas é considerado comum, as crianças vêm se deparando muito cedo com elas.

Com toda certeza deve-se preocupar em conscientizar o ensino fundamental e todos os outros que antecedem a ele, pois, o quanto antes, aprendermos o que é certo e o que é errado, melhor, afinal o problema de drogas nas escolas vem se agravando. (R25, L1-6)

Não há uma concatenação das idéias nos dois parágrafos, pois o primeiro orienta para uma discussão sobre o problema de drogas nas escolas, criando a

expectativa de que reforçará sua idéia com bons argumentos. Porém, no parágrafo seguinte, acaba por orientar diretamente para uma solução do problema sem ao menos discuti-lo, acrescentando outros argumentos que valorizam a solução do problema apresentada pelo autor.

Que país é este? Também culpa nossa de aceitarmos e acomodarmos com isto.

(R41, L11 e 12)

Trata-se de um parágrafo mal formulado, sem vínculo com o anterior e, ainda, apresentando uma interrogativa sem finalidade, a não ser a de representar uma função emotiva.

Só podemos ultimamente confiar em

Deus.

É o único.

E ajudar com sinceridade uns aos outros.

O que ultimamente é muito difícil. (R42, L22-26)

A disposição do texto faz com que pareça um cartaz. E, assim, recorre a uma linguagem apelativa, fracionada, sem força argumentativa em relação ao tema proposto. Quando bem formulado e em contexto apropriado, esse desalinhamento sugere a emoção e desperta a tentativa de persuasão através dos sentimentos do interlocutor.

c) repetição em parágrafos seqüenciais: costuma ser freqüente nos parágrafos, e pode refletir falta de criatividade e de argumento. Em textos literários, a repetição por vezes mostra um recurso de expressividade para enfatizar uma idéia. E, na língua oral, pode a repetição facilitar o estabelecimento da coesão. Mas, em redações dissertativas, como as que estamos analisando, a repetição em geral dificulta a progressão do texto.

Os meios de comunicação são muito importantes para a vida de todos, pois são com eles que nos mantemos informados sobre tudo.

Podemos nos informar através de todos os meios de comunicação. (R7, L1-3)

Houve redundância nos dois parágrafos, pois tanto o primeiro quanto o segundo afirmam que podemos nos informar através dos meios de comunicação. Foram dois parágrafos que não acrescentaram dados novos, apenas a idéia óbvia de que os meios de comunicação informam.

O ser humano convive com uma luta no seu dia-a-dia com o meio onde vive.

Grandes modificações são feitas nos humanos conforme o meio ambiente que convive. (R17, L1-4)

Observando a redundância, a repetição de idéias, poderíamos colocar os dois parágrafos em um só, já que a idéia núcleo é a mesma.

Verificamos através da análise que a seqüenciação das idéias no texto é fundamental para a argumentação. A organização evita os desvios da progressão

temática, as redundâncias, a alteração de sentido, os parágrafos soltos, e proporciona o desenvolvimento das idéias numa disposição correta, obedecendo a um raciocínio lógico, a fim de orientar os argumentos à conclusão determinada pelo autor.

5.1.3. Insuficiências e excessos nos textos

Procuramos fazer uma análise, partindo da classificação de problemas relacionados às frases fornecida por Garcia (1997:112):

- a) *frase labiríntica ou centopeica*: ocorre quando o autor, ao iniciar um parágrafo, desenvolve uma série de idéias, acumulando-as, sem atentar para a seqüência lógica; assim, acaba perdendo-se nas frases de seu texto, não conseguindo concluí-lo. As frases ficam cansativas, embaraçosas e algumas vezes até indecifráveis, ininteligíveis. O leitor precisa ler e reler o trecho várias vezes para alcançar o sentido.
- b) *frase fragmentária*: ocorre quando o autor usa em excesso as pontuações, fragmentando as frases. Essa característica é típica da língua oral. E para se ajustar um período para a língua escrita, sem lascas de frases, nem pedaços de períodos, seria necessário um bom uso de conectores, que se responsabilizariam pela organização do parágrafo.
- c) *frase caótica e fluxo de consciência*: quando o autor deixa de usar a pontuação; e a escrita acaba refletindo o fluxo do pensamento sem passar pelo processo de elaboração de um texto escrito, não se preocupando em

separar as idéias nos parágrafos e em usar a pontuação necessária para representar as pausas na língua escrita.

A partir desses problemas que podem ocorrer nas frases, conseguimos dividir a análise em dois itens: incompletude e falta de idéias, e acúmulo de idéias.

a) Incompletude e falta de idéias: incluímos a frase fragmentária, abordando não só a falta de conectivos, mas a incompletude de uma oração iniciada pelo conectivo. Também, incluímos a falta de explicação, de exemplificação de idéias, questões essas, que podem colaborar na argumentação do texto.

E apesar de tudo que os políticos fazem, para ganhar as eleições, o povo brasileiro deveria conseguir distinguir o certo do errado e votar com a mais clara consciência. (R4, L12 e 14)

Ao usar o conectivo concessivo (apesar de tudo que) inadequadamente, o redator tornou a oração incompleta, já que o fato de o “povo não distinguir o certo do errado” não serve como oração principal em oposição à anterior. Portanto, não pode manter a orientação argumentativa que propôs na primeira oração do parágrafo.

Mas exatamente por ser um grande meio de comunicação ela às vezes pode atrapalhar esse mesmo candidato, um exemplo é o caso de Roseana Sarney. (R6, L6-8)

Faltou para o exemplo mostrar uma característica melhor do caso para relacionar com o contexto; o aluno apenas apresentou um exemplo e não o ilustrou. O exemplo pode fortalecer a argumentação, mas é preciso explicá-lo, deixá-lo claro, para que não seja questionado pelo leitor. O mesmo acontece em:

Um bom exemplo para isso é aquele filme “O quarto poder”. (R9, L7 e 8)

Faltou explicar de que se trata o filme, como pode servir de exemplo para o assunto discutido, e, enfim, fazer uma relação com o que acontece na realidade, já que é este o propósito do tema.

Comprovação e fatos de meio ambiente modificando o ser humano é mostrado, como exemplo, o diretor do canal de TV, SBT, o Sílvio Santos, que vivia de uma maneira diferentes, em seu ambiente como camelo, mas agora transformado, por que seu novo ambiente o obrigou a isso. (R17, L9-12)

Ao redigir, o autor deve deixar claro o que pretende dizer, contextualizando todas as suas idéias, já que o momento em que o enunciado é produzido, pode não ser o mesmo em que é recebido. Por isso, deve estar atento com a relação entre o assunto e os exemplos usados como argumento em seu texto. Ao colocar o apresentador Sílvio Santos, o redator precisaria supor que nem todos os seus leitores conhecem a vida do artista, por esta razão, é necessário esclarecer todos os detalhes necessários para que se alcance a intenção desejada em seu discurso. O mesmo problema aconteceu em:

O meio não modifica apenas os seres humanos, até mesmo os animais irracionais são transformados conforme o seu habitat. Exemplos disto são cachorros domésticos com cachorros selvagens. (R17, L13-15)

O autor somente citou os exemplos, mas não explicou a relação entre os diferentes ambientes e a sua influência nos animais.

Assim o que adianta ter o mundo e na hora que se descobrir que um membro da família está com uma doença que os médicos não conseguem descobrir a resolução para o problema onde o dinheiro não pode fazer nada, pois ele não faz milagre. (R18, L14-17)

A frase sem a oração principal perdeu a sua idéia básica, deixando de esclarecer o que acontece se “se descobre que um membro da família está com uma doença incurável”. Esse problema fundamental vê-se ofuscado, na frase final, pela ambigüidade do “ele”, pela estrutura explicativa e pelo uso do chavão.

b) Acúmulos de idéias: encontramos tipos de frases labirínticas ou centopeicas, bem como frase caótica e fluxo de consciência. Esse problema influencia diretamente na clareza das relações entre as idéias, dificultando o seu desenvolvimento.

Devemos sim usar e abusar da ciência e da tecnologia, mas que isso seja feito com cautela sem prejudicar o meio ambiente e ninguém, pois se passarmos do limite o mal pode se voltar contra nós mesmos e assim causando danos irreparáveis a nossas

vidas pois o homem é sempre responsável pela forma que utiliza a ciência e a tecnologia. (R14, L18-22)

Em apenas um único parágrafo, o autor acumulou as idéias: uso da ciência e da tecnologia como prejuízo aos homens e ao meio ambiente; os danos irreparáveis ao homem; o homem como responsável pela utilização da ciência e da tecnologia. A formulação dessas idéias em um só parágrafo acabou por provocar incompletude, deixando de explicá-las ou exemplificá-las, durante o texto, enfraquecendo a argumentação.

Entretanto quem sai perdendo com esta atualização da tecnologia e da ciencia é o próprio homem, que a cada dia vai sendo substituído em seus empregos por máquinas e os seus patrões ainda têm coragem de dizer que as máquinas são melhores que os homens, pois para eles a máquina não fica doente, ela não tem que cuidar de família e nem ficam pedindo um aumento. (R15, L5-9)

Verificamos uma série de idéias concentradas no parágrafo: o avanço tecnológico influenciando no emprego dos homens; a falta de emprego; as vantagens da máquina. O acúmulo poderia ser atenuado com a divisão do parágrafo em, pelo menos, dois períodos: um até “máquinas”, da terceira linha; outro, a partir de “E os seus patrões...”.

O aluno exemplificou uma forma de como a tecnologia pode prejudicar uns e favorecer outros. Não há problema em utilizar esse exemplo, mas não é esse o único resultado do desenvolvimento da ciência e da tecnologia, como o faz na conclusão da redação; outros exemplos poderiam favorecer a argumentação no texto.

A partícula argumentativa encontrada em “*ainda* têm coragem de dizer” reflete, no caso, o claro ponto de vista do autor, que poderia ter orientado argumentativamente para a defesa dos homens, e não ter apontado somente as vantagens de usar máquinas, afinal, a pretensão está em convencer que o homem ainda é melhor do que a máquina.

*As pessoas tinham que ter uma vida mais saudável procurando evitar esses tipos de lugares para morar pois o meio ambiente influi muito na formação do ser humano e ninguém quer uma vida de doenças, stress e nervosismo para o **filho que está em formação** e por isso também evite destruir as riquezas do nosso meio ambiente porque se continuar do jeito que está indo, daqui alguns anos, não vai ter nem como sobreviver através do meio ambiente. (R19, L12-18)*

A expressão “por isso” deveria iniciar um outro parágrafo, mas o autor não o fez, provocando um acúmulo de idéias.

Há um fluxo de pensamento lançado no texto, em “o filho que está em formação”, que prejudica a redação, pois não há em outra parte do texto alguma referência sobre “o filho”, aparecendo essa idéia somente no parágrafo de conclusão (o parágrafo citado acima).

Também há um outro problema em “não vai ter como sobreviver através do meio ambiente”; o aluno se esquece de que todos vivem em um determinado meio. Talvez tivesse confundido meio ambiente com natureza.

Infelizmente não se pode escolher muito lugar em que os pais querem educar os seus filhos para o futuro do mundo, de guerras, violências e preconceitos, pois hoje

em dia todos estão sem dinheiro, sem ter onde trabalhar para sustentar a família, apesar do que, o que faz a formação do ser humano é o amor de seus pais, pois se eles forem unidos e tiverem muito amor, eles conseguem um lugar para uma formação com Cristo. (R18, L6-11)

A educação dos filhos, o mundo (guerras, violências e preconceitos), o desemprego, o amor dos pais e a formação em Cristo são todas as idéias que se concentram apenas em um só parágrafo. Com o acúmulo, o redator deixou de explicar melhor cada uma das idéias, enfim, falhou na argumentação a favor de sua opinião: deixou de explicar os motivos de preparar os filhos para um mundo só de violência; deixou a dúvida de que se é somente a falta de dinheiro que provoca a violência; deixou de esclarecer de que forma a educação dos pais e a formação em Cristo influenciam na formação dos filhos, e como podem prepará-los para um mundo de guerras.

Com as cenas apresentadas os telespectadores onde aparece o preconceito racial, religioso e econômico, cenas de violência faz com que as pessoas separem-se uma das outras com medo de traição como mostra a TV, amigo mata amigo, filho mata mãe, levando as pessoas as ficarem desconfiadas, e falando do preconceito mostrado na TV influencia algumas pessoas e crianças a praticar-lo assim ocorrendo o isolamento social. (R29, L5-10)

Trata-se de um período muito longo, acumulando preconceito, violência, traição e influência da TV. As idéias poderiam ser tratadas em períodos separados, e melhor explicadas. Há também outros defeitos como o verbo “falando”, que ficou solto, sem

referência precisa do seu sujeito; outro caso é o sintagma final “isolamento social”, que ficou indefinido, questionável; além, é claro, do uso inadequado de gerúndios comprometendo a estruturação sintática.

No mundo de hoje, em que vivemos, tudo está ligado de alguma forma na TV. Por que não só como filmes, novelas, propagandas, shows, tudo serve para unir ou separar ao mesmo tempo, porque as vezes se passa na TV um filme que todas as pessoas da casa gostarem, eles logo estarão na sala para assistir todos juntos, ou se as vezes passa novela que por exemplo o pai e a mãe não deixa de assistir, mesmo que seja para ajudar um filho a fazer seus deveres de casa, ou as mães deixam de ficar dando conselhos ou atenção quando mais a filha precisa, de um ombro amigo, então por isso eu acho que a TV, as vezes uni e as vezes separam as pessoas. Tudo é questão do momento e do que estamos fazendo. (R37, L1-10)

O redator acumulou as seguintes idéias: “tudo está ligado pela TV”; “a TV serve para unir e separar pessoas”; “o problema que a televisão causa na vida da família”. Também há vários problemas decorrentes do acúmulo de idéias, como conectivos iniciando períodos incompletos, problemas com verbos e concordância, problemas de pontuação, que acabam fragilizando a argumentação e dificultando a compreensão do sentido do texto.

Por essa análise, percebemos que, em algumas redações, na organização dos parágrafos, os alunos não atentam ao tópico frasal, desviando-se da idéia principal, e deixam de desenvolvê-lo, direcionando a outras idéias secundárias, que não são tão

relevantes para a argumentação na redação. Assim, os argumentos tornam-se frágeis para a progressividade do texto e para a intencionalidade do redator.

Já a incompletude de idéias é resultado da falta de argumentos que se tornam necessários para explicar e até exemplificar as idéias principais, a fim de torná-las mais claras para o leitor do texto.

Todos os problemas analisados, referentes à construção do parágrafo, provêm da falta de leitura dos alunos, de revisão do texto pronto e também da influência da língua oral, a qual tem um planejamento diferente da escrita.

Para uma melhor aprendizagem, o ensino de língua portuguesa precisa enfatizar mais o planejamento de um texto escrito. O aluno, ao escrever um texto, tem em mente as suas intenções, as quais precisam de um conjunto organizado de sinais para expressá-las. Por isso, há a necessidade de selecionar uma estrutura específica, para que o exercício da escrita conduza a uma organização explícita, coerente e precisa do pensamento.

5.2. Os operadores argumentativos

Uma das características da argumentação é a de *justificar* uma ou várias afirmações, para isso dispomos de uma série de mecanismos que proporcionam a relação adequada entre um enunciado e outro.

Segundo Maingueneau (1989:162),

quando um locutor utiliza um enunciado A a favor de uma conclusão C, isto não significa que A é dito para que o destinatário pense C, tampouco para que conclua C. Na realidade, ele apresenta A como *capaz de conduzir o destinatário a concluir C*, como razão para acreditar em C. É constitutivo do sentido de um enunciado pretender

orientar a seqüência do discurso em uma certa direção, reivindicar um certo limite *que impõe ao destinatário através de sua própria enunciação*. Isto não significa, evidentemente, que o interlocutor não possa escapar a este limite.

Já vimos anteriormente essa mesma função que Ducrot dá aos operadores, os quais conferem ao enunciado um potencial argumentativo específico.

Para isso, temos na gramática uma série de morfemas que funcionam como tais. Esses operadores acompanham um enunciado, que têm como função argumentar, orientar o interlocutor para algumas conclusões.

Na gramática tradicional estes operadores são chamados de conectivos, de partículas denotadoras de inclusão, exclusão, retificação, situação. Já na gramática estrutural são descritos como morfemas gramaticais (gramemas). São estes elementos que podem determinar o valor argumentativo de um enunciado.

Gerard Vigner (1988:114) apresenta os operadores como componentes da argumentação, dividindo-os da seguinte forma:

- “As *fórmulas introdutórias*: comecemos por; a primeira observação recai sobre; inicialmente; é preciso lembrar que; a primeira observação importante a ser feita é que.
- As *transições*: passemos então a; voltemos então a; mais tarde voltaremos a; antes de passar a... é preciso observar que...; sublinhado isto.
- As *fórmulas conclusivas*: logo; conseqüentemente; é por isso que; afinal; em suma; pode-se concluir afirmando que.
- A *enumeração*: em primeiro (em segundo, etc.) lugar; e por último; e em último lugar; inicialmente; e em seguida; além do mais; além

disso; além de que; aliás; por outro lado; enfim; se acrescentarmos por fim.

- *As fórmulas concessivas*: é certo que; é verdade que; evidente; seguramente; naturalmente; incontestavelmente; sem dúvida alguma; pode ser que.
- *A expressão de reserva*: todavia; no entanto; entretanto; mas; porém; contudo.
- *As fórmulas de insistência*: não apenas... mas; mesmo; com muito mais razão; tanto mais que.
- *A inserção de um exemplo*: consideremos o caso de; tal é o caso de; este caso apenas ilustra; o exemplo de... confirma; etc.”

Entretanto, não podemos reduzir a argumentação a estruturas léxico-sintáticas que marcam a intenção do locutor. Ela pode se manifestar na organização semântica do discurso, ou em certos termos ou em certas passagens. Enfim, são conectivos que estabelecem, “entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e mesmo seqüências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir”. (KOCH, 1999:49)

Esses conectores são os responsáveis pela estruturação e orientação argumentativa dos enunciados nos textos. O interlocutor, ao compreender uma seqüência relacionada por um conectivo, não decifra somente o seu significado, mas aplica algumas instruções ligadas ao uso do conectivo para reconstruir o sentido do enunciado.

Para não ser exaustiva a explanação dos operadores argumentativos, procuramos selecionar alguns que se destacam nos textos, avaliando o efeito de sentido que produzem nas redações.

a) E (nem)

O “e” e o “nem” são conjunções coordenativas que ligam termos ou orações de funções idênticas, podendo ter o sentido de:

- a) prossequência temporal – levantou e saiu.
- b) Valor adversativo – prometer vir e não veio.
- c) Conseqüência – caiu da janela e morreu. (KOCH, 1987:115)

Os elementos articulados pela conjunção “e” reúnem argumentos de mesma força, orientados numa mesma escala argumentativa, podendo articular argumento/argumento ou conclusão/conclusão.

A condição, para que os termos ligados pelas conjunções “e” e seus similares sirvam de argumentos, é a de serem verdadeiros. Assim, se o locutor diz “A e B” para orientar a uma conclusão determinada, e um destes termos não é verdadeiro, o locutor não alcançará o seu objetivo no texto, e haverá falha no seu argumento. Também, assim como são escolhidos os argumentos de força maior, há uma seqüência entre eles que auxilia na orientação argumentativa no texto.

Veremos mais facilmente o efeito da conjunção na redação a seguir:

Mas o “POVO” é do tipo “Maria vai com as outras” e por isso acaba caindo em qualquer papo sem sentido e convincente. (R5, L8 e 9)

O conectivo “e” faz ligação entre duas palavras, duas frases, dois parágrafos, na mesma escala argumentativa, mas a aluna, no segundo uso da conjunção “e”, fez ligação de duas palavras que se contrapõem – “sem sentido e convincente”: se o discurso é sem sentido, não pode ser convincente (a segunda idéia desvia da primeira).

b) Porque (visto que, como, visto como, uma vez que, desde que, por isso)

A conjunção *porque* e os seus similares iniciam orações exprimindo uma causa, um motivo, ou uma razão da oração principal.

Diz nos Vogt (1989:58) que,

no português, o comportamento de *porque* parece revelar-se como privilegiado em relação às outras conjunções causais: *porque* goza de uma ambigüidade fundamental. Por um lado, é a única conjunção capaz de explicar, pelo elo de causalidade que estabelece entre os conteúdos de duas proposições, o conteúdo da primeira pelo conteúdo da segunda; por outro lado, tem um comportamento que a aproxima da conjunção *pois*, quando a explicação desliza para uma espécie de justificação do que se diz na primeira proposição.

Como exemplo, temos uma relação de “A *porque* B”, em que o locutor coloca A como algo conhecido, enquanto B pode ou não ser conhecido pelo interlocutor.

Se em B temos a causa, em A temos a consequência; portanto, é preciso que B seja verdadeiro para que A também o seja.

Alguns problemas em enunciados relacionados por essas conjunções aparecem a seguir:

*Em época de eleição ela (a televisão) é capaz de influenciar na escolha de um presidente; **porque** ela fecha todos os canais e só é aberto para a política, então a pessoa não tem outra opção.* (R5, L3-5)

A oração iniciada pelo “porque” (“*porque ela fecha todos os canais e só é aberto para a política*”), é uma causa indireta; seria melhor que o aluno colocasse “porque não dá ao telespectador outra opção de assunto, ou programa”. Na verdade, a relação de causa existe, mas ocorreu o mau desenvolvimento do período subordinado.

No mundo de hoje, em que vivemos, tudo está ligado de alguma forma na TV. Por que não só como filmes, novelas, propagandas, shows, tudo serve para unir ou separar ao mesmo tempo, porque as vezes se passa na TV um filme que todas as pessoas da casa gostarem, eles logo estarão na sala para assistir todos juntos, ou se as vezes passa novela que por exemplo o pai e a mãe não deixa de assistir, mesmo que seja para ajudar um filho a fazer seus deveres de casa, ou as mães deixam de ficar dando conselhos ou atenção quando mais a filha precisa, de um ombro amigo, então por isso eu acho que a TV, as vezes uni e as vezes separam as pessoas. Tudo é questão do momento e do que estamos fazendo. (R37, L1-10)

O primeiro “por que”, com erro ortográfico, significando uma resposta, não realiza a função de indicar uma causa e nem mesmo uma explicação (o que não caberia neste item), para relacionar com o enunciado de que “tudo está ligado de alguma forma na TV”. Aliás, nem as idéias colocadas após o segundo “porque” esclarecem,

justificam, o primeiro enunciado do parágrafo. O autor criou uma expectativa de argumentos que favorecessem a idéia colocada de início, mas houve um desvio prejudicando a primeira orientação argumentativa (*tudo está ligado pela TV*).

c) Mas (no entanto, todavia, porém, contudo, entretanto, senão)

São conjunções adversativas que contrapõem enunciados de orientações argumentativas diferentes.

Tomemos como exemplo um enunciado do tipo “A *mas* B”, no seguinte esquema:

“A é argumento a favor de *r* e B argumento a favor de $\sim r$, sendo este argumento predominante. Portanto, “A *mas* B” é argumento para $\sim r$. Esta orientação argumentativa explicaria o fato de que o texto progride levando em conta a direção indicada por B.” (EDUARDO GUIMARÃES, 1987: 111)

O A é considerado pelo locutor como um argumento possível a uma conclusão (*r*), mas ele recusa essa virtualidade argumentativa, com razões suficientes para uma conclusão “não-*r*” ($\sim r$), pois o B tem maior força argumentativa.

Quando introduzimos um *mas* (ou similar), deixamos de seguir a orientação do enunciado anterior e passamos a seguir a orientação argumentativa do período que contém a conjunção. É a partir deste último enunciado, no caso do esquema, o enunciado B, que se dará a progressão textual.

Se temos “A *mas* B”, A como tema e B como comentário, o *mas* faz com que se negue o tema, já que ambos têm orientações argumentativas opostas. Ou seja, o locutor

mostra a seu alocutário um tema e, em seguida, nega-o, frustrando a expectativa criada pelo que se deu no tema.

Vejamos a diversidade desse uso, nas redações analisadas, apontando os seus problemas:

*Sua capacidade do homem é única perante todos os seres vivos, **mas** querer ser poderoso também é uma capacidade que ele não dispensa. (R13, L1-3)*

Pela não alteração da orientação argumentativa, observa-se que o “mas” deixa de ter função adversativa, para assumir apenas função aditiva, evidenciada pelo *também*, partícula denotadora de inclusão.

***Mas** com o pouco empenho, o crescimento de dependências entre jovens é grande, é necessário mais empenho nessas iniciativas. (R27, L62 e 63)*

Essa é a conclusão de uma redação. O autor, durante o seu texto, mostra o despreparo da escola em relação às drogas, por isso a conjunção “mas” não seria necessária, já que não altera a orientação argumentativa do texto.

***No entanto**, a situação é que faz com que os meios de comunicação transmitam à realidade se for o que lhes interessa, ou ainda forjar situações se for preciso, para se causar impacto em quem recebe as notícias. (R10, L12-14)*

Ao usar o conectivo adversativo, “no entanto”, na conclusão da redação, o aluno pretendia fornecer uma idéia de contraste, mas as idéias indicadas pelo conectivo não fizeram oposição àquelas colocadas na redação.

Entretanto, quem sai perdendo com esta atualização da tecnologia e da ciência é o próprio homem, que a cada dia vai sendo substituído em seus empregos por máquinas (R15, 5-7)

O “entretanto”, neste caso, não tem função adversativa, pois não se opõe a nenhuma idéia do texto, mas, tem função conclusiva ou aditiva, afinal, todos os argumentos colocados anteriormente fazem com que o autor chegue à conclusão de que “quem perde com o avanço da ciência e da tecnologia é o próprio homem”.

Contudo, vemos que o responsável pela utilização da ciência e da tecnologia é o homem, que mesmo podendo ajudar as pessoas a mandarem-se socialmente, de outro lado destrói toda a vida de uma família que é substituída por máquinas. (R15, L14-17)

Há impropriedade no uso de “contudo”, pois, na verdade, não está iniciando uma oração adversativa. Em nenhum momento foram colocados argumentos que negassem a responsabilidade do homem sobre a ciência e a tecnologia. Talvez o uso de “contudo” tivesse, para o aluno, o significado de “com tudo”, em que o “tudo” é um elemento de referência anafórica que recorre a todas as idéias colocadas anteriormente a favor desta conclusão. O mesmo acontece em:

Contudo, devemos escolher bem os lugares para a formação de nossos filhos, pois o meio ambiente influi muito em uma formação. (R18, G2, l. 18 e 19)

*Por tanto com todos argumentos apresentados percebe-se que ao mesmo tempo que a TV une as pessoas ela também separa, **porém** a TV é um meio de comunicação indispensável na vida das pessoas. (R29, L21-23)*

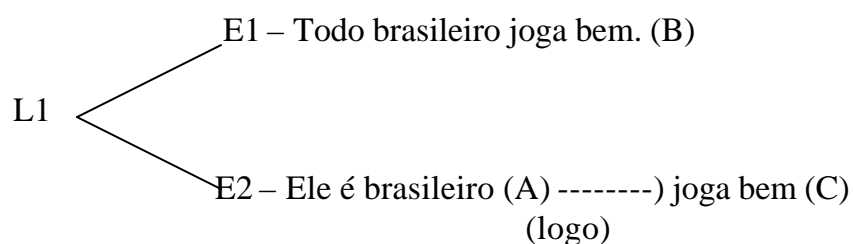
O uso de “porém” compromete a conclusão. Se o aluno colocou todos os fatos negativos na separação, e todos os fatos positivos na união, o “porém” surge para reforçar o lado negativo da televisão; impressão esta completamente diferente do que vinha surgindo em toda redação. Mudar a orientação argumentativa numa conclusão prejudica todo o texto.

d) Então (portanto, logo, por isso, por conseguinte, pois)

São conjunções que iniciam uma conclusão em relação a outros enunciados anteriores.

Podemos dizer, com Eduardo Guimarães (1987:167), que estas conjunções “estabelecem uma relação de conclusão entre o conseqüente (C) e o antecedente (A) e que esta relação se sustenta num outro elemento B”. Há, assim, um outro elemento que pode estar implícito ou explícito que sustenta essa relação de A-->C (relação de argumento e conclusão), o qual pode ser o elemento B.

Essa explicação fica mais clara no exemplo apresentado por Guimarães:



O *E1* é um enunciado de um conjunto indefinido de pessoas, que tem em comum uma *crença* historicamente constituída a propósito de um fato. Este *E1* harmoniza-se para *A*-----*C*. Constitui um argumento para que o *E2* fosse orientado para uma certa conclusão (*C*).

Essa proposição *B*, do *E1*, deve ser verdadeira, para que *C* (conclusão) possa efetivamente ser deduzido de *A* (*E2*).

Vejamos alguns casos problemáticos que analisamos nas redações:

Pois eu acho que a televisão deveria ver os dois lados da moeda, e não concordo com essa atuação. (R2, 16 e 17)

O problema está na inversão; caso não houvesse, o “pois” estaria aplicado adequadamente, indicando uma conclusão em o aluno não concordar com a atuação da TV ao mostrar apenas o que lhe interessa. A inversão, colocando a primeira oração iniciada pelo “pois”, faz com que pensemos que o autor conclua a redação não concordando com a atuação da televisão em mostrar “os dois lados da moeda”.

Portanto à televisão pode influenciar sim na eleição de um presidente, por atingir todas as idades e classes. (R6, L15 e 16)

Não é por atingir todas as idades e classes que a televisão pode influenciar na eleição de um presidente, afinal, não foi esta a idéia usada durante a redação do aluno para chegar à conclusão acima; dessa forma, ao invés de concluir o texto, o redator

provocou desvio de direção argumentativa acrescentando uma nova informação, que seria um dos “motivos” da televisão influenciar as pessoas nas campanhas eleitorais.

*Se a notícia agrada os ambientalistas, deixa a desejar com os industriais e vice-versa, **então** quem controla a ciência e o mundo é o homem que sempre decide o que fazer com esses assuntos. (R2, L3-5)*

Ao contraditório apresentado nas duas primeiras orações, não se seguem argumentos que o fortifiquem, ficando apenas a expectativa da discussão. O conclusivo “então” vem, por isso, quebrar a orientação argumentativa, em face de concluir antes mesmo de argumentar. Sem os enunciados que pudessem conduzir à conclusão desejada, apenas a experiência do leitor pode levar à percepção dos argumentos que deveriam estar presentes.

***Pois** sabemos que são atitudes incontrolável sempre encontraremos **pois** devemos refletir sobre as ações que fazemos sobre a humanidade. (R32, L8 e 9)*

Trata-se de um período confuso, final de uma redação cheia de problemas, entre os quais a conjunção “pois”, que, desnecessariamente, aparece quatro vezes no texto global, em empregos discutíveis. Centrando a discussão em torno deste parágrafo, o uso do termo “atitudes incontrolável” deixa uma série de dúvidas que comprometem o uso do conectivo “pois” na conclusão. Para uma explicação mais clara, tornou-se necessário a cópia de outros trechos da redação:

*Achar o culpado por todos acontecimentos que ocorre no país como sequestros, roubos e assassinatos, é muito complicado pois são **atitudes da sociedade** que **leva ocorrer esses fatos**.(L1-3)*

***O que leva ocorrer esses fatos é a má distribuição de rendas, a falta de atenção em casa dos país, a falta de emprego a miséria, pois tem pessoas passando fome que leva o roubar para poder se sustentar e também as drogas e a prostituição.**(L4-7)*

Conseguimos perceber que “atitudes da sociedade” é “a má distribuição de rendas, a falta de atenção dos país, o desemprego, a miséria”. Portanto, coube-nos questionar se “atitudes incontrolável” é esta “atitude da sociedade” ou se faz referência a “roubos, drogas e prostituição”; somente estes últimos termos estariam de acordo com a função do segundo “pois” na conclusão.

e) Pois – explicativo - (por isso, porque, porquanto)

São conjunções explicativas porque começam uma oração que explica a razão de ser do que diz na oração a que se ligam.

O “pois” articula enunciações de um mesmo locutor, que apresenta um argumento para explicar ou justificar o seu ato. Por exemplo:

“Vai lá, pois estão esperando você.”
(A) (B)

No enunciado, “A, pois B”, o elemento B é o argumento que sustenta a ação realizada no elemento A. A necessidade do locutor explicar o ato (A), talvez seja para não deixar dúvidas de que o enunciado A é mesmo verdadeiro.

Vejamos alguns casos, que comprometem esta relação, analisados nas redações:

Quando nascemos e ainda mal sabemos falar, já começamos a ver a tecnologia e a ciência juntas, pois podemos vê-las em qualquer lugar de nossa vida. (R15, L1-4)

A conjunção “pois” não marca uma explicação para o enunciado anterior, apenas usou a mesma idéia, deixando o parágrafo redundante. O aluno poderia exemplificar onde há a “tecnologia e ciência juntas” na infância.

Claro, não podemos acusar somente os nosso governantes pela situação de conflito, devemos sim, reavaliar os aspectos morais, sociais e econômicos de cada ser humano, pois onde há falha nos sistemas da segurança, proteção, direitos e deveres, etc..., evidentemente haverá corrupção. (R33, L12-16)

A oração iniciada pelo conectivo “pois” não justifica a reavaliação dos “aspectos morais, sociais e econômicos” de cada ser humano; primeiro, porque é impossível avaliar cada ser humano, e, segundo, porque o enunciador não fez uma relação, através do conectivo “pois”, entre os aspectos morais, sociais e econômicos para apresentar as falhas em diversos sistemas da sociedade: “segurança, proteção, direitos e deveres”.

f) Se (caso, sem que, uma vez que, desde que, dado que)

A oração que se inicia com *se* indica ou uma condição necessária, para que se realize ou deixe de se realizar o que se declara na oração principal, ou um fato, real ou não (uma suposição), em contradição com o que se exprime na principal.

O termo introduzido por *se* denomina-se antecedente e o outro, conseqüente. Um enunciado condicional afirma que seu antecedente implica seu conseqüente ($A \rightarrow B$), mas não afirma a verdade do conseqüente, apenas que ele será verdadeiro se o antecedente o for.

Segundo Koch (1987:129), essa relação de implicação entre o antecedente e o conseqüente pode ser de vários tipos:

- a) “conexão lógica (se todos os mamíferos são vertebrados e a baleia é um mamífero, então a baleia é vertebrada);
- b) conexão de caráter definidor (se Paulo é solteiro, então Paulo não é casado);
- c) conexão causal (se aquecermos o ferro, então ele se derreterá);
- d) conexão de decisão (se o time perder, então beberá a noite inteira).”

São estes alguns casos com problemas no conectivo “se” que analisamos nas redações:

Por que não só como filmes, novelas, propagandas, shows, tudo serve para unir ou separar ao mesmo tempo, porque as vezes se passa na TV um filme que todas as pessoas da casa gostarem, eles logo estarão na sala para assistir todos juntos, ou se as vezes passa novela que por exemplo o pai e a mãe não deixa de assistir, mesmo que seja para ajudar um filho a fazer seus deveres de casa, ou as mães deixam de ficar dando conselhos ou atenção quando mais a filha precisa, de um ombro amigo, então por isso... (R37, L2-8)

Entre os diversos problemas do parágrafo, queremos aqui sublinhar a oração condicional iniciada por “se”, que ficou solta, sem apoio em uma oração principal, sem exercer a função de orientação argumentativa, perdendo-se entre o acúmulo de idéias, dificultando ainda mais o entendimento do parágrafo.

Se não fossem eles os maiores bandidos do mundo, não haveria sequestros, assassinatos e roubos.(R41, L4 e 5)

Esse parágrafo é o segundo de uma redação que apresenta, como primeiro, uma oração interrogativa sobre a alternativa da culpa “de pais” ou “de autoridades”. O maior defeito desse segundo período é o da ambigüidade por “eles”, que acaba comprometendo a conexão com “se”, a qual envolve, do ponto de vista argumentativo, uma forma hipotética com a força da verdade, que somente realiza esta função se for sanada, é claro, a dúvida da referida ambigüidade.

Se não fosse um mundo tão desonesto não haveria nada disto. (R41, L8 e 9)

A condicional também de forma hipotética com força de verdade, neste período, indica uma pressuposição de que “em um mundo honesto não há violência”, como se o redator colocasse todos os problemas de violência tendo como causa única a desonestidade das pessoas. Mas, a redação desvincula-se deste problema da desonestidade como causador único, e acrescenta também a “aceitação e o comodismo”, verificado na linha 11, da redação. A oração condicional já tem a função de mostrar os culpados do problema da violência, por isso, na conclusão da redação, ao interrogar *A culpa é de quem?* (L16), o redator enfraquece a orientação

argumentativa que vinha sendo tomada, a partir da oração condicional, enfraquecendo a força de verdade que constitui o enunciado do conectivo “se”.

g) Só (somente)

A partícula *só* (somente) isola um argumento, excluindo todos os outros.

Assim, se o redator opta, no parágrafo abaixo, por revelar pelo *só* a exclusividade das ações mencionadas:

A televisão pode influenciar na eleição de um presidente porque em suas propagandas a televisão só mostra o lado bom dos políticos, ou seja, só mostra os programas sociais feitos por eles, mostram eles abraçando idosos, beijando crianças, entregando casas e etc... (R3, L3-6)

acaba incoerente com o desenvolvimento do parágrafo seguinte, em que menciona a atenção da TV em outro sentido. Se o caso do *só* exclui outros argumentos, torna-se incompatível mostrar o lado bom dos políticos e, “também”, o lado negativo:

*Mas por outro lado a televisão pode acabar com a carreira política de um candidato a presidente, por que ela **também** mostra em seus teles jornais as trapassas feitas por eles, como por exemplo desvio de verbas públicas, fraudes na previdência, falsos contratos e etc... (R3, L7-10)*

Como na política, que mostram muitas vezes só o lado bom dos candidatos, ou críticas enganosas. (R12, L6 e 7)

Não há como ser convencido de que a televisão só mostra o lado bom dos candidatos, mesmo porque o próprio autor coloca que a TV apresenta também “críticas enganosas”.

Por exemplo, em locais que só há prédios enormes, carros buzinando e poluindo nosso ar, podemos perceber que as pessoas que vivem nesse local sempre estão estressadas, nervosas e sem paciência para nada, prejudicando tanto a si mesmo quanto as pessoas que estão a sua volta. (R19, L8-11)

O aluno, ao usar a partícula “só”, determinou que somente em cidades grandes, conforme observadas as características do lugar descritas na redação, há pessoas estressadas, o que é passivo de contestação, já que não é compatível com a realidade.

A partir da análise, observamos que os conectivos têm força para orientar argumentativamente o texto. Quando usados erroneamente, provocam alteração na progressividade do texto, incompletude de período, inversão de sentido e até incoerência. Com esses problemas, o interlocutor terá dificuldades de decifrar a significação fornecida pela relação entre os enunciados, deixando de interpretar corretamente o sentido pretendido pelo locutor.

5.3. As incoerências semânticas

Segundo Koch e Travaglia (1997:13), “o estudo da coerência poderia ser visto como uma teoria do sentido do texto (seja ele frase ou um livro todo, não importa a dimensão), dentro de um ponto de vista de que o usuário da língua tem competência textual e/ou comunicativa e que a língua só funciona na comunicação, na interlocução, com todos os seus componentes (sintáticos, semânticos, pragmáticos, socioculturais etc.)”.

A coerência é um princípio de interpretabilidade em que há cooperação do produtor e do receptor.

O estabelecimento da coerência depende de:

- a) *conhecimento lingüístico*: a coerência determina quais os elementos lingüísticos que vão constituir a estrutura do texto e como estarão encadeados. São as marcas lingüísticas as pistas para encontrarmos o sentido, e, portanto, a coerência do texto. Esses elementos lingüísticos são: a anáfora; as descrições definidas; o uso dos artigos; as conjunções e os conectores interfrásicos; as marcas de temporalidade; tempos verbais; a repetição; a elipse; as modalidades; a entonação; subordinação e coordenação; substituição; sinonímica; ocorrência de signos do mesmo campo lexical; ordem das palavras; marcadores conversacionais; o componente lexical e os conceitos de mundo que se deflagram no texto; fenômenos de tematização; temarema, tópico-comentário e marcas de tematização; fenômenos de implicação; orientação argumentativa de elementos do léxico da língua; componentes de significado de itens lexicais.

- b) *Conhecimento de mundo*: envolve todas as informações arquivadas na memória. Para entender o sentido de um texto é preciso a construção de um mundo textual. Este mundo textual do receptor e do emissor deve ter um certo grau de similaridade. Assim, esse conhecimento de mundo é ativado na memória do receptor e suas informações surgem e auxiliam na compreensão do texto. Para haver coerência, o conhecimento do texto deve estar parcialmente correspondido com o conhecimento de mundo do receptor. Por exemplo, um receptor leigo em elementos químicos, não consegue entender a composição de um remédio.
- c) *Conhecimento partilhado*: tem a ver com o item b, em que o receptor e o emissor devem ter um conhecimento de mundo com um certo grau de similaridade, o qual é partilhado no texto, determinando a sua estrutura informacional.
- d) *Inferências*: “aquilo que se usa para estabelecer uma relação, não explícita no texto, entre dois elementos desse texto”. As inferências são conexões que ajudam a alcançar a interpretação de um texto, buscando resolver um problema de continuidade de sentido. Aquele que interpreta é levado a construir relações que não estão expressas nos dados do texto; estas relações são as inferências. Apesar das inferências contribuírem para o sentido do texto, ele deve limitar-se para que a interpretação autorizada pelo texto seja a desejada pelo seu produtor. (KOCH & TRAVAGLIA, 1997:70)
- e) *Fatores pragmáticos*: são os “tipos de atos de fala, contexto de situação, interação e interlocução, força ilocucionária, intenção comunicativa,

características e crença do produtor e do receptor do texto, etc.” (KOCH e TRAVAGLIA, 1997:74)

- f) *Situacionalidade*: o sentido se estabelece pela inserção do texto em uma determinada situação de comunicação. O contexto de situação se reflete no nível pragmático (elementos do item e) e no nível semântico (como exemplo, o significado dos homônimos). Assim como a situação comunicativa interfere na maneira em que o texto é constituído, também o texto reflete sobre a situação.
- g) *Intencionalidade e aceitabilidade*: a intencionalidade trata da intenção do emissor de produzir um texto coerente, e a aceitabilidade trata do receptor aceitar essa manifestação lingüística como um texto coerente. Ou seja, é um princípio de cooperação.
- h) *Informatividade*: o texto será menos informativo, quanto maior for a previsibilidade; e tanto mais informativo, quanto menor a previsibilidade. O caso é que se o grau de informação for bem maior do que o de previsibilidade, o receptor deve ter um esforço maior para entender o sentido de seu texto.
- i) *Focalização*: envolve as pistas que o emissor fornece ao receptor sobre o que está sendo focalizado. Estas pistas podem ser lingüísticas ou de conhecimento partilhado lingüístico e não-lingüístico. Isso afeta a possibilidade do ouvinte interpretar um texto convenientemente.
- j) *Intertextualidade*: a recepção ou produção de um texto dependerá do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores.
- k) *Relevância*: um conjunto de enunciados será relevante “se eles forem interpretáveis como predicando algo sobre um mesmo tema”. Quando esse

conjunto de enunciados pode ser interpretado como tratando de um mesmo tópico discursivo, o texto será coerente. Neste caso, os enunciados devem aparecer conectados por meio de marcadores de digressão. Exemplo: “É interessante lembrar”, “Voltando ao estudo do humor”. (KOCH e TRAVAGLIA, 1997:95)

Assim como vimos nos outros itens analisados, o interlocutor é de fundamental importância na compreensão do sentido do texto. É ele que conseguirá chegar ao objetivo do texto através de uma série de relações que consiga fazer, ligar, interpretar, durante a situação do discurso. O texto, portanto, só será coerente para o interlocutor, se este conseguir chegar ao sentido intencionado pelo produtor.

Vejamos alguns trechos das redações com suas dificuldades a respeito da coerência:

Como por exemplo, para eleger um presidente, é preciso conhecer os candidatos, para saber qual é digno de receber o cargo; isso é possível através da televisão.(R1, L3-5)

Portanto, para eleger um presidente é importante não ver apenas propagandas pela televisão, é preciso ler, conversar sobre o candidato, para não ser influenciado pela televisão. (R1, L10-12)

Os dois parágrafos pertencem à mesma redação. O primeiro parágrafo do exemplo é o segundo parágrafo da redação, e o outro é a conclusão. No primeiro, o aluno coloca: “é possível saber se um candidato é digno de receber o cargo através da

televisão”; e, no segundo parágrafo, na conclusão, insinua que: não se pode ser influenciado pela televisão. A incoerência aparece quando o aluno assume que com a televisão há como saber qual candidato é melhor para a presidência, porém, na conclusão, mostra que é preciso ser cauteloso para não ser influenciado pela TV e, por isso, é preciso procurar outros meios para conhecer os candidatos, invalidando, assim, a primeira idéia – a de credibilidade da televisão.

A televisão pode influenciar na eleição de um presidente porque em suas propagandas a televisão só mostra o lado bom dos políticos, ou seja, só mostra os programas sociais feitos por eles, mostram eles abraçando idosos, beijando crianças, entregando casas e etc... (R3, L3-6)

No parágrafo acima, o aluno orienta argumentativamente para uma conclusão em que “a televisão influencia na eleição”; mas, se contradiz na conclusão, tornando o texto incoerente:

Eu não concordo que a televisão possa influenciar na campanha política de um presidente, a sua eleição vai depender do que ele tenha feito no passado como senador, governador, ministro etc... (R3, L11-13)

O aluno talvez tenha pensado que somente na conclusão apareceria o seu ponto de vista, esquecendo-se de que a sua opinião reflete em todo o texto e na própria escolha dos argumentos que o constituem.

Os meios de comunicação em geral nunca trazem a realidade dos fatos, eles sempre forjam uma situação que trazem benefícios para eles ou seja que de ibope ou grande número de vendas.(R9, L3-5)

*Portanto os meios de comunicação na **maioria das vezes** não falam a verdade. Eles preferem forjar uma mentira que de mais lucros a eles. (R9, L 9 e 10)*

Há oposição em “nunca x maioria das vezes”, causando incoerência no texto. Se o redator afirma que “os meios de comunicação nunca trazem a realidade”, torna a sua afirmação questionável quando usa “na maioria das vezes não falam a verdade”.

Um dos exemplos que se encaixa neste contexto é o do filho que tem uma família milionária, muito importante, mas que não tem tempo para o filho. Assim o que adianta ter o mundo e na hora que se descobrir que um membro da família está com uma doença que os médicos não conseguem descobrir a resolução para o problema onde o dinheiro não pode fazer nada, pois ele não faz milagre.(R18, L12-17)

A redação até este ponto fala da influência do meio ambiente na formação dos filhos e da falta de preocupação dos pais com os filhos. O exemplo lançado no texto, “Assim... milagre”, orienta a argumentação para a direção de que “se os filhos tiverem amor dos pais, não haverá influência do meio”. Já na conclusão, a orientação se altera, excluindo o argumento anterior:

Contudo devemos escolher bem os lugares para a formação de nossos filhos, pois o meio ambiente influi muito em sua formação. (R18, L18 e 19)

Atuais pesquisas mostram que o maior número de usuários dentro das escolas vem cada vez aumentando, o porque disto as autoridades não sabem, pois culpam a polícia e esta por sua vez culpa o governo e no fim a comunidade é que sofre com isso (R26, L9-12)

A falta de precisão dos termos “autoridade”, “policiais” e “governo” usados na redação, dificultou sua interpretação, uma vez que os dois últimos podem se encaixar no primeiro. Talvez o redator quisesse referir “autoridades” a “governantes”; mesmo dessa forma, o período ainda se complica, pois se enuncia que as autoridades não sabem quem é o culpado, não teriam motivos, então, para acusar os policiais.

“A culpa é de quem?” (R41, L16)

Ao iniciar com a interrogativa, o locutor marcou uma oposição ao que foi enunciado anteriormente em:

Se não fosse um mundo tão desonesto não haveria nada disto. Mas o que não falta é desonestidade das partes dos grandões.(R41, L8-10)

Também culpa nossa de aceitarmos e acomodarmos com tudo isto. (R41, L11 e 12)

Durante toda a redação, os argumentos mostram que “as grandes autoridades”, pela desonestidade, e todo o povo, pelo comodismo, são os culpados da violência. Portanto, foi incoerente a frase interrogativa no final da redação, que questiona algo já respondido no seu desenvolvimento, colocando, assim, todos os seus argumentos em dúvida.

Para termos coerência precisamos considerar a semântica global do texto, desde a intenção do locutor até as estruturas lingüísticas que manifestam essa intenção.

Um texto é coerente não somente porque os enunciados se relacionam corretamente, mas porque está coerente com toda a situação do discurso, o conhecimento de mundo entre os interlocutores, as informações, enfim, o processo total, que, fornecendo todos recursos para que o texto seja bem estruturado, capacita-o para transmitir o sentido que o locutor teve a intenção de passar ao seu interlocutor.

6. MELHORANDO A ARGUMENTAÇÃO

É enquanto se vive em um meio sobre o qual se pode agir, no qual se pode – com os demais – discutir, decidir, realizar, avaliar... que se criam as situações mais favoráveis para a aprendizagem. (Jolibert, 1994:33)

Um texto escrito, diferente do oral, exige um conhecimento maior da norma culta da linguagem, apresentando-se sem descuidos, sem redundâncias, sem ambigüidades, sem desvios gramaticais.

Quando falamos ou escrevemos bem, o nosso poder de persuasão na comunicação aumenta, uma vez que o domínio dos recursos lingüísticos evidencia um grau mais elevado de conhecimento. Como bem dizem Platão e Fiorin (1992:219), “falar, ou escrever, com correção é um dos procedimentos argumentativos”. E ainda que “o uso de um certo padrão de linguagem concorre para aumentar ou diminuir o poder de persuasão daquele que fala”.

Assim, o texto escrito na prestigiada variedade padrão valoriza a argumentação utilizada. Não é que a boa argumentação dependa fundamentalmente da variedade padrão, já que, em quaisquer níveis de linguagem, ela pode vir a ser eficiente. Mas,

bem apresentável um texto escrito, em termos de clareza e correção, não há dúvida de que se contribui para o seu melhor entendimento e, basicamente, para maior credibilidade do próprio enunciador.

É claro que na linguagem oral os fatos podem ocorrer de forma diferente, a persuasão às vezes advindo, não de argumento válido, mas do “jeito de falar” do orador ou do recurso a uma variante popular com que o ouvinte tenha mais familiaridade; fica-se aqui, porém, no domínio da argumentação incompleta, por inadequação de palavras e das estruturas necessárias. O certo é que, se a diversidade do nível da linguagem não influencia basicamente na argumentação, há de ocorrer, em quaisquer níveis, o domínio da manipulação, quando o enunciador sabe usar bem os recursos lingüísticos para atingir os seus objetivos de boa colocação de suas idéias. É basicamente nessa manipulação que se encontram os instrumentos essenciais do enunciador para alcançar a sua intenção, entre os quais, o conhecimento da situação do discurso e o conhecimento do seu interlocutor, real ou eventual.

Não sendo a variedade padrão o rótulo real de uma boa argumentação, no texto escrito, não se pode deixar de reconhecê-la como a diversidade de maior prestígio social, exigida com certo rigor nos mais diversos concursos. Tal condição a favorece para tornar o texto mais apresentável, mesmo porque, em situações complexas de avaliação, em que não se conhece o interlocutor, aparece a linguagem da variedade padrão como o instrumento que valoriza a argumentação textual, na verdade como o forte argumento da comunicação.

6.1. Situando a Gramática

Como o nosso propósito é o de avaliar a argumentação em textos escolares, fica evidente a necessidade de considerar o tipo de gramática ensinado nas escolas, isto é, a gramática normativa, tida como padrão da forma mais prestigiada da língua, com base em textos de reconhecido valor literário.

Isso não impede, todavia, um mais amplo entendimento de gramática e, com a flexibilidade que a pesquisa possa permitir, a valorização da extensão de seu conceito. Referimo-nos, em especial, à diversidade dos três tipos de Gramática citados por Franchi (1991) e Possenti (1996):

- a Gramática Normativa, como conjunto de regras a serem seguidas;
- a Gramática Descritiva, como conjunto de regras que são seguidas;
- a Gramática Internalizada como conjunto de regras que o falante da língua domina.

A Gramática Normativa dita o que é certo e o que é errado, com base em formas produzidas por pessoas cultas, em textos mais valorizados, envolvendo-se no tipo de língua denominada “variante padrão”, “norma culta” ou “dialeto padrão”, no qual se considera “erro” tudo o que foge às regras impostas por essa variedade.

A Gramática Descritiva, por sua vez, transcreve como as línguas são faladas e, a partir da sua descrição, forma as regras utilizadas pelos falantes. De visão diferente da

primeira, não tem a finalidade de apontar “erros”, mas sim a de explicar as formas utilizadas por diferentes grupos de usuários da língua.

Já a Gramática Internalizada refere-se à habilidade do falante de produzir seqüências de palavras e frases reconhecidas como pertencentes a uma determinada língua, habilidade essa que é adquirida pela “dotação genética humana, em condições apropriadas de natureza social e antropológica” (FRANCHI, 1991:54).

Se compreender esses três tipos em conjunto representa uma visão completa da língua, a sua consideração, em separado, se liga evidentemente, como é o nosso caso aqui, ao processo pedagógico do propósito objetivo e imediato da pesquisa em andamento. E não se pode evitar, é lógico, no privilegiar de um ou outro tipo, as naturais inter-relações dos três conceitos e as aceitações disso decorrentes.

Não aceitamos, assim, ver preconceito no estudo da Gramática Normativa como padrão na escola, mas o admitimos na atitude que possa desconsiderar outras variedades da língua. O ensino da variedade padrão, respeitando as demais variedades, acaba por abrir ao aluno a oportunidade de acesso aos bens culturais da sociedade.

Entendendo a proximidade entre os três tipos citados de Gramática, já que a Gramática Descritiva envolve a Internalizada e se transforma em instrumento para a formação das regras da Normativa, o aluno pode sentir facilitada a sua aprendizagem de línguas, pela comparação e pela adequação, sobre a utilidade dessas variedades nas diferentes situações.

Assim, no desenvolver de nossa pesquisa, ao analisar os problemas que se seguem, por vezes não nos podemos prender rigidamente aos padrões normativos,

seguindo ao invés a preocupação maior com a boa apresentação do texto na direção da eficiência argumentativa.

6.1.1. Acentuação Gráfica

Ao marcar a tonicidade de um vocábulo, a acentuação por vezes faz uso de um necessário sinal diacrítico, cuja ausência pode então dificultar o entendimento da palavra, causando ambigüidade, mesmo que no geral tal descuido possa ser desfeito pelo contexto.

Esse problema, no nosso *corpus*, revelou-se, principalmente, em vocábulos homônimos, isto é, de mesma pronúncia e de significados diferentes, como no caso de *influência/influencia* [(R1, L2); (R2, L5 e 7); (R3, L3 e 11); (R4, L1); (R5, L3, 12 e 13); (R11, L15); (R20, L14); (R27, L40); (R29, L9)], em que o aluno confunde o substantivo com o verbo conjugado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. A mesma confusão também apareceu entre: preposição e verbo (*de*, R9, L5 e 10; *por*, R10, L6); pronome e verbo (*esta*, R39, L10; R43, L7 e 8); conjunção e verbo (*e*, R27, L4; R36, L10; R43, L1 e 7). São desvios que, dificultando o entendimento, prejudicam sem dúvida a eficiência argumentativa.

Os casos encontrados de acentuação indevida não têm força de prejuízo para o sentido do texto, mas acabam por comprometer a apresentação dos enunciados e, conseqüentemente, o seu nível de persuasão. São os que relatamos a seguir.

Um caso está no problema da expressão “combate-lá” (R34, L12), forma resultante da junção do infinitivo do verbo “combater” com o pronome átono “a”. A grafia defeituosa, representada pela acentuação indevida, leva a duas sérias reflexões:

1^a.) O autor faz pôr-se em dúvida, no caso do vocábulo reduzido do infinitivo, o seu domínio da simples regra de que “toda palavra oxítona terminada em “e” deve levar acento gráfico” (no caso, o circunflexo >combatê-);

2^a.) O conhecimento do mesmo autor, quanto às partículas átonas (isto é, sem acento), fica comprometido, dada a fixação indevida do sinal diacrítico (agudo) em “la”.

A explicação do ocorrido torna-se assim difícil, a não ser que se pense na falsa e incompleta memorização de que o referido grupo vocabular deve apresentar sinal diacrítico em seu final, por decorrência da junção do infinitivo e do pronome átono.

A maior ocorrência de erros no uso do sinal gráfico de acento aparece em vocábulos terminados em ditongo oral, perfazendo um total de quarenta e cinco casos observados nas redações avaliadas. É o problema de *industrias* (R22, L3; R23; L20; R24, L1), de *varios* (R13, L11; R39, L1, 2, 3 e 10), de *noticias* (R38, L2; R39, L4 e 11; R40, L2), de *violencia* (R40, título; R43, L1), de *conseqüencia* (R13, título e L14; R44, L13), palavras de uso rotineiros, do nosso dia-a-dia, que acabam por evidenciar, com a acentuação indevida, a falta de atenção aos inúmeros textos que devem ter passado sob os olhos do(s) autor(es) ou, o que talvez seja pior, o desinteresse pela acentuação gráfica no uso escrito da nossa língua.

Como a nossa língua é predominantemente de palavras paroxítonas, cujo acento cai na penúltima sílaba, uma generalização prosódica pode levar um vocábulo pouco conhecido (ou estrangeiro), oxítono ou proparoxítono, a ser considerado pelo usuário

dentro do grupo mais geral. Assim, se na escrita não se pratica a simples regra geral de que “toda palavra proparoxítona deve ser graficamente acentuada”, obviamente a sua eventual leitura se conduz com naturalidade pelo geral ritmo paroxítono, como nos casos *maquinas* (R15, L17) e *dialogo* (R38, L11), em que os substantivos proparoxítonos acabam por se confundir com as formas paroxítonas dos verbos (*maquinas*, do v. *maquinar*, e *dialogo*, do v. *dialogar*) podendo causar ambigüidades.

No nosso *corpus*, também se manifestaram os casos de *consequencia/consequência* (R13, título e L14; R20, L23; R27, L39 e 45; R33, L6 e 18), e de *sequestros* (R32, título; R33, L5; R34, título; R41, título; R42, título e L1; R43, L15), em que se omite o uso do trema, como seria necessário, em formas que tenham os grupos *que*, *qui*, *gue*, *gui*, com a pronúncia da vogal “u”. Tais casos, no entanto, diferentes daqueles acima, de simples regras precisas, podem ser vistos nas redações escolares, com atenuantes, não só porque, em reforço de sua exclusão, parte da imprensa os desconsidera, mas também porque ocorrem na língua vocábulos de diversidade de pronúncia (como p. ex. *liqüido/líquido*).

Voltamos a insistir que grande parte desses problemas de acentuação não compromete os argumentos do texto, mas prejudicará o próprio texto na sua apresentação; uma língua escrita que, também pela acentuação, segue os padrões da norma culta, naturalmente será mais bem aceita pelo interlocutor e, portanto, mais persuasiva.

Um quadro geral dos problemas de acentuação gráfica, no *corpus* examinado, demonstra que a maior ocorrência de desvios aparece em vocábulos homônimos e em

vocábulos terminados em ditongo oral átono. Como se pode verificar, com pequeno esforço dos usuários (se houver, é claro, alguma consciência da necessidade de acentos gráficos para precisar na escrita a pronúncia correta dos vocábulo) tais problemas podem ser facilmente superados.

O que, no entanto, se torna preocupante, depois de perpassar pelo amplo material de nossa pesquisa, de autoria de estudantes do final do 2º. ciclo, é sentir uma despreocupação muito grande com a acentuação, a ponto de algumas redações não usarem acento algum, como se os responsáveis pelos textos negassem a existência do acento gráfico. É óbvio que isso se pode refletir, negativamente, em provas de vestibular e de outros concursos que tais discentes venham a fazer.

6.1.2. Dificuldades ortográficas

Ainda que, durante o período de alfabetização do estudante, um dos maiores obstáculos decorra da falta de correspondência, por vezes, entre a grafia de uma palavra e a sua pronúncia, a verdade é que diversos outros fatores parecem intervir nas dificuldades ortográficas, de sorte a estendê-las por longo tempo na vida escolar, vindo a surpreender até aos instantes pré-universitários.

Para tentar melhor compreender as causas e a importância desses problemas, vamos valer-nos das etapas de alfabetização e suas falhas citadas por Miriam Lemle (1988:39), aí procurando classificar as dificuldades surgidas no *corpus* examinado.

A falha na primeira etapa corresponde aos problemas na correspondência linear entre os sons e as letras, provocando repetições de letras, omissões de letras, trocas na ordem das letras, imperfeições quanto ao formato das letras, e a incapacidade de classificar algum traço distintivo do som (*sabo/sapo, gado/gato*). São problemas típicos desta fase os casos dos vocábulos:

- *mandarem-se* (R15, L16); *neglicentes* (R27, L12): os dois casos provêm de um erro na correspondência entre o som e a letra, pela incapacidade de classificar o traço distintivo do som entre as letras d/t e c/g.
- *muinto* (R18, L6): ocorreu a nasalização do *i*, alterando a vogal tônica “u” e com o desenvolvimento de semivogal “y”.
- *enfizema* (R21, L5): também há a nasalização do *e* inicial, que pôde ser provocada pela comparação com outros vocábulos como “entorpecentes”, “entendimento”.

Os alunos, modificando a estrutura segmental das palavras, provocam supressão, troca, inversão ou acréscimo de letras em: *trasmitir* (R2, L2; R8; L15); *interar* (R10, L1); *conciência* (R41, L2 e 6; R42, L20); *osadias* (R2, L3); *opnião* (R35, L3).

A falha na segunda etapa é causada por um evidente desconhecimento de grafia, que se faz conduzir pela pronúncia oral, como em:

- *onesta* (R2, L8); *abituado* (R17, L5); *abitat* (R17, L13): as palavras deveriam iniciar-se com a consoante “h”, a qual, em nossa língua, não é pronunciada.

- *corrupção* (R2, L9); *corrupto* (R2, L13) – correto: “corrupto”. Mesmo não aparecendo a letra “i” na escrita, na língua oral, ela é pronunciada.
- *sucego* (R13, L6); *destruir* (R13, L13); *houvi* (R39, L13): os erros provêm da língua oral, em que é comum a troca de “o” por “u” e de “e” por “i”.
- *beneficientes* (R16, L1 e 3) – correto: “beneficente”: há influência analógica de formas cognatas, tais como “benefício”, “beneficiar”.
- *mau* (R24, L2): a proximidade na semelhança de sons entre “l” e “u”, faz com que ocorra a troca em alguns vocábulos, principalmente, entre mau (oposto a bom) e mal (oposto a bem), o primeiro como um adjetivo e o outro como um advérbio, ou uma conjunção temporal.
- *usão* (R3, L2); *preocupão* (R26, L18); *expulsão* (verbo) (R26, L14): o som de “ão”, na língua oral, aproxima-se de “am”.

Também, nessa fase, há ainda uma espécie de hipercorreção, em que o aluno, reconhecendo a interferência da língua oral na língua escrita, corrige-se indevidamente, acabando em erro, como em: *defamarem* (R5, L6), *comprimento* (R40, L5).

A falha da terceira etapa limita-se a trocas entre letras concorrentes pelo mesmo som. Podemos verificar, claramente, o resultado desta dificuldade nas redações: é o caso de: *falcidade* (R2, L12); *trapassas* (R3, L9); *invenções* (R13, L6 e 7); *atraz* (R39, L14); ao invés de, respectivamente, “falsidade”, “trapaças”, “invenções” e “atrás”.

Cada falha pertence a uma etapa de alfabetização, permitindo, de certo modo, diagnosticar em qual estágio se encontra o aluno. Conforme a análise, a confusão na segunda e terceira etapa decorre da influência da língua oral e da proximidade ou semelhança dos sons das letras. Esses desvios da variedade padrão não comprometem tanto a redação, mas influenciam, certamente, na persuasão de seu texto.

E por último, temos a *fase de constituição dos afixos*, como é o caso do vocábulo *inracionalis*, em que o aluno usa o *in* como prefixo, fazendo confusão, talvez pela comparação com outras palavras como “insensível”, “impossível”. O “in” e o “i” são prefixos de origem latina que, neste caso, têm o sentido de negação ou privação, e as alterações que têm sofrido em alguns vocábulos, como a perda do “n” no prefixo “in”, podem ter ocorrido pelo fenômeno da assimilação. Segundo Cunha e Cintra (2001:86), a assimilação consiste em “absorver um fonema as características do outro que lhe está contíguo”.

Quando encontramos esses casos apresentados no item de Ortografia, percebemos que, apesar de todos os esforços em promover uma alfabetização completa, há ainda, em fases posteriores, a dificuldade com problemas como correspondência entre som e letra na estrutura de uma palavra, representando, na verdade, um problema de fala ou de grande obstáculo sentido pelo aluno na relação entre a oralidade e a representação da escrita.

6.1.3. Sintaxe de Concordância

Ainda que seja da boa linguagem – e portanto objeto da Gramática Normativa – a sintaxe da concordância entre elementos determinantes e determinados, envolvendo a relação nominal ou verbal, o certo é que aqui se entra no domínio das redundâncias da língua, compreensão que faz entender melhor os desajustes em sintagmas populares, sem que se perca o seu valor significativo.

Cumprir à escola, é claro, seguir os melhores padrões e insistir na harmonia da concordância entre os elementos de um sintagma nominal (SN), bem como na relação geral do verbo com o sujeito.

No nosso *corpus*, em razão do que dissemos acima, mas em natural situação desconfortável para pré-vestibulandos, revelaram-se muitos desajustes da sintaxe de concordância. No caso do SN, os desajustes ocorreram ora no determinante (*dessa invenções*, R13, L7; *dependentes químico*, R26, L1; *atitudes incontrollável*, R32, L8); ora no determinado (*melhores jeito*, R8, L1; *maneira diferentes*, R17, L10; *nossas vida*, R38, L3) – tanto num caso como no outro refletindo influência da língua oral, que, evitando a redundância, se contenta com a flexão em apenas um dos elementos. É evidente que, com uma frase como “os meninu vai cantá”, própria da língua oral, pode-se pela colocação dos termos até entender o significado, mas não fica dúvida de que se foge dos melhores padrões da língua escrita, comprometendo não só o conhecimento mínimo do bom uso dessa modalidade, como também a eficácia argumentativa de um texto claro, correto e preciso.

Na extensão da frase, para prejuízo de seu entendimento, ocorreram muitos casos de desajuste verbal, isto é, da falta de concordância do verbo com o elemento a que se refere. Vejamos alguns casos:

- *muita falcidade e muito trambique **acontece*** (R2, L13);
- *Esses meios de comunicação **pode** influenciar muitas coisas* (R8, L15);
- *uma situação que **trazem** benefícios para eles* (R9, L4);
- *muitos ainda **insiste** em acabar com a fonte* (R19, L2);
- *As drogas, digamos, não **escolhe** porte, idade ou raça ela **pode** ser comprada e consumida* (R26, L3 e 4);
- *propagandas que **leva** as pessoas a refletirem* (R29, L12);
- *a TV as vezes **uni** e as vezes **separam** as pessoas* (R37, L9);
- *onde a maioria não achando soluções para seus problemas se **marginalizam*** (R41, L7 e 8).

Vale registrar casos desses desajustes, tanto de concordância nominal como de concordância verbal, em decorrência da distância entre os elementos relacionados. Tais casos, revelando descuido com a necessária atenção global, que deve acompanhar o fio significativo que liga os elementos do texto, são os reponsáveis por uma das maiores deficiências do conjunto significativo de nosso *corpus* e, conseqüentemente, pela sua pouca força argumentativa. Vejamos alguns:

- *os políticos usam **elas** [a televisão]* (R3, L2).
- *[o lado bom dos políticos], ou seja, só mostra os programas sociais feitos por **eles*** (R3, L4 e 5);

- *A televisão pode influenciar na eleição de um presidente porque em suas propagandas a televisão só mostra o lado bom dos políticos, ou seja, só mostra os programas sociais feitos por eles, **mostram** eles abraçando idosos, beijando crianças* (R3, L3-6): este caso pode causar ambigüidade com “programas sociais”; mas como, na estrutura da frase, o sintagma “programas sociais” não serve como sujeito da oração, consideremos, então, “a televisão”.
- *[a carreira política de um candidato] por que ela também mostra em seus teles jornais as trapassas feitas por **eles*** (R3, L7-9);
- *[o “POVO”] Mas tem **os** que não **perdem** seu tempo em ouvir tantas besteiras* (R5, L9);
- *a máquina não fica doente, ela não tem que cuidar da família e nem **ficam** pedindo um aumento* (R15, L9)
- *[as tribos] mas que mesmo assim têm que estar **atualizado*** (R15, L12)
- *[grande parte do povo] diz, “não é meu filho, então use a droga o quanto quiser...”, já a minoria [do povo] que pensa na exclusão dos usuários, **se preocupão** também com seus filhos* (R26, L16-18): o primeiro colchete foi incluído no exemplo para explicar o segundo, “[do povo]”, e mostrar a palavra não expressa no texto (*já a minoria que pensa*), que pode ser recorrida no período anterior. Quando o sujeito de uma oração é representado por expressões como “a maioria de”, “a minoria de”, acompanhadas de um adjunto no plural, o verbo aparece ou no plural ou no singular. Mas o aluno não utilizou um adjunto no plural, ficando, então, impedido de usar o verbo no plural.

Após todo um levantamento, observamos que a quantidade de erro de concordância verbal é muito maior do que a de concordância nominal. Na concordância nominal, o desajuste ocorreu mais em termos aproximados e referentes à concordância em número (singular/plural), refletindo a interferência da língua oral na língua escrita, já que na oralidade não há necessidade de redundância do plural. Na concordância verbal, a distância também não é um aspecto muito relevante, pois, a quantidade maior de erros apresentados está na proximidade dos termos, que nos leva a seguintes conclusões: dificuldade de conjugação verbal ou influência da língua oral, em que basta a referência de pessoa e número em um só termo da oração para que haja compreensão.

6.1.4. Problema de regência

Segundo Mattoso Câmara (1977:207), a regência é,

em sentido lato, a marca de subordinação de um vocábulo determinante ao seu vocábulo determinado num sintagma. Nas construções analíticas, em que a marca da subordinação é a preposição, a regência, em sentido estrito, refere-se ao valor relacional das preposições, dentro da língua, e às caracterizações dos determinantes que por meio de cada uma delas se estabelecem.

No exame das redações, encontramos diversos problemas que interferem nas relações dos termos das orações, mas aqui vamos centrar a nossa atenção no problema da crase, de cujo uso surgiram as maiores dificuldades.

a) ausência da crase na regência nominal

- *É muito importante que os jovens compreendam, por meio de nossas atitudes, qual é a atitude adequada **em relação as drogas** (R27, L32)*
- *Juntar ao currículo escolar temas ligados a drogas e explorá-lo **junto a população** (R27, L59)*
- *Nunca se pode fazer ou receber uma visita, com mais atenção por **dar mais atenção a televisão** (R38, L4 e 5)*
- *Até em famílias não há diálogo, por motivo de **dar mais atenção a TV** do que aos assuntos que interessa a família. (R38, L11)*

Como processo que representa a junção de duas categorias com a letra “a”, uma sendo preposição, outra sendo artigo feminino, a crase se revela na grafia, pelo sinal diacrítico do acento grave, e demonstra que o primeiro elemento da fusão é o conectivo, muitas vezes exigido pela palavra anterior. Omitir esse sinal, quando a palavra seguinte exige artigo, equivale a deixar de lado a preposição, comprometendo-se assim a sintaxe de regência entre os elementos envolvidos. É claro que, às vezes, usando-se adequadamente uma só das partículas referidas, o acento grave se faz desnecessário (vd. exs. R27, L59- “ligado a drogas”).

b) uso de crase antecedendo o sujeito da oração

- *Portanto **à televisão** pode influenciar sim na eleição (R6, L15)*
- *Mas **à TV** mostra coisas boas mas também muitas coisas ruins (R37, L11)*

Sendo do conhecimento gramatical comum que o sujeito da oração, como termo não dependente de outro anterior, não pode aparecer preposicionado, a colocação do sinal grave, como nos exemplos acima, acaba por fazer perceber a presença indevida

da preposição, levando a um duplo desvio, de acentuação e de regência, para forte dificuldade da seqüência argumentativa.

c) uso da crase antecedendo o objeto da oração

- *Na maioria das vezes, eles **transmitem à realidade** crua e nua das situações.*

(R10, L3)

- *No entanto, a situação é que faz com que os meios de comunicação **transmitam à realidade** se for o que lhes interessa (R10, L13)*

O problema fundamental nesses casos, com o uso da crase, é a confusão que passa a haver entre o objeto direto e objeto indireto, para dificuldade é claro da linha argumentativa.

O verbo “transmitir”, como transitivo direto e indireto, pede os dois objetos (“transmitir algo a alguém”) e, quando se omite um deles, é preciso que o outro fique precisamente determinado (com preposição no objeto indireto ou apenas artigo no objeto direto). Nos casos transcritos, parece claro que o propósito do redator é o do sentido “transmitir a realidade para as pessoas interessadas”, de sorte que omitido o objeto indireto, o objeto direto não lhe pode tomar o lugar, como leva a supor a inserção do sinal grave.

d) ausência do sinal da crase após locuções prepositivas que terminam com “a”

- *O mundo atualmente vive cheio de conflitos **devido as invenções** do homem*

(R14, L6)

- *o consumo anual americano era de duzentos bilhões devido a forma que Hollywood tratava o ato de fumar* (R22, L10 e 11)

Dada a presença evidente do artigo no nome que é regido pela locução prepositiva, os casos acima deveriam usar o sinal diacrítico da crase. Não se pode falar o mesmo do exemplo abaixo:

- *Muitas pessoas já sofrem pela inexistência de um ambiente mais adequado nos locais onde vivem devido a poluição, desmatamento e ate a falta de sair* (R19, L5 e 6)

em que, devendo-se admitir a ausência do artigo em “poluição” e “desmatamento”, não há de aí se exigir a crase, mas apenas no último sintagma “a falta de sair”, com determinação clara do artigo definido.

e) uso da crase antes da forma verbal

Fundindo a crase uma preposição e um artigo, fica também evidente que a esse grupo somente se pode seguir um nome, que se faz reconhecer pela determinação da segunda das referidas partículas. Colocar, pois, a crase nos casos dos exemplos que se seguem:

- *pois todo pré-adolescente e jovem tem como direito à estudar* (R28, L10)
- *ele começa à ficar sem emprego porque ninguém vai querer um alcoolatra ou drogado* (R42, L10)

é desconhecer a relação nome/determinante, bem como também que, no caso da nominalização do verbo no infinitivo, este fica determinado apenas pelo artigo masculino: “O correr do garotinho é ritmado”.

f) ausência da crase antes do objeto indireto

Este caso, que de certa forma se liga ao comentado no item c, também pode produzir ambigüidade e, de algum modo, dificultar a seqüência argumentativa.

Vejamos os exemplos:

- *Cabe a escola a prevenção ao uso de drogas* (R27, L43)
- *que leva o roubar para poder se sustentar e também as drogas e a prostituição* (R32, L6 e 7)
- *O que devemos fazer, procurar a Deus e nos dedicar mais a religião, para podermos viver melhor* (R42, L15)

A preposição como marca do objeto indireto, evidencia-lhe a função de complemento, daí a importância da sinalização da crase quando o nome regido seja feminino.

g) ausência da crase nas locuções adverbiais

No geral, as locuções adverbiais constituídas de preposição e locução nominal, tem nesta o artigo e, por isso, podem exigir o sinal da crase se for “a” o elemento preposicional e feminino o determinante do nome. É o caso dos exemplos abaixo, que, indevidamente, não foram acentuados

- *pode passar notícias a longa distância* (R8, L7): complemento do verbo “passar”, “a longa distância” forma uma locução adverbial de lugar que indica até onde chegam as notícias; sendo uma locução feminina acompanhada de

artigo, e o verbo “passar” pedindo um complemento indireto, a preposição “a” dever-se-ia apresentar na oração: “à longa distância”.

- *A TV de hoje em dia, às vezes une as vezes separa* (R35, L1)
- *Tudo serve para unir ou separar ao mesmo tempo, porque as vezes se passa na TV um filme (...), ou se as vezes passa novela* (R37, L3-5)
- *Acho que a TV, as vezes uni e as vezes separam as pessoas* (R37, L9)
- *Perdem o pouco que têm nas mãos dos bandidos, ás vezes até a vida* (R44, L6)

6.1.5. Problemas do verbo

Como nos diz Almeida (2001:15), o verbo é a classe gramatical que melhor ilustra a afirmação saussureana de que na língua “tudo é relação”.

E o que eleva o verbo a tanto é a sua ampla flexibilidade em diversas categorias (número, pessoa, voz, tempo, modo e aspecto), que lhe permitem estender os seus tentáculos relacionais, não só no enunciado em que se situa, mas também na maior dimensão do texto, contribuindo de forma decisiva para o seu significado global.

Verificado que um dos problemas do estudante que quer redigir se situa na deficiente compreensão da relação entre os fatos do texto, logo se faz notória a sua dificuldade com o emprego de verbos, em especial no uso adequado de tempos e modos. É então preciso constantemente lembrar, com as lições de Mattoso Câmara (1977), os pontos básicos do emprego do verbo.

A harmonia das flexões de número e de pessoa, mesmo por vezes sem a regularidade esperada, é melhor observada por estudantes de redação, em decorrência natural de serem itens tratados rigorosamente, com base na gramática padrão, desde os

primeiros anos escolares. Quanto à categoria de voz, na oposição ativa/passiva, só aparecem problemas na chamada “passiva sintética” (*Vendem-se casas*), cuja forma, de uso limitado, vem gradativamente sendo influenciada pela perda da consciência da passividade e pela concorrência da indeterminação.

Sem a preocupação de usos mais complexos, que entram no plano do estilo, define-se essa classe em princípio pela determinação precisa do tempo atual, do anterior e do posterior em face do momento da fala, fases essas marcadas respectivamente pelas formas do presente (*amo, estou amando*), do pretérito perfeito (*amei*) e do futuro do presente (*amarei*). E, em relação a tais instantes básicos, cabe observar, sobre o presente, a maior precisão da forma composta *estou amando* para a ação concomitante ao momento da fala, já que a forma simples *amo*, em polissemia, envolve facilmente empregos modais e metafóricos. Sobre o passado, que tem o pretérito perfeito (*amei*) como forma básica, há que logo se destacar, conforme bem ensina Mattoso Câmara, a sua oposição temporal – marcando um tempo mais remoto – pelo pretérito mais que perfeito (*amara, tinha amado*), bem como a sua oposição aspectual, pelo pretérito imperfeito (*amava*), para contrapor à ação pontual do perfeito uma ação durativa. No quadro geral das formas simples do verbo, a categoria do aspecto basicamente se limita a essa oposição perfeito/imperfeito e à do particípio passado/gerúndio, vendo-se mais aprofundado o seu estudo quando se entra no quadro das perífrases verbais.

Já no caso do modo, como categoria que revela a atitude do sujeito falante, é preciso verificar, desde a oposição indicativo/subjuntivo/imperativo, que não se trata de categoria exclusiva, compartilhando em geral com a de tempo dentro da mesma

forma, principalmente no indicativo onde melhor se definem as precisões temporais. As noções modais de “certeza” e de “dúvida”, que caracterizam respectivamente o indicativo e o subjuntivo, não deixam de se envolver com as noções de tempo (presente/passado/futuro), menos precisas no segundo dos modos referidos. No terceiro tipo, o do imperativo, a noção modal da ordem impulsiona o significado do verbo para momento posterior (“*Faça o que eu mando*”), na natural prospectividade do cumprimento.

Dada essa complexidade, na relação tempo/modo, cabe, para maior clareza, entender bem de princípio as oposições temporais apenas no modo indicativo e procurar perceber que a mesma forma pode ser vista de dois ângulos, o temporal e o modal. Assim, quando se diz “Pedro vai participar da Corrida de São Silvestre”, o enunciado traz, ao lado da noção futura que a perífrase expressa, também a noção modal da certeza, da convicção do sujeito falante, noção esta que ficaria menos precisa com o uso da forma simples do futuro (Pedro participará....).

Esse jogo tempo/modo é fundamental para o bom emprego do verbo; da sua complexidade decorrem os naturais desvios do aprendiz de redação, uma vez que é justamente tal habilidade que melhor representa a extensão dos tentáculos da relação no texto.

Após a análise das redações, ficaram-nos em destaque os seguintes problemas em torno do verbo:

a) ausência do verbo

“A televisão, um dos melhores meios de comunicação no mundo”.

(R2,L1)

“A televisão um meio de comunicação que pode influenciar em muitas coisas... (R. 2, L. 5)

“O telefone um meio de comunicar com pessoas de uma distância muito longa, o telefone com o passar do tempo foi se revolucionando agora temos até telefone sem fio” (R8, L9-11)

“...e, na maioria das vezes, tudo pelo dinheiro” (R19, L.2)

“Cada lugar uma tradição, uma maneira de falar, um tipo de música.”
(R20,L6)

“Programas de informações culturais muito poucos, sensacionalismo, um exagero, sem muito aproveitamento, a maioria”. (R31, L.12/13)

Tal comportamento pode suscitar no leitor duas interpretações: ou ocorreu a omissão do verbo, por descuido do enunciador, ou houve o propósito válido de tentativa de recurso estilístico, com o uso da frase nominal.

A primeira hipótese facilmente se contorna, com o hábito constante da releitura, logo após a primeira escrita, para ajustar as relações das partes do texto ou outros detalhes.

A segunda hipótese, ainda que coloque no texto um enunciado semelhante a um “slogan”, a uma frase de propaganda, que naturalmente não se faz adequada a um texto de composição dissertativa, na verdade pode produzir um efeito

positivo, dada a sua feição de seqüência compacta, capaz de envolver de forma emocional, apelativa, o interlocutor do discurso, na tentativa de convencê-lo sobre o assunto em questão.

b) discordância entre sujeito e verbo

Quanto à discordância entre sujeito e verbo, podemos verificar os exemplos colocados no item 6.1.3. Sintaxe da Concordância. Este é o mais constante problema do verbo nas redações analisadas. Em 44 textos surgiram 23 casos desse tipo de discordância.

Sem dúvida, este é um problema que exige muito cuidado do redator, para não transmitir a falsa impressão de alfabetização incompleta.

Na verdade, quando entramos nos detalhes de cada redação, podemos verificar que o princípio da necessidade da concordância entre sujeito e verbo se mostra respeitado na maioria dos enunciados de cada texto. Exceto nas redações 29 (onde ocorrem 4 casos desse tipo de desajuste), 12, 32 e 37 (em que aparecem dois casos), foi comportamento geral dos textos revelarem apenas um caso por redação. Isso significa que o princípio é conhecido e no geral respeitado e que, na maioria das vezes, houve pura desatenção e a lamentável preguiça de rever o texto e suas relações fundamentais. E também se nota que esse tipo de desajuste mais facilmente aparece, quando o sujeito se coloca em posição posterior ao verbo ou quando a sua relação se faz com uma locução ou perífrase verbal.

Para sublinhar a desatenção havida a respeito, levamos a rever os casos das redações 8, 32 e 37:

- Na redação 8, como o exemplo mostra, no mesmo enunciado o sujeito “esses meios de comunicação” se relaciona indevidamente com a perífrase “pode transmitir” e, na frase coordenada seguinte, adequadamente se liga com a perífrase “podem forjar”:

“Esses meios de comunicação *pode transmitir* a realidade mas também *podem forjar* muitas situações...” (L15 e16)

Na redação 32, o autor repetiu o título da proposta da redação, mas tirou o sujeito de “toma” (que era “violência), provocando no seu resultado o desajuste da discordância.

“Sequestros, roubos, assassinatos *toma* conta do país a culpa é de quem?”(título)

Na redação 37, na linha seguinte (L7) à do exemplo em desajuste (L5/6), o autor vem a usar a mesma perífrase, então com a flexão adequada (“as mães deixam de ficar dando conselhos”).

“que por exemplo o pai e a mãe não *deixa* de assistir...” (L5 e 6)

c) desajuste das formas verbais, no paralelismo das orações coordenadas

Como duas orações coordenadas se relacionam entre si em igualdade de plano sintático, o seu paralelismo acaba por determinar a máxima atenção, para a exata relação de seus elementos, em especial quanto às formas verbais a serem utilizadas.

Tal melhor atenção poderia evitar os desajustes havidos nos seguintes casos:

“...o mal pode-se voltar contra nós mesmos e assim *causando* danos irreparáveis” (R14, L20/21)

O auxiliar modal *poder*, pedindo o verbo principal na forma infinitiva, como é o caso da primeira oração coordenada acima (*pode-se voltar*), impede que a forma verbal da segunda coordenada, em que está implícito o mesmo auxiliar, venha no gerúndio, sendo assim natural o ajuste do verbo nessa frase para a forma nominal do infinitivo (*causar*).

“...pode-se saber notícias de todo o mundo em segundos, realizar pesquisas e *poder* conversar com pessoas de todo o mundo” (R16, L11/12).

O paralelismo das três orações coordenadas tornou redundante o uso do auxiliar *poder* antes de *conversar* e, portanto, desnecessário, já que o auxiliar que vinculou os três infinitivos (*saber, realizar e conversar*), na perífrase da possibilidade, é o mesmo (*pode-se*). Fica válido, no entanto, reconhecer que a relação auxiliar/auxiliado não deixou de estar presente no espírito do redator, pelo uso da forma do infinitivo quando repete o citado verbo (*poder*).

“...é o que faz com que os meios de comunicação transmitam à realidade se for o que lhes interessa, ou ainda *forjar* situações se for preciso....” (R10, L12-13)

O segundo verbo *forjar*, no texto como infinitivo, pelo paralelismo da oração coordenada, em que se situa, deveria aparecer na forma subjuntiva *forjem*, em razão

da natural seqüência da sua relação com *transmitam*, no uso adequado em frase-complemento da expressão verbal “faz com que...”.

“...são drogas lícitas que *fazem* o cérebro *desacelerar*, e *acabam esquecendo* a vida estressante” R23, L17/18).

O paralelismo destas coordenadas, colocando em relação as construções verbais *fazem desacelerar*, de sentido causativo, e *acabam esquecendo*, de sentido terminativo, veio a exigir o uso no infinitivo do auxiliar da segunda perífrase (acabar), mesmo também porque o sujeito deste último verbo é o mesmo de *desacelerar* (o cérebro).

“Mas tem muitas pessoas que trabalham em rádio, televisão, que pensando somente em si (...) *finjam*, montam cenas...” (R12, L11).

O paralelismo das orações relativas dos verbos “trabalhar”, “fingir” e “montar”, coordenadas entre si, evidencia a lógica do uso do mesmo modo verbal do indicativo para as três formas (trabalham, fingem, montam), não se justificando que uma delas nesse contexto se desvie para o modo subjuntivo (*finjam*).

d) dificuldades no emprego do subjuntivo

O modo subjuntivo se diferencia do modo indicativo, fundamentalmente, em termos de conteúdo, por não definir tão precisa a noção de tempo verbal e pela oposição dúvida/hipótese – certeza, bem como, em termos formais, por ser um modo dependente, no geral constante de orações subordinadas (MATTOSO, 1977). Tais características explicam, de certa forma, as dificuldades que, no uso desse modo, revelam os estudantes de redação, pelo menos em seu princípio.

Assim, como não poderia deixar de ser essas dificuldades também vieram a se revelar no “corpus” de nossa pesquisa:

“...eles sempre forjam uma situação que *trazem* benefícios para eles.” (R9,L4)

O segundo verbo do enunciado (trazer), em oração subordinada que enuncia uma hipótese da situação citada na oração principal, ficaria mais adequado na forma do subjuntivo e, é claro, em harmonia pessoal com o seu sujeito “situação” (traga). Pode-se facilmente crer que o enunciador, sem o cuidado da revisão de sua escrita, deixou-se influenciar nesse desajuste pela frase da linha anterior “Os meios de comunicação em geral nunca trazem a realidade dos fatos”(L3).

“...cenas de violência faz com que as pessoas *separam-se* uma das outras”(R29,L7)

Já tendo sido objeto de item anterior a discordância de “faz” com o seu sujeito, cabe aqui destacar que, para a oração hipotética do verbo “separar”, seria mais adequado o uso da forma subjuntiva (*faz com que as pessoas se separem...*).

“...porque se passa na TV um filme que todas as pessoas *gostarem*, eles logo estarão na sala para assistir todos juntos....” (R37, L3/4).

Cabendo aqui de fato o modo subjuntivo na subordinada do verbo “gostar”, o desajuste ficou no terreno do uso do tempo verbal, impreciso como vimos dentro desse modo. Em correlação com a oração subordinada hipotética anterior, que traz o verbo no presente, ficaria mais adequado com o verbo “gostar” o uso do presente do subjuntivo (*gostem*) ao invés do futuro “gostarem”.

e) desajustes da pessoa verbal

“*Precisamos* todos de mãos dadas *nos unirem....*” (R34, L12)

“....meios de comunicação, aonde *podemos se corresponder*”. (R39, L1)

“....cheguei a pensar em ligar para eles mas quando *foi* pegar o telefone....” (R39, L9)

Na boa relação das partes de um texto, é importante que se respeite, salvo exceções estilísticas, a uniformidade do uso da pessoa verbal, quer com as formas pessoais do caso reto, quer com as formas pessoais do caso oblíquo.

Assim, no primeiro exemplo acima, a forma pessoal do verbo auxiliar “precisamos” (nós) não permite que, no seu complemento de perífrase, funcione a forma “unirem”, que aponta para a 3^a. pessoa do plural (eles). O emprego do infinitivo deveria restringir-se à sua forma impessoal (unir) ou, por ênfase, a “unirmos”, em correlação pessoal adequada com o referido auxiliar.

No segundo exemplo, o pronome “se”, que aponta para a 3^a. pessoa, ficou em desajuste com a pessoa do auxiliar “podemos”, sendo adequado em seu lugar o uso do pronome átono “nos”.

E no terceiro caso, houve desarmonia de pessoa entre as formas verbais que apontam para o mesmo sujeito (eu), cabendo o ajuste, para “fui”, da forma do verbo ser na oração subordinada temporal.

f) redundância flexional

“... as indústrias (...) de cigarro não devem de maneira alguma *serem* responsabilizadas...” (R21,L7)

Em perífrases verbais, com os auxiliares dever e poder, usadas para transmitir em geral as noções modais respectivamente de obrigatoriedade e de possibilidade, é de uso comum o verbo principal na forma impessoal do infinitivo, valendo para toda a perífrase a flexão do auxiliar. Por força de clareza, a língua admite também a flexão do verbo principal, quando o autor intercala entre o auxiliar e o auxiliado uma seqüência relativamente extensa, que possa afetar o vínculo dessas duas partes da perífrase. Na hipótese, no entanto, da proximidade entre auxiliar e auxiliado, como é o caso do exemplo acima, o que resulta é uma redundância de flexão totalmente desnecessária.

g) desarmonia na seqüência verbal

“Porque não *mostravam* o efeito que o cigarro causa, quem sabe assim não espantaria esta juventude “perdida”? (R23, L27)

Depois de se apresentar todo o texto por frases narrativas com o verbo na forma presente, o enunciado acima, em posição final, de tipo interrogativo, quebra a seqüência com o imperfeito *mostravam*, quando aí ficaria mais adequada a continuação do presente (*mostram*) ou a generalidade do infinitivo (*mostrar*), uma vez que se trata de um questionamento conclusivo do autor, de valor prospectivo.

h) modalidade do verbo

“Como será um clone? *Será que ele vai ser normal?*” (R14, L12)

O segundo enunciado interrogativo oferece um conflito modal, entre as expressões verbais “será que” e “vai ser”. A primeira enuncia a idéia de dúvida, enquanto a segunda, ao contrário, revela a idéia da certeza, ao lado é claro da noção temporal de futuro, pela perífrase do auxiliar “ir” no presente do indicativo, mais a forma principal no infinitivo. Mais adequado, portanto, em termos modais, ao invés da perífrase “*vai ser*” seria uso da perífrase com o auxiliar “poder” (*pode ser*) para indicar a possibilidade, que não contrariaria a dúvida do início do segmento.

“Nas propagandas (...) os políticos (...) falam de seus familiares e o que eles fariam se fossem eleitos, prometem mais do que *cumprem*.” (R4, L8-11)

A forma do presente “*cumprem*”, por sobre a idéia de tempo atual, traduz no caso a noção modal da possibilidade. É um emprego comum e aceitável da forma simples do presente, em seu valor polissêmico. Todavia, no caso do contexto desse exemplo, por estar “*cumprem*” como o final de uma seqüência de formas presentes (armam, falam, falam, prometem), em que, sobre a expressão temporal da atualidade, predomina a idéia modal da habitualidade, ficaria aqui mais preciso o uso, ao invés da referida forma do verbo final, da forma perifrástica “podem cumprir”, na tradução dessa possibilidade.

i) troca de palavras

É comum em textos escolares, inclusive no domínio do verbo, a inversão do uso de palavras, por força da homonímia e até da paronímia. Trata-se de mais uma influência da língua oral, predominando a identidade do som sobre a diversidade da grafia, como já vimos no caso da oposição mal (adv.)/mau (adj.).

“O homem *a* anos vem adquirindo tecnologias benéficas....”(R16, L1)

“Cientistas (...) *vêm* pesquisando novas armas....” (R16, 13)

No primeiro exemplo ocorre o uso de *a* por *há*, em decorrência de serem ambas as formas homônimas homófonas, embora não-homógrafas. Do desajuste gráfico, resulta a mudança da classe gramatical, de verbo para preposição, o que, evidentemente, vem a prejudicar o entendimento do enunciado. E ainda isso revela o desconhecimento de uma regra simples que poderia evitar tal desajuste: no sintagma iniciado pela partícula (*a* ou *há*), se houver prospectividade em termos de tempo (idéia de futuro) ou se houver perspectiva adiante, em termos de espaço, o uso da língua exige a preposição “*a*” (daqui a dez anos, daqui a 20 metros); todavia, se houver retrospectividade (idéia de passado) o sintagma exige a forma verbal “*há*” (Eu não vejo Luísa há dez anos).

No segundo exemplo, caso da influência da paronímia, sendo *vêm* a forma da 3^a. pessoa do plural do presente do indicativo do verbo “*ver*”, e *vêem* a forma da mesma pessoa do verbo “*vir*”, a intenção do texto seria a de usar este último verbo, para formar a perífrase “*vir pesquisando*”, em cujo papel de auxiliar não cabe o uso do verbo “*ver*”. E o problema havido decorreu da semelhança das formas parônimas *vêm* e *vêem*, as quais, sem maior atenção ao contexto, podem facilmente confundir o enunciatador.

De acordo com a análise é importante colocarmos que o verbo e suas categorias devem colaborar para a clareza do texto. O enunciatador, ao utilizar corretamente recursos que diferenciem o seu estilo, ou que auxiliem na sua intenção, sem prejudicar

o sentido do enunciado, faz com que o interlocutor seja manipulado a aceitar as idéias propostas e, talvez, até ser convencido por elas.

6.1.6. Pronome

Expressão que designa os seres, indicando-os como pessoa do discurso, o pronome pode substituir ou determinar um nome.

E nessas funções tal classe faz-se importante para a articulação do discurso, cabendo evitar os problemas que as redações de nosso *corpus* oferecem.

Há alguns problemas na combinação com o verbo (pronome como objeto direto) como:

- *para o povo passar a **preferir ele** [o candidato] e não o outro* (R1, L9): o pronome pessoal “ele” aparece para substituir o objeto direto, complemento do verbo transitivo “preferir”; no processo desta substituição, segundo as regras, não há possibilidade de usar um pronome pessoal reto (“ele”) como objeto direto, mas se deve usar o pronome pessoal oblíquo (“o”) combinado com o verbo, que terminado em “r” (“preferir”), perde esta consoante e acrescenta o “l” junto ao pronome oblíquo: preferi-lo.
- *por isso os políticos **usão elas** [a televisão] para suas campanhas* (R3, L2): conforme já foi comentado, além de um problema de combinação do pronome com o verbo, há também um problema no próprio verbo, em que “ão” deveria aparecer como “am”, refletindo um erro de ortografia (confusão língua

oral/língua escrita). Considerando a concordância correta do pronome “ela” [a televisão], a escrita correta do verbo, “usam”, e a regra de que para os verbos terminados em “m”, acrescenta-se o “n” ao pronome, temos, enfim, “usam-na”.

- *[a televisão] mostra os programas sociais feitos por eles, **mostram eles abraçando idosos** (R3, L5):* no item da concordância, podemos verificar que este caso pode representar ambigüidade; se seguirmos a explicação anterior, além de um problema de pronome, também encontramos um problema de concordância que alterará a contração: “mostram-nos” passa para “mostra-os”, pois somente os verbos terminados em “m” ou em ditongo nasal (ão), pedem os pronomes oblíquos “o, a, os, as” nas formas “no, na, nos, nas”.
- *o preconceito mostrado na TV influência algumas pessoas a **praticar-lo** (R29, L10):* conforme a regra, o pronome oblíquo “o” vir após verbos terminados em “r”, “s”, “z”, toma a forma de “lo”, e estas consoantes dos verbos desaparecem: *praticá-lo.*

Outros problemas talvez de menor importância encontramos na colocação pronominal em relação ao verbo. Há uma tendência de estilo, como pudemos verificar nas redações, do uso da próclise:

- *uns dos meios de comunicação mais sérios **se empenham** em por todos a parte (R10, L6)*
- *Agora quando se tem que passar o lado extraordinário do beneficiado **se omitem** várias coisas. (R10, L10 e 11)*

- *Diferenças no modo de falar (o homem do campo é mais “acaipirado” e da cidade mais “normalzinho”), o modo de **se vestir**, a comida e até mesmo a educação (R20, L10)*
- *As indústrias **nos apresentam** belas propagandas para que estas nos convençam (R21, L10 e 11)*
- *grupo de pessoas **se divertindo** (R23, L25)*
- *Muitos dos diretores **os expulsão** (R26, L14)*
- *A primeira impressão é que a televisão **se tornou** nas famílias, a sua melhor amiga (R31, L2)*
- *A violência a cada dia que passa **se torna** comum no âmbito da população (R34, L1-3)*
- *e **nos perguntamos** a culpa é de quem? (R40, L3)*
- *onde a maioria não achando soluções para seus problemas **se marginalizam** (R41, L8)*
- *O que devemos fazer, procurar a Deus e **nos dedicar** mais a religião (R42, L15)*

Porém, ocorrem alguns casos em que os alunos, preocupados em corrigir-se, usam a ênclise no lugar da próclise:

- *com a internet (globalização) **onde pode-se** saber notícias (R16, L11): “onde” é pronome relativo, por isso, de acordo com as normas, há a necessidade de proximidade entre “onde” e o pronome oblíquo, ocorrendo, assim, a próclise: “onde se pode”.*

O mesmo caso ocorre em:

- *muito tem se discutido* (R24, L1) (com o pronome indefinido “muito”: “muito se tem discutido”).
- *função essa **que modificou-se** muito no decorrer desses anos* (R36, L2)(com o pronome relativo “que”: “que se modificou”).

Foram encontrados vários outros problemas relativos ao pronome, e, assim como vimos nos problemas de ortografia, de concordância, os erros em relação aos pronomes também decorrem da influência da língua oral. Nela não temos a preocupação de usar uma posição correta do pronome na oração, de explicitar os objetos diretos e indiretos, de evitar a redundância, pois o próprio contexto da fala encarrega-se de fornecer as informações necessárias para o entendimento de um enunciado. Já na escrita, precisamos lembrar que o pronome deve apresentar-se com maiores cuidados e de forma mais elaborada, não que a sua posição na oração comprometa o sentido do texto, mas para que não haja falha de referência e ambigüidade, a fim de que nosso interlocutor possa compreender sem dificuldades o que desejamos expressar.

Preocupando-nos mais com o sentido do texto, apresentamos alguns casos em que a utilização do pronome pode comprometer a oração, como:

*Onde em propagandas o candidato mostra argumentos favoráveis a si contando como foi sua vida, ou se em outra eleição já foi eleito, conta as obras boas que fez. Ou julgando outro candidato; para o povo passar a preferir **ele** e não o outro.* (R1, L6-9)

O pronome pessoal “ele” está usado incorretamente – “preferi-lo”. Quando o redator coloca “ele” deixa uma ambigüidade entre “o candidato, que faz a propaganda”, e o outro “candidato julgado”. Pela seqüência de idéias lançadas na redação, talvez esteja fazendo referência ao “candidato que faz a propaganda”, afinal, também fazer críticas más a outros candidatos é uma maneira de melhorar sua posição na eleição.

Nas propagandas políticas que são passadas na televisão os políticos armam um esquema para fragilizar os eleitores, falam como eram suas infâncias, falam de seus familiares e o que eles fariam se fossem eleitos, prometem mais do que cumprem.

(R4, L8-11)

“Eles” causa uma ambigüidade entre candidatos e familiares, que somente é desfeita quando o enunciador coloca a subordinada condicional “se fossem eleitos”, garantindo a hipótese de que “eles” tenha feito referência a “candidatos” e não a “eleitores”. Mas, a ambigüidade permanece no uso de “suas infâncias” e “seus familiares”, em que ficam dúvidas se a referência é aos “políticos” ou aos “eleitores”.

Mas também tem os que não perdem seu tempo em ouvir tantas besteiras, por isso ao invés de assistir o canal, simplesmente faz outra atividade. (R5, L10-12)

Pelo contexto percebe-se que a referência anafórica de “os” aponta para “povo” (ou por concordância ideológica para os “elementos do povo”). Como, no entanto, o referente potencial mais próximo, no masculino e no plural, é “políticos”, a forma usada do referido pronome reveste-se de ambigüidade.

Mas de um modo geral, todos os candidatos tentam fazer com que os telespectadores acreditem em si e que com isso o elejam. (R6, L13 e 14)

O “si” causa uma ambigüidade, fazendo parecer que os telespectadores devam acreditar neles mesmos e não nos candidatos, como talvez quisesse dizer o enunciador. E embora o pronome oblíquo “o” esteja no singular, enquanto “candidatos” e “telespectadores” aparecem no plural, o contexto conduz à referência inadequada de “candidatos”, já que estes são os que concorrem à eleição.

*Assim o que adianta ter o mundo e na hora que se descobrir que um membro da família está com uma doença que os médicos não conseguem descobrir a resolução para o problema onde o dinheiro não pode fazer nada, pois **ele** não faz milagre.*(R18, L14-17)

O pronome pessoal “ele” deixa uma ambigüidade entre “mundo” e “dinheiro”, a qual só é desfeita pelo conhecimento do interlocutor sobre o chavão “o dinheiro não faz milagre”.

*As indústrias nos apresentam belas propagandas, para que estas nos convençam, afinal, **elas** precisam “vender o seu peixe”, mas com tantos contras cabe a cada um ser responsabilizado pelo seu vício.* (R21, L10-12) O pronome pessoal “elas” pode estar referindo a “indústrias” ou a “propagandas”. “Estas” parece referir-se a “propagandas”, que são veículos do conhecimento e do convencimento,

mas “elas” deveria ligar-se com mais clareza a “indústrias” como agentes da “venda de seu peixe”.

*As drogas, digamos, não escolhe porte, idade ou raça ela pode ser comprada e consumida tanto por pobres quanto ricos, tantos por crianças e jovens como por adulto e também é consumida por negras, brancos, judeus, nipônico... todos corremos este risco, vem da indole de cada um julgar se a droga é boa e necessária para **ele**, **este** por sua vez não deveria divulgar **algo** que **ele** goste, já que cada um tem seu modo de vista, seu gosto.(R26, L3-8)*

O uso do pronome pessoal “ele”, em “julgar se a droga é boa e necessária para ele”, não faz referência a nenhum termo do parágrafo. Talvez, pela seqüenciação de idéias, o redator tenha usado o pronome recorrendo ao sintagma “dependentes químicos”, usado no início da redação. Tornando o período ainda mais complicado, o enunciador usa o pronome demonstrativo “este”, fazendo recorrência a “ele” – explicado acima. Não havendo a referência correta do primeiro pronome (“ele”), dificuldade maior é encontrar o referente para o segundo (“este”).

O problema da referência também ocorre em outros dois pronomes, “não deveria divulgar **algo** que **ele** goste”. O pronome pessoal reto “ele” faz referência aos pronomes analisados primeiramente – “ele/este”; enquanto o pronome indefinido “algo” talvez faça referência à droga, ou a qualquer outro produto que seja ilícito, pois, o enunciador coloca que “não deveria divulgar algo que ele goste”. Melhor seria, então, não usar o termo “divulgar”, mas “oferecer” o produto.

Porque não só como filmes, novelas, propagandas, shows, tudo serve para unir ou separar ao mesmo tempo, porque as vezes se passa na TV um filme que todas as pessoas da casa gostarem, eles logo estarão na sala para assistir todos juntos... (R37, L2-5)

Além de problema de regência e de uso verbal, há um problema também de referência anafórica no pronome “eles”, que de acordo com o contexto, podemos dizer que faz referência a “todas as pessoas” com um desajuste de concordância de gênero – masculino (“eles”)/feminino (“todas as pessoas”).

Será que a culpa é dos nossos pais que não souberam nos educar direito, ou será das grandes autoridades que não tem consciência do que o povo pode passar ou se tornar.

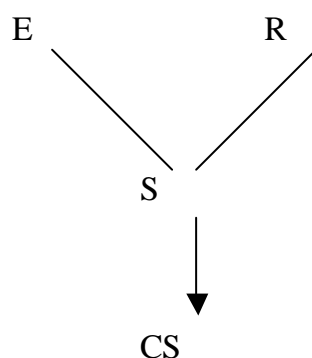
Se não fossem eles os maiores bandidos do mundo, não haveria sequestros, assassinatos e roubos. (R41, L1-5)

O pronome pessoal “eles” não está bem relacionado com o seu antecedente, levando à ambigüidade entre “pais” e “grandes autoridades”, com a definição, a favor das últimas, pelo contexto, ou melhor, pela seqüência das idéias a respeito delas.

Esses problemas de coesão referencial interferem diretamente no sentido do texto, provocando ambigüidades, que algumas vezes podem ser esclarecidas pelo próprio contexto, mas em outras fica a dúvida da real intenção do autor do enunciado, comprometendo não somente a apresentação de seu texto, mas deixando confusa a idéia que deseja expressar.

6.2. Seleção lexical (uso impróprio de palavras, de sintagmas)

Sabemos que no esquema da comunicação temos o emissor, o receptor, a mensagem e a coisa significada:



De acordo com o esquema acima, o entendimento entre o emissor e o receptor se encontra no signo lingüístico, a fim de “evocar a coisa significada”, assim, “estamos diante da significação”. (ALMEIDA, 1972: 289)

As nossas significações são transmitidas por frases, são elas que se organizam em unidade mais ampla, denominada discurso. Essas frases se decompõem em sintagmas e palavras, os quais são os objetos de estudo deste item.

Quando usamos a palavra não só temos convicção de sua valia e eficácia, mas também reconhecemos o seu poder sobre o receptor.

O nosso vocabulário impressiona-nos com a quantidade de palavras arquivadas em nossa memória para representar e caracterizar as coisas, as experiências, as ações, os sentimentos.

Em um dicionário, as palavras aparecem livres, em seu estado bruto; numa folha escrita, as palavras se apóiam em contextos específicos, e o seu significado²² passa a depender das associações contextuais. Mesmo assim, há casos em que “um termo subsiste inteiramente por si só, sem qualquer suporte contextual, e continua, assim mesmo, a fazer sentido”. (ULMANN, 1964:103)

Há em cada palavra um significado sólido, estável, que só dentro de certos limites pode ser modificado, no caso, os do contexto.

O contexto acaba impondo um valor específico para a palavra, libertando-a de todos os seus significados, acumulados pela memória, e atribuindo-lhe uma significação atual. Ou seja, todas as palavras têm uma variedade de aspectos que serão determinados conforme o seu uso em certas situações.

O contexto é o responsável por determinar a carga emotiva de uma palavra, pois é nele que a palavra adquire um determinado papel a desempenhar. Por exemplo:

a) “Sua bela **face** tinha traços de pintura barroca.”

b) “Sua bela **cara** tinha traços de pintura barroca.”

Observe-se que são dois exemplos que têm palavras diferentes mas com significados próximos. No primeiro exemplo, o uso de “face” faz com que se ressalte a sua beleza numa expressão suave, e a semelhança com a pintura barroca faz parecer um elogio. Diferente no exemplo b, em que o termo “cara” opõe-se aos outros termos da oração, transmitindo uma idéia irônica.

Vimos, então, que toda palavra tem o seu significado, e só podemos verificar o seu sentido pelo contexto no qual está inserida.

²² Para Ulmann (1964:119), “há uma relação recíproca e reversível entre o nome e o sentido: se alguém ouvir a palavra, pensará na coisa, e se pensar na coisa, dirá a palavra. É esta a relação recíproca e reversível entre os sons e o sentido que propõe chamar *significado da palavra*”.

Porém, deve haver cautela no uso de certos termos em alguns contextos, a fim de que o enunciado não se torne ambíguo, impreciso ou inadequado, em favor da clareza das idéias expressas, e, dessa forma, da argumentação.

Por essa razão, fez-se necessária a análise de algumas palavras e expressões, que, por falta de clareza no seu significado, deixam de contribuir para o sentido do texto, como:

a) palavras com o uso impreciso do significado: quando usamos certas palavras ou expressões que tenham um significado muito amplo e deixamos de defini-las precisamente. O cuidado com este tipo de problema é que, sendo a palavra de sentido amplo, pode ocorrer em vários tipos de contextos e até servir de argumento para a parte contrária.

*A televisão faz com que os candidatos sejam como os telespectadores esperam, ou seja **perfeitos**.* (R4, L6 e 7)

O termo “perfeitos” tem um significado amplo, já que há diferentes conceitos do que seria um candidato perfeito arquivados na mente de cada leitor.

*Agora quando se tem que passar o lado **extraordinário** do **beneficiado** se omitem várias coisas.* (R10, G1)

O vocábulo “extraordinário” significa “fora do comum, excepcional, esquisito”. Por esta razão, não caberia o uso desse vocábulo, pois conseguimos perceber, pela redação, que há uma confusão entre “extraordinário” e “lado bom do beneficiado”.

Tanto é isto, que o redator esclarece o uso do termo “beneficiado”, ao dizer que “se passasse o lado bom do candidato, ele seria beneficiado”.

*E é através dessas informações, que a população age onde muitas vezes do jeito que a imprensa quer e não **do jeito certo**.* (R12, L13 e 14)

No exemplo encontramos o sintagma “jeito certo”. No dicionário, “certo” significa “verdadeiro, exato, infalível”, portanto, foi usado inadequadamente, pois faltou especificar, definir melhor qual é o “jeito certo” que se opõe à manipulação da imprensa.

*A ciência e a tecnologia são manipuladas pelo homem que corre atrás da vontade de obter **sucego**. Isso aumenta invenções para satisfazer-se. O clone é exemplo dessa invenções.* (R13, L5-7)

O termo “sucego”, já analisado no item das dificuldades ortográficas, é questionável, quando confrontamos com o enunciado “O clone é exemplo dessa invenções”; faz parecer que talvez o enunciador quisesse colocar “sucesso” e não “sucego”, já que a clonagem não possibilitou, na redação, o segundo sentido.

*Um grande exemplo que pode ser dado sobre a tecnologia e a ciência é a novela o Clone, que fala da **atualidade**, que as tribos tem que passar* (R15, L11-13)

Há uma impropriedade no uso do termo “atualidade”, já que este termo não reflete somente a renovação da ciência e da tecnologia, mas tem como significado “época presente; oportunidade; qualidade do que é atual, interesse atual”. Portanto,

deveria aparecer melhor definido, sem atribuir o seu sentido somente para a questão da clonagem.

*Contudo, vemos que o responsável pela utilização da ciência e da tecnologia é o homem, que mesmo podendo ajudar as pessoas a manterem-se **socialmente** (R15, L14-16)*

O termo “socialmente” indica o modo de vida em sociedade, que seria “os homens vivendo sob leis comuns”. O termo “socialmente”, na redação, é aplicado de forma inadequada, com a idéia de “ajudar as pessoas a manterem-se econômica ou financeiramente”. Por isso, não é cabível o termo, porque não foi bem definido. Poderia até ser usado, se fosse explicado melhor, com o sentido de estar “incluindo a questão financeira para que uma pessoa viva dignamente em sociedade”.

*Existe também a clonagem, assunto muito falado ultimamente e que causa muita dúvida, brigas e que existem pessoas a favor e contra. Uns dizem que poderão até recuperar parentes perdidos, outros dizem que o homem está querendo passar de **criado** para **criador**, enfim, muitas discussões. (R16, L18-22)*

Clara confusão aparece entre “criado” e “criatura”. A não ser que o autor tivesse a intenção de provocar um sentido de objeto criado, inventado, que caberia bem em um contexto como o da “clonagem”.

*De uma certa forma, esta discordância é lógica, pois, muitas pessoas morrem com câncer, cirrose, ou até mesmo por falta de resistência portanto **aptas** a outras doenças causadas pelo efeito do álcool. (R22, L25-27)*

Também em “aptas”, há impropriedade lexical; poderia ter usado “propensas”, já que “aptas” tem um sentido positivo (apto: hábil, capaz, idôneo; próprio; conveniente; aprovado; hígido; são), como capacidade de realizar algo.

*As drogas, digamos, não escolhe porte, idade ou raça ela pode ser comprada e consumida tanto por pobres quanto ricos, tantos por crianças e jovens como por adulto e também é consumida por negros, brancos, judeus, nipônico... todos corremos este risco, vem da **índole** de cada um julgar se a droga é **boa** e **necessária** para ele, este por sua vez não deveria divulgar algo que ele goste, já que cada um tem seu modo de vista, seu gosto.(R26, L3-8)*

A questão de uma pessoa se envolver com drogas não é bem pela índole, como diz o autor – índole significa “propensão natural, tendência especial, caráter, temperamento, constituição, gênio” – pois, não é natural a necessidade de usar drogas. Outro problema aparece no uso de “boa” e “necessária”. De acordo com a redação, o meio influencia muito no ser humano, e podemos perceber isso claramente quando o próprio enunciador coloca que um viciado oferece a droga a outra pessoa: “este por sua vez não deveria divulgar algo que ele goste, já que cada um tem seu modo de vista, seu gosto.” Não há como a droga ser boa, mas pode ser necessária, como foi bem usado, no conceito do viciado.

*Mas o que fazer com estes alunos que são pegos com drogas? Muitos dos diretores os expulsão, mas será que esta é a melhor saída?! Será que a exclusão do meio não os deixariam mais **voláteis** ao traficantes?* (R26, L13-15)

O termo “voláteis” é usado para caracterizar aquele que “voa; é relativo às aves; voador”. Não é, portanto, cabível o uso do termo no parágrafo; talvez o locutor pretendesse dizer “vulneráveis”.

*Existe hoje varios meios de comunicação, onde podemos se corresponder ou atualizar-se em vários **segmentos**, um exemplo é a televisão.* (R39, L1 e 2)

O termo “segmento” tem como significado “seção, porção, parte de um todo”, dessa forma, não é cabível o seu uso nesse contexto. Talvez o aluno quisesse expressar “vários modos”.

*Sequestros, assassinatos, roubos, violência, tudo isso está acontecendo dentro da própria família que é e sempre foi muito mal **administrada** pelo nosso governo* (R42, L1-3)

Administrar significa “governar, dirigir, ministrar”, e nenhum destes termos é cabível no contexto. Seria melhor que o aluno tentasse explicar como a administração do governo em certos setores – segurança, saúde, educação – influencia na vida das famílias.

b) generalização imprecisa: uso de palavras de abrangência vasta que comprometem a argumentação, por envolverem um conjunto indeterminado e impreciso de dados da realidade.

b.1. inadequação no uso de dados estatísticos

*E assim aproveitam os políticos para defamarem o outro e fazer suas promessas **100% não cumpridas**.* (R5, L6 e 7)

*Mas no final: **90% pode se influenciar** na escolha do presidente pela televisão.*
(R5, L13 e 14)

*Infelizmente estamos dentro de um sistema capitalista falido, onde os poderosos inculcam posturas ideológicas inatingíveis por **noventa por cento da população**, mas que deixam de querer adquiri-lo.* (R43, L12-14)

Quando utilizamos dados estatísticos como argumento para redação, não podemos, simplesmente, colocá-los sem informar a sua fonte, já que pode haver variação dos dados conforme o lugar e o tempo em que é feita a pesquisa. Sem as informações corretas, o redator compromete a sua redação, argumentando com provas questionáveis.

b.2. inadequação no uso de pronomes indefinidos

*Sem falar quem hoje em dia, **tudo** está sendo trocado por esta atualização.*
(R15, L3 e 4)

Ao usar o pronome indefinido “tudo”, o aluno corre o risco de seu argumento ser questionado, uma vez que a generalização só pode ser usada quando condiz

exatamente com a realidade. No caso acima, há uma contestação, pois muitas pessoas ainda não têm acesso à ciência e à tecnologia (as quais o redator chama de atualização), ou pelo menos não usufruem dessa modernização.

*A realidade de fato e que com o passar do anos, o progresso, a vida corrida, os afazeres aumentados, a vida sedentaria, a televisão tornou-se sinonimo de tranquilidade individual, descanso e há se afirmar que com o individualismo em alta a televisão só tem servido para separar os seres que **tudo** poderiam ter e ser em comum.*

(R36, L13 e 14)

A generalização feita pelo pronome indefinido “tudo” pode ser questionada, porque não há igualdade para todos os seres, já que depende de diversos fatores; portanto, as causas (“televisão” e o “individualismo”) não são suficientes para provocar “a desigualdade dos homens”.

*No mundo de hoje, em que vivemos, **tudo** está ligado de alguma forma na TV.*

(R37, L1 e 2)

Muito questionável é dizer que “tudo está ligado de alguma forma na TV”, primeiro, porque o redator não explica como todas as coisas estão envolvidas com a TV e, segundo, não há argumentos que provem a generalização na redação.

c) redundâncias: talvez por estilo, para criar um efeito, até por falta de atenção, o aluno repete em um enunciado, ou numa seqüência de enunciados, a mesma palavra, expressão ou idéia.

*O meio ambiente influi **muito** na vida do ser humano e isso **não é pouco**. (R19, L7)*

Sendo óbvio que “influir muito” envolve a idéia “não é pouco”, a expressão desta acaba por representar uma redundância, uma prolixidade desnecessária.

d) clichês: são as chamadas expressões prontas (provérbios, ditados, verdades universais). Ocorrem quando o aluno não consegue discutir um assunto a partir de suas idéias, e acaba recorrendo a frases feitas. Os clichês são tidos como recursos de argumentos vazios.

*Mas o “POVO” é do tipo “**Maria vai com as outras**” e por isso acaba caindo em qualquer papo sem sentido e convincente. (R5, L8 e 9)*

*Um grande exemplo que pode ser dado sobre a tecnologia e a ciencia é a novela *O Clone*, que fala da atualidade, que as tribos tem que que passar, devido aos seus costumes, mas que mesmo assim têm que estar atualizado devido, **a força para continuar a viver**. (R15, L10-13)*

*Cientistas de todo o mundo vêm pesquisando novas armas para o uso em guerras, contra outros seres humanos onde a tecnologia (como **tudo na vida**), **tem seu lado bom e ruim**. (R16, L3-5)*

*Assim o que adianta ter o mundo e na hora que se descobrir que um membro da família está com uma doença que os médicos não conseguem descobrir a resolução para o problema onde **o dinheiro** não pode fazer nada, pois ele **não faz milagre**. (R18, L14-17)*

*As indústrias nos apresentam belas propagandas, para que estas nos convençam, afinal, elas precisam “**vender o seu peixe**” (R21, L10 e 11)*

***Assim caminha a humanidade!** (R33, título)*

e) expressões generalizadas no uso popular: por vezes, apareceram, nas redações, expressões próprias da língua oral, cujo uso recomenda-se evitar na escrita da norma culta:

*Ela pode influenciar na eleição **mudando a cabeça dos eleitores** com propagandas (R2, 7 e 8)*

*A televisão um meio de comunicação mais usado em todo mundo, pode influenciar muitas coisas, como em eleição política, **fazer a cabeça do consumidor** a comprar um produto. (R8, L12-14)*

*Como tudo na vida, deve-se ter **cabeça feita** até para ser influenciada (R20, L19)*

*ou os pais não tem controle sobre as programações da TV que andam um pouco “**pesadas**” em alguns canais. (R35, l. 6)*

*Continuo sentado na poltrona, plim, plim, catastrophe, plim, plim, ilusão, plim, plim, sexo, plim, plim, engano, vou dormir e nem dei um abraço na **minha velhinha**. (R39, L23-25)*

*Mas o que não falta é desonestidade das partes dos **grandões**. (R41, L9 e 10)*

f) palavras que mostram a presença do enunciador no texto: são expressões personalistas que fazem com que o enunciador seja o único responsável pelo que está dizendo, e o único dono da opinião. Não que seja incorreto o uso dessas expressões, mas produz um efeito de isolamento do enunciador. Diferente quando usamos “nós, nosso, e verbos conjugados na primeira pessoa do plural”, provocando a participação do interlocutor; assim, as idéias e os argumentos lançados não são somente do enunciador, mas pertencem a um universo maior, de opinião pública, incluindo o do próprio leitor do texto.

*Pois eu **acho** que a televisão deveria **ver** os dois lados da moeda, e não concordo com essa atuação. (R2, L16 e 17)*

***Eu não concordo** que a televisão possa influenciar na campanha política de um presidente (R3, L11 e 12)*

*Na **minha opinião** a TV separa as pessoas e ao mesmo tempo dependendo do programa ela une. (R37, L15 e 16)*

*Esta é **minha** imutável opinião. (R40, L12 e 13)*

g) uso de termos ou expressões que não correspondem com a realidade: uso de certos termos que não estão de acordo com a realidade, por isso, não podem servir como provas.

*Os meios de comunicação em geral **nunca** trazem a realidade dos fatos, eles sempre forjam uma situação que trazem benefícios para eles ou seja que de ibope ou grande número de vendas. (R9, G1, l. 3-5)*

Não é verdade que os meios de comunicação nunca trazem a realidade dos fatos. Trata-se aqui de uma opinião particular, prejudicada pela falta de consciência crítica e pela forma inadequada de afirmação.

*Essa luta com seu meio vem exatamente destas transformações, que são inevitáveis para o homem acabar habituado ao local. Temos exemplos e comparação todos os dias, como homens nascidos e criados em favelas (classe miserável) com homens nascidos e criados nas cidades (**classe média e/ou alta**). (R17, L3-8)*

O redator coloca uma oposição, “favelas (classe miserável) x cidades (classe média e/ou alta)”, prejudicada por não corresponder com dados reais, já que não existe a classe miserável somente nas favelas, como deixou claro em seu texto.

Nunca se pode fazer ou receber uma visita, com mais atenção por dar mais atenção a televisão (R38, L4 e 5)

É claro que a televisão influencia na vida das pessoas e, de certa forma, prejudica a relação entre elas, mas não tanto que “nunca se pode fazer ou receber uma visita com mais atenção”.

A grande ocorrência de impropriedades lexicais decorre, principalmente, do uso de certas palavras ou expressões que não são adequadas ao texto, porque o redator não tem um conhecimento preciso sobre os seus significados. Dessa forma, torna o seu argumento questionável, confuso ou com um sentido contrário à intenção do autor.

7. ARMAS PARA UMA BOA ARGUMENTAÇÃO

O processo de pensar, expressar idéias, refletir, discutir, registrar, sistematizar, fazer e refazer, alicerça-se na contribuição interativa das diversas disciplinas, através da articulação do pensamento e linguagem em busca do significado das coisas e da elaboração do saber. (Gonçalves, 1994:480)

Segundo Petersen (1973:230), o raciocínio é o responsável pela formação de idéias e juízos. Por meio de combinação de elementos conhecidos, por meio da lógica, o homem busca vincular juízos e determinar, assim, novas verdades. A partir do material já desvendado, investiga outros “por intermédio das conseqüências que obtém com suas confrontações”.

O raciocínio precisa de elementos que o acionem para chegar a uma conclusão, e são eles os argumentos.

A argumentação é, portanto, o empenho do locutor em fornecer ao *raciocínio* do ouvinte tudo que seja necessário para guiá-lo, seguramente, ao juízo pretendido pelo locutor.

Ao desejo de resolver um problema, solucionar uma dúvida, ou um simples querer saber, o locutor parte para uma investigação no raciocínio, a qual proporcionará

argumentos para chegar-se à determinada conclusão, podendo ser realizada da seguinte forma:

1. Definição do tema: explicar o sentido de uma palavra ou a natureza de uma coisa; compreender o problema em seus vários aspectos desde a sua classificação até a sua amplitude.
2. Como ocorreu(ram)? Como ocorre(m)? Ou como ocorrerá(rão)?;
3. Quais as causas do ocorrido?;
4. Para que finalidade foi destinado?
5. Quais as conseqüências boas e más do ocorrido? Já existiram? Ainda existem? Poderão existir?
6. Quem ou o quê é(são) favorecido(s) com as boas conseqüências (se houver)? E de que forma?
7. As más conseqüências (se houver) são um problema individual ou coletivo? Como atingem cada um? Ou como atingem a sociedade, a nação ou o mundo?
8. Quais as formas de evitar as más conseqüências antes que surjam? Todos devem agir ou é um caso individual?
9. As más conseqüências podem ser eliminadas ou apenas afastadas?
10. (Se puder) Como aproveitar as más conseqüências para coisas benéficas? (PETERSEN, 1973)

É pela investigação que se podem fazer combinações, eliminações, limitações, relações para elevar as possibilidades de persuasão dos ouvintes. Também dessa

forma, os indivíduos podem raciocinar de forma organizada, evitando omitir elementos importantes para a compreensão do assunto.

7.1. Como organizar o texto

Fernandes (1971), a fim de facilitar a organização de um texto persuasivo, elabora um plano, que veremos a seguir, com os elementos necessários para a introdução, para o desenvolvimento e para a conclusão.

A introdução é o momento de preparação do interlocutor para receber o texto, por isso, o locutor desenvolve uma síntese do assunto a ser exposto de forma que chame a atenção do leitor.

A conclusão é uma síntese da argumentação desenvolvida na exposição, que, pronunciada de forma insistente, procura convencer o leitor de todas as idéias lançadas no texto. Convém, nessa parte, não manter períodos longos, e somente apelar para a emoção, se o objetivo do produtor não pode ser alcançado pelo raciocínio lógico.

O desenvolvimento do texto – o qual deixamos por último, já que é a parte de nosso interesse – é realizado de várias formas, conforme apresenta a necessidade do tema, podendo ser:

- a) simples ou direto: envolve uma breve exposição de motivos, com abordagem direta do assunto, sem rodeios, de forma que o interlocutor não desvie sua atenção do texto.

- b) insinuante: por meio de rodeios e disfarces, não enfocando diretamente o tema, o autor procura manter o leitor em expectativa através de dúvidas e hipóteses, fazendo com que participe ativamente das idéias propostas no texto.
- c) pomposo (poético): por meio de recursos estilísticos, como figuras de linguagem, o autor tenta atingir o seu objetivo através da emoção do leitor.

Uma boa exposição deve apresentar uma breve narração de fatos, a fim de que o interlocutor não desvie sua atenção do tema discutido.

Quanto aos argumentos, principal elemento do desenvolvimento do texto, devem ser produzidos a partir do raciocínio lógico, de experiências reais e comprovadas. Já o texto poético, em redações direcionadas para interlocutores ausentes e/ou desconhecidos, deve ser evitado. Melhor é não recorrer a frases feitas e ao emocional, pois a seleção de razões destinada a um leitor conhecido dependerá do grau de instrução, nível cultural, formação religiosa e moral, fraquezas emotivas e experiências pessoais anteriores.

Após a breve exposição dos fatos, o autor seleciona os argumentos para confirmação de suas idéias, para isso, deve realizar uma pesquisa do conhecimento das causas e dos efeitos do assunto tratado, podendo, enfim, planejar a exposição dos argumentos na ordem seguinte:

- a) argumento muito bom: colocado em primeiro lugar, a fim de causar impacto e atrair a atenção do leitor;
- b) argumento bom: em segundo lugar, porque não é tão forte quanto o primeiro, mas mantém o equilíbrio com o anterior.

- c) argumento ótimo: aparece em último lugar, pois constitui um argumento decisivo, incontestável, é o que se pode chamar de triunfo da argumentação.

É óbvio que cada autor formula a argumentação de acordo com a concepção de valor que tem sobre cada assunto, dependendo, portanto, de suas experiências, da época, da situação do ato do discurso.

Uma segunda parte da argumentação é a refutação. Depois de apresentar todos os aspectos favoráveis ao seu propósito, o autor deverá apresentar argumentos que combatam opiniões contrárias e sugestões do oponente. Ao mostrar os dois lados da questão, o autor fortifica seus argumentos e cria a imagem de segurança diante da contestação de suas idéias. Por exemplo, como nos mostram os textos em análise:

- *Mas também pode esconder muitas coisas, atrás das câmeras, como políticos corruptos e trapaceiros, muita falcidade e muito trambique acontece. (R2, l. 12-14)*
- *Mas por outro lado a televisão pode acabar com a carreira política de um candidato a presidente, por que ela também mostra em seus teles jornais as trapassas feitas por eles, como por exemplo desvio de verba pública, fraudes na previdências, falsos contratos e etc... (R3, l. 7-10)*
- *Mas exatamente por ser um grande meio de comunicação ela às vezes pode atrapalhar esse mesmo candidato, um exemplo é o caso de Roseana Sarney. (R6, l. 6-8)*
- *Mas como nem sempre se tem boas reportagens, para exibição é necessário para revistas de fofoca por exemplo, forjar várias notícias sobre os famosos que são os mais perseguidos. (R10, l. 6-9)*

- *Mas também tem seu lado positivo, como por exemplo quando é usada para a prevenção ou cura de doenças; com a internet (globalização) onde pode-se saber notícias de todo o mundo em segundos, realizar pesquisas, e poder conversar com pessoas de todo o mundo. (R16, l. 9-12)*
- *Mas a controvérsia que gera por parte da população é porque compensar essas pessoas sendo que existem outros tipos de drogas como o álcool, maconha que também matam ou causam danos e nem sequer recebem uma compensação por isso? (R22, l. 21-24)*
- *Por outro lado a TV traz informações, cenas de novelas e filmes, propagandas que leva as pessoas a refletirem sobre sua ações sobre a humanidade. (R29, l. 11-13)*
- *Por outro lado a TV é uma grande amiga, pois faz companhia, nos ensina, através dos jornais televisivos, trazendo cultura nos programas infantis, nos jogos esportivos onde se reúnem toda a família para torcer e vibrar com o seu time do coração. (R30, l. 8-11)*
- *Mas, a TV também une pessoas: pelos inúmeros programas de namoro; pelos programas educativos; por algumas novelas que reúnem a família inteira na sala. (R35, l. 8-10)*
- *Mas à TV mostra coisas boas mas também muitas coisas ruins. (R37, l. 11)*

Observamos que o conectivo predominante para mudança da orientação argumentativa do texto é o “mas”. Isso não quer dizer que o autor exclua todas as idéias que foram lançadas anteriormente em seu texto, mas, ressalte também outras

idéias, o lado oposto do que vinha tratando, que poderiam vir a questionar o seu ponto de vista, a sua opinião sobre o determinado assunto.

7.2 As evidências

Para o autor Garcia (1997:370) a “legítima argumentação deve ser *construtiva* na sua finalidade, *cooperativa* em espírito e socialmente *útil*”, sendo os seus elementos principais: *a consistência do raciocínio* e *a evidência das provas*.

Evidência é considerada como uma certeza a que se chega através do raciocínio ou apresentação de fatos. Os tipos mais comuns de evidências são:

- a) **exemplos:** fatos típicos ou representativos de determinada situação:
- *um exemplo é o caso de Roseana Sarney* (R6, L7 e 8)
 - *como uma pessoa dar a entrevista e o repórter só pega o que o interessa* (R8, L16 e 17)
 - *um bom exemplo para isso é aquele filme “O quarto poder”* (R9, L8)
 - *O clone é exemplo dessa invenções* (R13, L7)
 - *um exemplo claro que podemos citar é a questão do clone* (R14, L7)
 - *um grande exemplo que pode ser dado sobre a tecnologia e a ciência é a novela O Clone* (R15, L10 e 11)
 - *Mas também tem seu lado positivo, como por exemplo quando é usada para a prevenção ou cura de doenças; com internet* (R16, L10)
 - *Podemos citar como exemplo a construção de tratores, máquinas agrícolas automáticas; robôs* (R16, L14 e 15)

- *Temos exemplos e comparações todos os dias, como homens nascidos e criados em favelas (classe miserável) com homens nascidos e criados nas cidades (classe média e/ou alta). (R17, L6 a 8)*
- *como exemplo, o diretor do canal de TV, SBT, o Sílvio Santos (R17, L10)*
- *Por exemplo, em locais que só há prédios enormes, carros buzinando e poluindo nosso ar, podemos perceber que as pessoas que vivem nesse local sempre estão estressadas (R19, L8 a 10)*
- *Outro exemplo de que o meio ambiente influencia no ser humano, é quando este migra de um lugar para outro, seja de país, de cidade, de região (R20, L14 a 16)*
- *A escola, por exemplo, tem um papel distinto na educação (R27, L34)*

b) **dados estatísticos:** são fatos específicos com valor de convicção, tidos quase sempre como prova incontestável;

Fumar cigarro era uma raridade até o final do século 19, em 1880 cerca de 58% dos usuários de tabaco eram mascadores de fumo, 38% fumavam charuto ou cachimbo, 3% cheiravam rapé e apenas 1% era fumante de cigarro. (R22, L7 a 10)

c) **testemunhos:** se autorizados, seu valor de prova é inegável, mas podem ser falhos, se o mesmo fato presenciado por várias pessoas assumir versões diferentes.

Nesse período, “a indústria de tabaco cometeu uma sucessão de fraudes, propagou mentiras com ares de controvérsia científica e enganou os

consumidores num nível provavelmente inédito na história do capitalismo”, como disse Mario César Carvalho em seu livro O Cigarro. (R22, L2 a 6)

Estava vendo uma matéria na Revista Veja, mostrando o exemplo do fiel cumprimento da lei no nosso país, falava de uma senhora que foi abordada pelos seguranças do Carrefour, roubando um bombom sonho de valsa, roubou para levar para seu filho, o resultado foi 3 meses de cadeia, o nome para sempre “sujo” e muito constrangimento. (R40, L4 a 8)

7.3. As frases interrogativas

Como um dos recursos argumentativos, as frases interrogativas, nas redações, também aparecem com muita frequência. São elas que quebram a monotonia e reduzem um excesso de exposição sobre determinado assunto.

As frases interrogativas incluem a participação do leitor em seu texto, aquecendo a sua curiosidade e criando uma expectativa. Segundo Petersen (1973:321),

é por intermédio delas que são formulados os problemas e as suspeitas, que impressionam, sacodem e alargam a imaginação do público. Elas são, ademais, uma das mais, senão a mais procurada fórmula para, a um só tempo, se levantar ou insinuar acusações e se eximir das responsabilidades disso decorrentes. A sua aplicação ponderada patrocina um interessante e profícuo meio de afirmar e argumentar.

Apontamos, nas redações, algumas frases interrogativas que consideramos importante analisar:

Como será um clone? Será que ele vai ser normal? Como será a vida dele ao saber que é um clone? (Ninguém tem certeza de nada ainda....) (R14, L12 e 13)

Por meio dessas frases, o autor procurou mostrar a incerteza da maioria e até mesmo dos cientistas diante de uma experiência como clone. Podemos dizer que todas as incertezas apresentadas servem como argumentos para a não realização da clonagem humana.

É do meio ambiente que tiramos tudo o que precisamos, sem ele o que seria de nós? (R19, L1 e 2)

O aluno já começa sua redação preocupando-se com o meio ambiente como fonte de vida. Todos sabem a resposta da questão, mas é uma forma de enfatizar a preocupação e jogá-la também para o leitor, principalmente, quando usa a primeira pessoa do plural “nós”.

Mas o que fazer com estes alunos que são pegos com drogas? Muitos dos diretores os expulsão, mas será que esta é a melhor saída?! Será que a exclusão do meio não os deixariam mais voláteis ao traficante? (R26, L13 a 15)

O parágrafo todo é constituído por frases interrogativas. A primeira delas vem respondida na conclusão do texto. As duas últimas perguntas fazem parte uma da outra – como se a terceira fosse a resposta da segunda – e é a partir delas que podemos ver claramente a opinião do autor, pois servem como argumentos para a não expulsão de alunos que são pegos com drogas na escola.

Mas como a escola deve reagir perante tal situação? Reprimir ou acolher? (R28, L4 e 5)

O parágrafo abre para uma discussão, como se pedisse uma sugestão do leitor. Com as palavras “reprimir ou acolher”, carregadas de emotividade, tenta comover o leitor; assim, num tom envolto de sentimentos, orienta a argumentação para o “acolher” e não para “reprimir”.

O que se pode esperar do poder que está no comando, ou das pessoas que se julgam competentes? (R33, L10 e 11)

Há uma tentativa de convencer o leitor que nada mudará no país, que podemos perder a esperança, pois o redator utiliza “pessoas que se julgam competentes” com a orientação negativa no enunciado.

Culpa? Encontrar o dono dela?(Impossível!) (R43, L5)

O aluno insere a interrogativa logo no início da redação, surpreendendo, com um questionamento fora de lugar, e deixando de relatar os problemas da violência. Logo, propõe uma discussão, quebrando a expectativa do leitor com a resposta “impossível”. Durante a redação, o aluno mostra todos os fatos que contribuem para a violência, sem a preocupação de apontar um culpado, tentando propor apenas uma solução.

A frase interrogativa, além de ser um eficiente meio de argumentar, também exige uma cautela maior. O autor deve: procurar não exagerar, para não tornar o texto cansativo e apenas questionador; observar se não há dúvidas em seus próprios argumentos, colocando-os em risco; não passar a imagem de falta de conhecimento do

assunto tratado; e, não levantar dúvidas na conclusão do texto, evitando o questionamento de seu ponto de vista e impedindo que o interlocutor decida a conclusão, sem se preocupar com a intenção do locutor.

7.4. Como argumentar

Enfim, consideramos ainda de devida importância na constituição de um argumento:

- conhecer bem o assunto, pois o redator tem obrigação de relatar com precisão os fatos e analisar as diversas opiniões e soluções que se apresentam. Para isso, deve-se consultar autores mais acreditados, anotar os pontos interessantes, selecionar as informações mais aproveitáveis e utilizar frases de efeito que causem impacto no leitor;
- ter competência lingüística para a construção de um texto sem problemas de ambigüidades e incoerências;
- não deixar idéias obscuras e incompletas;
- implicar termos objetivos, claros e definidos;
- não definir uma idéia pressupondo a idéia do seu contrário: “o homem honesto é aquele que não é corrupto”. As definições superficiais são propostas comodistas, que refletem falta de raciocínio, e criam argumentos vazios;

- na escolha de um argumento, primeiramente, verificar se há possibilidades do argumento ser contestado; podemos até reverter argumentos adversários de forma a beneficiar as nossas pretensões;
- evitar expressões personalistas como “eu”, optando pelo “nós”; dessa forma, o texto passa a incluir o seu interlocutor, num momento maior de interação e comprometimento;
- evitar afirmações que podem ser desmentidas, que são contrárias à realidade. Exemplo: “Todos os políticos são honestos.”;
- evitar a generalização: “Todos os homens são competentes, criativos e interessados.”;
- se houver possibilidade, antes de optar por um argumento, tenha-se em conta o sentimento do público;
- não acumular provas, mas selecionar as necessárias para o assunto.²³

São esses alguns pontos relevantes para a constituição de um texto persuasivo. Mesmo não sendo a nossa intenção oferecer técnicas para a argumentação, coube-nos, após toda a análise dos capítulos 5 e 6, orientar para uma melhor organização, visando sempre a participação ativa do interlocutor e mostrando os meios para que se alcance o sentido pretendido no texto.

²³ Os itens foram feitos a partir dos textos de Fernandes (1971), Petersen (1973) e de outras leituras relacionadas ao assunto.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se o homem aceitasse sempre o mundo como ele é, e se, por outro lado aceitasse sempre a si mesmo em seu estado atual, não sentiria necessidade de transformar o mundo nem de transformar-se. O homem age conhecendo, ao mesmo tempo em que (...) se conhece agindo. O conhecimento humano integra-se na dupla e infinita tarefa do homem de transformar a natureza exterior e a sua própria natureza. (Vázquez, "A filosofia da práxis", in Gonçalves, 1994:471)

Dentro do atual contexto escolar, tendo como princípio básico a preocupação com o ensino-aprendizagem de língua portuguesa, não poderíamos deixar de oferecer a nossa contribuição por meio dessa pesquisa. Assim como concebemos a linguagem como interação entre sujeitos sociais ativos, não podemos permanecer passivos diante da situação em que o ensino se apresenta.

É essa preocupação que nos auxiliou na elaboração do plano de aulas, aplicado aos alunos participantes, e na análise das redações, a fim de que toda a pesquisa possa fornecer dados que contribuam para um estudo mais profundo da linguagem, e que demonstrem um parâmetro do grau de escolaridade dos alunos e do seu domínio da língua.

Para tornar a pesquisa um pouco mais específica, escolhemos um elemento fundamental dos textos escolares dissertativos: a argumentação. E por ela avaliamos

outros que influem na composição de um texto claro, coeso e coerente. Seria esse, então, o primeiro passo. Porém, pelo próprio *corpus*, percebemos que não só a argumentação em si é válida, mas adquire o seu valor em todo o processo que envolve a sua elaboração e a apresentação no texto.

A análise da argumentação deixou de ser um fim em si mesma, e permitiu-nos avançar por outros elementos que envolvem, além da manipulação da linguagem, o conhecimento de mundo entre os interlocutores. A partir daí, a linguagem deixou de ser concebida apenas como um meio para transmitir uma informação, e passou a ser uma forma de interação entre sujeitos históricos, carregados de ideologias, que têm em si um amplo discurso social.

Considerando a análise das redações, a pesquisa pôde apontar alguns resultados importantes para o processo ensino-aprendizagem da língua:

1) A argumentação e as falhas na escrita (variedade padrão)

Comprendemos que as normas gramaticais, estabelecidas pela variedade padrão, não comprometem a argumentação em seu grau de informatividade, mas, ao apresentarmos um texto escrito a um interlocutor ausente ou desconhecido, utilizando corretamente a variedade padrão, já que esta é a forma de acesso à cultura na sociedade, o texto torna-se melhor apresentável, com chance maior de obter o convencimento do interlocutor.

Por esta razão, abordamos algumas falhas que comprometem a persuasão do texto em sua apresentação, como:

- a) a ortografia: sendo um dos maiores problemas as palavras em que aparecem letras com sons coincidentes (s, c, ç, e outros).
- b) A acentuação gráfica: as falhas aparecem em palavras homônimas, diferenciadas apenas pelo acento gráfico, como foi o caso de influência (substantivo)/influencia (verbo).
- c) A regência: o principal problema está na utilização da crase, já que esta não aparece na oralidade, o que dificulta o seu estudo na escrita.
- d) A concordância: diferente da língua oral, a língua escrita exige a flexão de gênero e número em todos os elementos da oração, evitando assim, ambigüidades.
- e) O verbo: além dos problemas de concordância entre sujeito e verbo, apareceram outros que comprometeram o entendimento da oração, deixando o enunciado confuso, como os desajustes na relação do tempo e modo nas orações coordenadas e no uso do subjuntivo.
- f) O pronome: o cuidado não está apenas na colocação pronominal (posição), mas sobretudo, na sua referência correta, de forma que não cause falhas como ambigüidades ou ausência do referente.

Essas falhas gramaticais só vão sendo superadas durante a prática de leitura e escrita do aluno. O processo de ensino-aprendizagem escolar deve garantir ao aluno o domínio das normas da escrita, o que lhe propicia o engajamento na sociedade, uma vez que ele é, constantemente, cobrado em concursos, vestibulares e, em particular, nas situações especiais da boa utilização da linguagem.

Não queremos dizer neste item que o ensino de língua se restrinja às normas da escrita, mas sim que o aluno precisa aprender a manipular a linguagem para estabelecer as relações sociais necessárias com o seu interlocutor, sabendo utilizá-la para atingir bem o seu objetivo, a sua intenção. Quanto mais claro for o seu texto, mais fácil será para o interlocutor seguir o caminho proposto pelo locutor.

2) A argumentação e a seleção lexical

Ao produzir um texto, o aluno utiliza expressões e por elas espera ser compreendido. Acontece que a compreensão de uma palavra depende de seu sentido adquirido dentro da oração, tanto no nível sintático como no nível semântico. Todavia, por falta de conhecimento preciso do significado das palavras, o aluno por vezes insere-as em um contexto não cabível para o seu entendimento, deixando sua idéia incompleta, vaga ou até alterando o sentido que pretendia expressar. Assim, abrem-se brechas para um entendimento ambíguo e confuso, dificultando o entendimento do sentido proposto pelo locutor, ou fazendo com que o interlocutor tome a posição contrária do que pretendia o texto.

O ensino pode proporcionar saídas com exercícios que treinem o uso das palavras em diferentes contextos, e também insistir no processo de reescrita do texto do aluno, para mostrar o que o texto diz e o que o aluno queria dizer ao utilizar certas expressões. Chega-se, assim, às explicações de que as palavras têm diversos significados, adquiridos nas relações do indivíduo com a sociedade, arquivados na memória e ativados conforme a necessidade da situação do discurso.

3) A argumentação e a organização textual

O texto pode apresentar-se com falhas na sua organização textual – problemas na pontuação, na seqüenciação, com acúmulos e insuficiências de idéias, no uso dos operadores argumentativos – todas encontradas no *corpus* em análise. Quando o texto se apresenta mal formado, a argumentação, que direciona ao sentido global do texto, se configura imperfeita.

Os problemas na pontuação podem ocasionar, como vimos, um acúmulo de idéias, e, com isso, a falta de objetividade e a dificuldade de explicar melhor o que o aluno selecionou como argumento importante para o seu texto.

A dificuldade na seqüenciação de idéias é um outro problema bastante apontado na análise dos textos. Saber selecionar as idéias e dispô-las adequadamente no texto valorizam a argumentação. Como vimos na parte C da análise (Armas para uma boa argumentação), a ordem de apresentação dos argumentos influencia no grau de persuasão.

A insuficiência de idéias no texto prejudica a consistência dos argumentos, pois, o locutor deixa de explicar, exemplificar, demonstrar raciocínios que ilustram e facilitam o entendimento do interlocutor.

Para simplificar, o aluno pode utilizar um mapa de idéias, agrupando todas as que surgem de imediato e selecionando as mais importantes para o seu texto, de sorte a organizar a seqüência que trace a linha de reflexão pretendida desde o início.

O aluno, compreendendo a seleção das idéias, consegue sustentar melhor o seu argumento, de forma a bem se armar no jogo que pode ser proposto pelo seu

interlocutor, dando consistência ao seu discurso tanto pelo que ele próprio propõe, como pelo que pode propor sua parte contrária (do seu possível interlocutor).

Como o texto escrito aparece como um produto pronto, que não admite interferências do seu leitor, precisa de um planejamento mais detalhado do que o texto oral, por isso a necessidade de contextualizar as informações com frases claras e coerentes e com boa articulação das idéias.

4) A argumentação e os operadores argumentativos

Compreender o uso dos conectivos é uma das formas de garantir a progressão do texto em sua argumentação, já que eles podem conduzir todo o texto a uma determinada conclusão intencionada pelo locutor.

Sem o uso correto dos operadores, isto é, utilizando-os fora de sua verdadeira função, como ocorre em alguns textos da análise, pode ocorrer a exclusão de outros argumentos importantes, a incompletude do período, e até o desvio da orientação argumentativa, invertendo o sentido do texto e prejudicando os argumentos lançados anteriormente.

Cabe ao ensino de língua mostrar a relação que os operadores argumentativos estabelecem entre os enunciados, procurando levar ao entendimento de seu uso em várias orações, conforme o contexto determina, sem a necessidade de que o estudante tenha de decorar os diversos tipos de conectivos.

5) A argumentação e as incoerências semânticas

Considerando que a coerência somente se estabelece com a participação do produtor e do receptor, esse traço fundamental do texto depende, então, como vimos, de uma série de elementos, que constituem os vários tipos de conhecimentos e as situações que envolvem o discurso.

Ao produzir um texto para um interlocutor ausente ou desconhecido, o aluno precisa ser o mais claro possível para que haja coerência entre as idéias que o estruturam, estando também de acordo com a situação em que é produzido. Mesmo porque talvez não conheçamos o grau de informatividade, os tipos de conhecimentos e experiências arquivados na memória do nosso interlocutor e quais as inferências que ele pode tirar do texto.

Portanto, o aluno não tem a liberdade de pensar em dizer algo e deixar de colocá-lo claramente. Ao lançar um argumento para fortalecer o seu ponto de vista, o redator deve tomar o cuidado de esse argumento não excluir outro já exposto anteriormente, a fim de que não comprometa o sentido intencionado. As relações estabelecidas no texto devem colaborar para sua progressividade de forma que não perca de vista a conclusão determinada pelo locutor.

Para corrigir tais textos, o professor, é claro, diferente do que objetivamos na pesquisa, deve fazer suas inferências, já que procura de todo modo compreender o texto do aluno, a fim de interferir de forma eficaz no seu processo de produção. Por meio da inferência, o professor consegue entender as relações que o aluno tentou fazer ou, como se diz, “o que queria dizer” em seu texto. Assim, no processo de reescrita do texto, o professor não corre o risco de solicitar um segmento que o redator não queria

dizer. Quando o ensino de redação se concentra em ajudar o aluno a compreender a ordem das idéias, para que não venha a contradizer o seu próprio ponto de vista, e em mostrar que o sentido global do texto se aplica em sua unidade, acaba evitando a produção de textos com dificuldades de leitura e com incoerências.

Como resultado final da pesquisa, percebemos que os elementos lingüísticos são as pistas que servem para ativar os conhecimentos dos interlocutores, ajudando a captar a direção argumentativa no texto.

Ao centrarmos o ensino de língua na produção e reprodução textual, tomamos o texto do aluno como indicador do processo de ensino e aprendizagem: ensinar a partir do que o aluno demonstre realizar.

E, então, trabalhar com os objetivos da atividade de produção de texto, levando o aluno a:

- conhecer as variações da linguagem, e saber adaptá-las conforme a situação do discurso;
- entender os diferentes modos de organizar um texto, bem como as suas diferentes funções;
- ampliar o seu vocabulário através de leituras, verificando o significado das palavras e expressões, bem como o seu sentido em diferentes contextos;
- produzir períodos mais complexos, entendendo as relações que os conectivos estabelecem entre os enunciados;
- argumentar com eficácia, sabendo utilizar o conjunto de procedimentos lingüísticos pelos quais será capaz de persuadir o seu interlocutor e obter sua

adesão, inaugurando através dela (da argumentação) relações significativas entre os sujeitos do discurso.

Ao conhecer todos esses aspectos para a produção de texto e compreender a linguagem como processo de interação, o aluno não fará uso da língua apenas para informar ou transmitir uma mensagem, mas para realizar ações, atuar sobre o interlocutor. A sua produção passará a manifestar efeitos de sentido sobre os sujeitos sociais e ideológicos num dado contexto.

O domínio da linguagem possibilita a plena participação social. É pela linguagem que o homem expressa o seu pensamento, defende-o, tenta estabelecer relações com o seu interlocutor, partilhando suas experiências, emoções, idéias e conhecimentos. Assim, ao centrar o ensino na manipulação da linguagem, comprometendo-se com o social, a escola garante aos alunos os conhecimentos lingüísticos necessários para exercer o seu direito de cidadão.

9. BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, João de. “A significação lingüística e a sua análise”. In: *Revista Alfa*. Departamento de Letras – Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, v. 18/19, 1972-1973. p. 289-312.

_____. “O problema do aspecto”. In: *Revista de Letras*. Assis: ILHP. UNESP: Vol. 8, 1976. p. 101-105.

_____. “O verbo e a estrutura do discurso”. In: *Textos em análise*. São Paulo: Scortecci, 2001. p. 15-28.

AUSTIN, J. L. *Quand dire, c’est faire: how to do things with words*. Tradução: Gilles Lane. Paris: Éditions du Seuil, 1970. p. 38-45 e 106-164.

ANSCOMBRE, J.C. & DUCROT, O. “L’argumentation dans la langue”. In: *Langages (Argumentation et discours scientifique)*. Paris: Didier – Larousse, n° 42, Juin, 1976.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

BASTOS, Lúria Kopschitz & MATTOS, Maria Augusta de. *A produção escrita e a gramática*. 2ª. edição. São Paulo: Martins Fontes, 1992 (Texto e Linguagem).

BELLENGER, Lionel. *A persuasão e suas técnicas*. Tradução: Waltensir Dutra, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral*. Tradução: Maria da Glória Novak e Luiza Neri. Revisão de: Prof. Isaac Nicolau Sabim, São Paulo: Companhia Editora Nacional (USP), 1976.

BRANDÃO, Helena N. *Introdução à análise do discurso*. 5ª ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1996. (Série Pesquisas)

BRITO, Percival Leme. “Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares)”. In: GERALDI, J.W. (org). *O texto na sala de aula. Leitura e produção*. 2ª. ed. Cascavel: Assoeste, 1984, p. 109-119.

BUZZI, Arcângelo R. *Introdução ao pensar: O Ser, o Conhecimento, a Linguagem*. 22ª. ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1994.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 3^a. ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. *Dicionário de lingüística e gramática: referente à língua portuguesa*. 7^a.ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1977.

CARROLL, John B. “Linguagem e Cognição”. In: *Psicologia da linguagem*. Trad.: Maria Aparecida Aguiar. 2^a. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972. p. 138-170.

CASTILHO, Ataliba T. de. “O verbo e suas categorias”. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa.*, Marília, FFCLM, 1968. p. 13-19.

CERVONI, Jean. *A enunciação*. Trad.: L. Garcia dos Santos. Revisão: Valter Kehdi (Prof. da USP). São Paulo: Ática, 1989.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e Persuasão*. 1^a. ed. São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios).

CUNHA, Celso & CINTRA, L. F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3^a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DUCROT, Oswald. *Princípios da Semântica Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. “Argumentation et Raisonnement”. In: *Les Échelles Argumentatives*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980, p. 7-13.

_____. *O dizer e o dito*. Revisão da Tradução: Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.

_____. “Argumentação e ‘topoi’ argumentativos”. In: GUIMARÃES, E. (org.) *História e sentido da linguagem*. Campinas: Pontes, 1989, p. 13-46.

DUCROT, Oswald & TODOROV, Tzvetan. *Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem*. Tradução: Alice Kyoko Miyashiro, J. Guinsburg, Mary Amazonas Leite de Barros e Geraldo Gerson de Souza. 3ª ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.

FARACO, Carlos Alberto & TEZZA, Cristóvão. “Língua e escrita”. In: *Prática de texto: língua portuguesa para nossos estudantes*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1992, p. 79-99.

FÁVERO, Leonor Lopes & KOCH, I. G. V. *Linguística textual: introdução*. 5ª. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FERNANDES NETO, Antônio. *Comunicação e Persuasão*. 1ª. ed. São Paulo: Sugestões literárias S/A, 1971.

FIORIN, José Luiz & SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto: leitura e redação*. 6^a. ed. São Paulo: Ed. Ática, 1992. p. 201-213

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

FOUCAULT, Michel. “Definir o enunciado”. In: *A arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes, Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1972. p. 99-109.

FRANCHI, Carlos. “Mas o que é mesmo ‘gramática’?”. In: SÃO PAULO (ESTADO). Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. *Língua Portuguesa: o currículo e a compreensão da realidade*. São Paulo: SE/CENP, 1991. p. 43-59.

GALVES, Charlotte “Introdução aos problemas da coerência dos textos (abordagem teórica e estudo das práticas pedagógicas)”. In: *O texto: Escrita e Leitura*. Galves, Charlotte, Orlandi, Eni P. e Otoni, Paulo (org.) Revisão: Charlotte Galves, Campinas: Pontes Editores, 1988. p. 39-85.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em Prosa Moderna*. 17^a. ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1997.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 2^a.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993, Cap. 3, tópico 3. 2.1. p. 135-165 (Texto e Linguagem).

GONÇALVES, F. S. “Interdisciplinaridade e construção coletiva do conhecimento: concepção pedagógica desafiadora”. In: *Educação e Sociedade*. 49. Campinas-SP, 1994. p.468-84.

GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e argumentação: um estudo de conjunção do português*. Campinas/SP: Pontes, 1987.

_____. “Enunciação e História”. In: Guimarães, E. (org.) *História e sentido na linguagem*., Campinas: Pontes, 1989. p. 71-79.

GUIMARÃES, Elisa. *A articulação do texto*. 3^a. ed. São Paulo: Ática, 1993. (Série Princípios)

HALLIDAY, M.A.K. & HASSAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. Longman Group, London, 1976. p. 1-6.

HJELMSLEV, Louis. “La estructura básica del lenguaje (1947)”. In: *Ensayos Lingüísticos*. Trad.: Alejandro Cánovas. Gredos: Madrid, 1987. p. 166-182.

ILARI, Rodolfo. “Uma nota sobre redação escolar”. In: *A Lingüística e o ensino da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1985. p. 51-66.

JOLIBERT, Josette (org.). *Formando crianças produtoras de textos*. Tradução: Walkiria M. F. Settineri e Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 15-52.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e Linguagem*. 2^a. ed. Cortez: São Paulo, 1987.

_____. *A coesão textual*. 12^a. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. 2^a. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

KOCH, I. G. V. & TRAVAGLIA, L.C.. *A coerência textual*. 6^a. São Paulo: Contexto, 1995..

_____. *Texto e Coerência*. 5^a.ed. São Paulo: Cortez, 1997

LANGACKER, Ronald W. *A linguagem e sua estrutura: alguns conceitos lingüísticos fundamentais*. Tradução: Gilda Maria Corrêa de Azevedo. Petrópolis: Editora Vozes, 1972. p. 66-75.

LEMLE, M. *Guia Teórico do alfabetizador*. 2^a.ed. São Paulo: Ática, 1988. (Série Princípios).

LOPES, E. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. 14^a. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

LURIA, Alexandr Romanvich. *Pensamento e Linguagem: as últimas conferências de Luria*. Tradução: Diana Myriam Lichtenstein e Mário Corso; supervisão de trad.: Sérgio Spritzer. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução: Freda Indursky, Revisão: Solange Maria Ledda Gallo e Maria da Glória de Deus Vieira de Moraes. Campinas: Pontes, 1989.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. "A Estilística da enunciação". In: *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. São Paulo: T.A. Queiroz: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1989 (Biblioteca universitária de língua e lingüística; v. 8) p. 189-196.

MATEUS, M.H.M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 2^a. ed. Lisboa: Caminho série Lingüística, 1989. (Coleção Universitária).

ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2^a. ed. Campinas, SP: Pontes, 1987.

_____. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988. (Coleção Passando a Limpo).

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PÉCORRA, A. *Problemas de redação*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

PEREIRA, Rony Farto. *Contribuição para o estudo de problemas de redação*. Assis/SP, 1990. Tese (Doutorado em Filologia e Linguística Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

PERELMAN, Chaïm. *Le Champ de l'argumentation*. Presses Universitaires de Bruxelles, 1970.

PESSÔA, R. M. *Estudo de Alguns Mecanismos de Coesão Textual na produção escrita de alunos do 3º grau*. Araraquara/SP: UNESP, 1987. (Dissertação de Mestrado).

PETERSEN, W. "Argumentação". In: *Curso de Persuasão: pensamento e palavra unidos para o êxito*. São Paulo: Ibrex, 1973. p. 229-328.

POSSENTI, SÍRIO. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

_____ & ILARI, Rodolfo. “Ensino de língua e gramática: alterar conteúdos ou alterar imagem do professor?”. In: *Linguística aplicada ao ensino de português*. Org.: Kirst, M. e Clemente, I. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p. 7-15 (Novas Perspectivas).

RISSO, M. S. “Língua falada – língua escrita: conceitos e preconceitos”. In: *Confluência*. Boletim do Departamento de Linguística (Faculdade de Ciências e Letras – Unesp) Assis-SP, ano 3, 1994. p. 55-63.

SCHMIDT, Siegfried J. *Linguística e teoria de texto: os problemas de uma linguística voltada para a comunicação*. Tradução: Ernst F. Schurmann. São Paulo: Pioneira, 1978. p. 163-173.

SEARLE, John R. *Os actos de fala – um Ensaio de Filosofia da Linguagem*. Coord. de Tradução: Carlos Vogt. Coimbra: Livraria Almedina, 1984. p. 9-170.

SERAFINI, M.T. *Como escrever textos*. Tradução: Maria Augusta B. de Matos; adaptação de Ana Luisa M. Garcia. 6ed. São Paulo: Globo, 1994. Cap. 10 a 12 – p. 160-206.

SILVA, Diva Lea Batista da. *Do pensar ao escrever: um prazer*. Assis/SP, 2000. Tese (Doutorado em Filologia e Linguística Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

SOARES, Magda & CAMPOS, Edson Nascimento. *Técnica de Redação: as articulações lingüísticas como técnica de pensamento*. Rio de Janeiro: Ed. Ao Livro Técnico, 1978.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VAL, M. G. C. *Redação e Textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGNER, Gerard. “Técnicas de aprendizagem da argumentação escrita”. In: *O texto: Escrita e Leitura*. Galves, Charlotte, Orlandi, Eni P. e Otoni, Paulo (org.) Revisão: Charlotte Galves. Campinas: Pontes Editores, 1988. p. 109-125.

VOGT, Carlos. *Linguagem, Pragmática e Ideologia*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 1989.

_____. *O intervalo semântico: contribuição para uma teoria semântica argumentativa*. São Paulo: Ática, 1977 (Ensaio, 26).

VYGOTSKY, L.S. “Pensamento e Palavra”. In: *Pensamento e Linguagem*. Tradução: Jeferson Luiz Camargo. Revisão técnica: José Cipolla Neto. 3ª ed. Brasileira. São Paulo: Martins Fontes, junho 1991.

WEINRICH, Harald. “Cap. IX – El relieve en la oración”. In: *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Versão espanhola de Federico Latorre. Madrid: Editorial Gredos, 1974. p. 274-282.

10. ANEXOS

ANEXO A – Alunos participantes

Ana Carolina Simionato Galli

Antônia Corniéri

Dayana de Souza Gonçalves

Emilio Sérgio Piccolo

Giselle de Arruda Barreiros da Motta

Gisleide de Arruda Barreiros da Motta

Joseneide Martins Alves

Juliana Rodrigues dos Santos

Lucas Diego Figueiredo

Lucimar A. de Souza

Maiara Alves de Souza

Maria Gláucia Alves Tavares

Maristela Silber de Moraes

Natália Garcia Torreti

Pamela Cristina e Santos

Renato Cosme Lima de Jesus

Rosangela Aparecida Vitor Miranda

Samuel Santile Costa

Sueli Valério Laurito

Tatyane Ribeiro Rodrigues

Thiago Soares da Silva

Valter H. M. dos Santos

Estes alunos participaram do curso de redação, debatendo, discutindo, produzindo os textos, para a composição do *corpus* da pesquisa, e encontrando novos caminhos no aprendizado da escrita.

ANEXO B – TEXTOS ESCOLARES

Tema: “A televisão pode influenciar na eleição de um presidente. Você concorda?”

REDAÇÃO 1

Escolha

- 1) A televisão é um grande meio de comunicação, que muitas vezes pode
- 2) influenciar o telespectador.
- 3) Como por exemplo, para eleger um presidente, é preciso conhecer os
- 4) candidatos, para saber qual é digno de receber o cargo; isso é possível
- 5) através da televisão.
- 6) Onde em propagandas o candidato mostra argumentos favoráveis a si,
- 7) contando como foi sua vida, ou se em outra eleição já foi eleito, conta as
- 8) obras boas que fez. Ou julgando outro candidato; para o povo passar a
- 9) preferir ele e não o outro.
- 10) Portanto, para eleger um presidente é importante não ver apenas
- 11) propagandas pela televisão, é preciso ler, conversar sobre o candidato, para
- 12) não ser influenciado pela televisão.

REDAÇÃO 2

A televisão pode influenciar na campanha de um presidente

- 1) A televisão, um dos melhores meios de comunicação do mundo.

- 2) Ela é coisa que prende as pessoas, ela pode ser censurada, transmitir
- 3)cultura ou osadias, a televisão pode ter preferências por seções, como
- 4)esportivas, policial e noticiaria.
- 5) A televisão um meio de comunicação que pode influenciar em muitas
- 6)coisas uma delas é a eleição.
- 7) Ela pode influenciar na eleição mudando a cabeça dos eleitores com
- 8)propagandas, mostrando que o candidato é uma pessoa boa, onesta e não
- 9)participa de nenhuma corrupção.
- 10) Mostrando que o candidato pode melhorar o Brasil, fazendo obras,
- 11)programas sociais e tudo que possa elevar o candidato.
- 12) Mas também pode esconder muitas coisas, atrás das câmeras, como
- 13)políticos corruptos e trapaceiros, muita falcidade e muito trambique
- 14)acontece.
- 15) A televisão é um quarto poder na vida de todos.
- 16) Pois eu acho que a televisão deveria ver os dois lados da moeda, e não
- 17)concordo com essa atuação.

REDAÇÃO 3

A influência da televisão

- 1) A televisão é o meio de comunicação mais eficiente que temos hoje, por
- 2)isso os políticos usam elas para suas campanhas políticas.
- 3) A televisão pode influenciar na eleição de um presidente porque em
- 4)suas propagandas a televisão só mostra o lado bom dos políticos, ou seja, só
- 5)mostra os programas sociais feitos por eles, mostram eles abraçando idosos,
- 6)beijando crianças, entregando casas e etc...
- 7) Mas por outro lado a televisão pode acabar com a carreira política de
- 8)um candidato a presidente, por que ela também mostra em seus teles 9)jornais
- as trapassas feitas por eles, como por exemplo desvio de verba 10)pública,
- fraudes na previdências, falsos contratos e etc...
- 11) Eu não concordo que a televisão possa influenciar na campanha
- 12)política de um presidente, a sua eleição vai depender do que ele tenha feito
- 13)no passado como senador, governador, ministro etc...

REDAÇÃO 4

Televisão a manipuladora

- 1) A televisão é um meio de comunicação em massa e influência muito a
- 2) vida das pessoas.
- 3) Há uma lei que permite que em época de eleição a televisão ceda um
- 4) espaço para o candidato falar sobre seu partido, suas obras passadas e
- 5) futuras.
- 6) A televisão faz com que os candidatos sejam como os telespectadores
- 7) esperam, ou seja perfeitos.
- 8) Nas propagandas políticas que são passadas na televisão os políticos
- 9) armam um esquema para fragilizar os eleitores, falam como eram suas
- 10) infâncias, falam de seus familiares e o que eles fariam se fossem eleitos,
- 11) prometem mais do que cumprem.
- 12) E apesar de tudo que os políticos fazem, para ganhar as eleições, o povo
- 13) brasileiro deveria conseguir distinguir o certo do errado e votar com a mais
- 14) clara consciência.

REDAÇÃO 5

Sua mente na televisão

- 1) A televisão é um dos maiores meios de comunicação. É através dela em
- 2) que nos informamos por vários assuntos que ocorrem no mundo inteiro.
- 3) Em época de eleição ela é capaz de influenciar na escolha de um
- 4) presidente; porque ela fecha todos os canais e só é aberto para a política,
- 5) então a pessoa não tem outra opção.
- 6) E assim aproveitam os políticos para defamarem o outro e fazer suas
- 7) promessas 100% não cumpridas.
- 8) Mas o “POVO” é do tipo “Maria vai com as outras” e por isso acaba
- 9) caindo em qualquer papo sem sentido e convincente.
- 10) Mas também tem os que não perdem seu tempo em ouvir tantas
- 11) besteiras, por isso ao invés de assistir o canal, simplesmente faz outra
- 12) atividade. Ai é o caso que não pode influenciar.
- 13) Mas no final: 90% pode se influenciar na escolha do presidente pela
- 14) televisão.

REDAÇÃO 6

O poder da televisão sobre uma opinião

- 1) A televisão é um dos melhores veículos de comunicação e informação.
- 2) Na televisão as pessoas podem fazer a sua imagem, como acontece com
- 3)os candidatos à eleição.
- 4) Nela eles fazem suas promessas, expõem suas idéias e planos a serem
- 5)feitos se eleitos.
- 6) Mas exatamente por ser um grande meio de comunicação ela às vezes
- 7)pode atrapalhar esse mesmo candidato, um exemplo é o caso de Roseana
- 8)Sarney.
- 9) Roseana estava em boas condições para ser eleita, considerada uma das
- 10)melhores governantes, até que surgiu um caso grave com um de seus
- 11)investimentos. Isso conseqüentemente virá a mudar o voto de várias
- 12)pessoas.
- 13) Mas de um modo geral todos os candidatos tentam fazer com que os
- 14)telespectadores acreditem em si e que com isso o elejam.
- 15) Portanto à televisão pode influenciar sim na eleição de um presidente,
- 16)por atingir todas as idades e classes.

Tema: “Os meios de comunicação transmitem a realidade ou forjam uma situação que apenas tragam benefícios a eles?”

REDAÇÃO 7

A influência dos meios de comunicação

- 1) Os meios de comunicação são muito importantes para a vida de todos,
- 2) pois são com eles que nos mantemos informados sobre tudo.
- 3) Podemos nos informar através de todos os meios de comunicação.
- 4) As notícias que recebemos nem sempre são reais, muitas vezes são
- 5) forjadas por pessoas que só querem se beneficiar com elas.
- 6) A maioria das notícias reais que chegam até nós, são acontecimentos
- 7) ruins como: assaltos, roubos, assassinatos, etc.
- 8) Através dos meios de comunicação podemos saber coisas do mundo
- 9) inteiro, os meios de comunicação mais usados hoje são a televisão, telefone,
- 10) o rádio e a internet.
- 11) Os meios de comunicação muitas vezes são usados para transmitir boas
- 12) e más impressões das pessoas, e nem sempre o que é dito é o que é certo.
- 13) Portanto os meios de comunicação são muito importantes mesmo nos
- 14) negando algumas informações verdadeiras.

REDAÇÃO 8

Os meios de comunicação

- 1) Os meios de comunicação são um dos melhores jeito de você saber das
- 2) notícias, e de se comunicar com outras pessoas.
- 3) Um dos mais antigos meios de comunicação é a correspondência, um
- 4) meio de comunicar a longa distância, esse meio é usado a muitos séculos
- 5) atrás.
- 6) Depois veio o telégrafo um meio de comunicação que além da
- 7) correspondência pode passar notícias a longa distância, usado mais em
- 8) embarcações e trem.
- 9) O telefone um meio de se comunicar com pessoas de uma distância
- 10) muito longa, o telefone com o passar do tempo foi se revolucionando agora
- 11) temos até telefone sem fio.

- 12) A televisão um meio de comunicação mais usado em todo mundo, pode
- 13) influenciar muitas coisas, como em eleição política, fazer a cabeça do
- 14) consumidor a comprar um produto.
- 15) Esses meios de comunicação pode transmitir a realidade mas também
- 16) podem forjar muitas situações, como uma pessoa dar a entrevista e o
- 17) repórter só pega o que o interessa e que dá ibope para sua reportagem
- 18) sendo ela assistida, lida ou escutada.

REDAÇÃO 9

Mentiras que trazem lucros

- 1) Os meios de comunicação são muito importantes para nós, pois é
- 2) através deles que nós ficamos sabendo o que acontece no Brasil e no mundo.
- 3) Os meios de comunicação em geral nunca trazem a realidade dos fatos,
- 4) eles sempre forjam uma situação que trazem benefícios para eles ou seja que
- 5) de ibope ou grande número de vendas.
- 6) Mas isso é muito ruim porque o povo passa a julgar um inocente pelo
- 7) que a mídia diz que ele faz e não pelos seus verdadeiros atos. Um bom
- 8) exemplo para isso é aquele filme “O quarto poder”.
- 9) Portanto os meios de comunicação na maioria das vezes não falam a
- 10) verdade. Eles preferem forjar uma mentira que de mais lucros a eles.

REDAÇÃO 10

As verdades e mentiras dos meios de comunicação

- 1) Os meios de comunicação são ótimos para interar a população sobre o
- 2) que acontece no mundo.
- 3) Na maioria das vezes, eles transmitem à realidade crua e nua das
- 4) situações.
- 5) A televisão, o rádio, jornal que são uns dos meios de comunicação mais
- 6) sérios se empenham em por todos a parte do que acontece. Mas como nem
- 7) sempre se tem boas reportagens, para exibição é necessário para revistas de
- 8) fofoca por exemplo, forjar várias notícias sobre os famosos que são os mais
- 9) perseguidos.

- 10) Agora quando se tem que passar o lado extraordinário do beneficiado se
- 11) omitem várias coisas.
- 12) No entanto, a situação é que faz com que os meios de comunicação
- 13) transmitam à realidade se for o que lhes interessa, ou ainda forjar situações
- 14) se for preciso, para se causar impacto em quem recebe as notícias.

REDAÇÃO 11

Meios de comunicação

- 1) Atualmente cada vez se tem mais meios de comunicação no planeta.
- 2) E é através deles que temos todos os tipos de informação.
- 3) O rádio, ele foi o primeiro meio de comunicação, era através dele que
- 4) todos sabiam sobre todas as informações emitidas por todo país.
- 5) Já no dia de hoje o rádio só serve para ouvir músicas (muitas vezes
- 6) músicas sem cultura).
- 7) Aí vem o telégrafo, telefone, televisão, correspondência, telefone
- 8) celular, interfone, jornais e outros e cada vez evoluindo mais, como exemplo
- 9) da máquina de escrever, para o computador, do computador para o
- 10) notebook...
- 11) E assim vai indo.
- 12) Hoje quem não sabe pelo menos mexer o básico no computador, não
- 13) sabe nada.
- 14) Porque além da televisão ele é um dos maiores meios de comunicação.
- 15) A televisão é o que mais influência as pessoas, é o que mais se passa
- 16) informações e é o mais assistido.
- 17) Os meios de comunicação estão cada vez mais evoluídos.

REDAÇÃO 12

Cuidado, você está sendo influenciado

- 1) Nos meios de comunicação pode-se encontrar informações que mostram
- 2) a realidade.
- 3) Como nos teles jornais, que mostram a situação do mundo tanto na
- 4) economia, como no social.
- 5) Mas também mostra informações falsas.

- 6) Como na política, que mostram muitas vezes só o lado bom dos
- 7)candidatos, ou críticas enganosas.
- 8) Os meios de comunicação foram criados para que a população fique
- 9)sabendo como está o mundo.
- 10) Mas tem muitas pessoas que trabalham em rádio, televisão, que
- 11)pensando somente em sí, somente em crescer profissionalmente, finjam,
- 12)montam cenas que não existe para manipular quem recebe a mensagem.
- 13) E é através dessas informações, que a população age onde muitas vezes
- 14)do jeito que a imprensa quer e não do jeito certo.

Tema: “O homem é sempre o responsável pela utilização da ciência e ou tecnologia.

REDAÇÃO 13

Homem, tecnologia e consequencias

- 1) A inteligência do homem é muito grande. Sua capacidade é única
- 2)perante todos os seres vivos, mas querer ser poderoso também é uma
- 3)capacidade que ele não dispensa. Assim o homem cria e recria fazendo a
- 4)tecnologia para seu próprio conforto.
- 5) A ciência e a tecnologia são manipuladas pelo homem que corre atrás
- 6)da vontade de obter sucesso. Isso aumenta invenções para satisfazer-se. O
- 7)clone é exemplo dessa invenções.
- 8) Com tanta inteligência, o homem procura ficar acima de tudo e de
- 9)todos. Tanta ganancia e querer distroe a oportunidade de melhorar o meio
- 10)ambiente onde ele mesmo vive...
- 11) Varios cientistas com a tecnologia descobrem artifícios para o homem
- 12)acabar com o homem. Exemplos são armas, bombas, foguetes cada vez
- 13)mais evoluídos para destruir.
- 14) Todo é qualquer consequencia, devido a tão grande e “maravilhosa”
- 15)tecnologia e ciência e responsabilidade desse ser humano, o homem.

REDAÇÃO 14

O homem é responsável

- 1) A cada dia que passa, o homem tem alguma novidade para o mundo e
- 2)na maioria das vezes algumas dessas notícias não agrada a todos, causando
- 3)brigas e brigas. Se a notícia agrada os ambientalistas, deixa a desejar com os
- 4)industriais e vice-versa, então quem controla a ciência e o mundo é o
- 5)homem que sempre decide o que fazer com esses assuntos.
- 6) O mundo atualmente vive cheio de conflitos devido as invenções do
- 7)homem, um exemplo claro que podemos citar é a questão do clone, clonar
- 8)ou não? Eis uma pergunta que já causou muita polêmica no mundo inteiro e
- 9)mesmo com toda essa polêmica, um cientista corajoso já afirmou que uma
- 10)mulher está grávida de um clone. O que poderá acontecer com este
- 11)cientista sendo que ainda muitos são contra a clonagem?

- 12) Como será um clone? Será que ele vai ser normal? Como será a vida
13)dele ao saber que é um clone? Ninguém tem certeza de nada ainda, mas
14)mesmo assim estão tentando criar um clone. Já sabemos que com os
15)animais deu certo, mas o corpo do ser humano é bem mais complexo do
16)que o corpo de um animal. E se caso acontecer algo com a pessoa clonada,
17)quem será responsável por isso? O homem é claro.
18) Devemos sim usar e abusar da ciência e da tecnologia, mas que isso seja
19)feito com cautela sem prejudicar o meio ambiente e ninguém, pois se
20)passarmos do limite o mal pode se voltar contra nós mesmos e assim
21)causando danos irreparáveis a nossas vidas pois o homem é sempre
22)responsável pela forma que utiliza a ciência e a tecnologia.

REDAÇÃO 15

O homem e a ciência

- 1) Quando nascemos e ainda mal sabemos falar, já começamos a ver a
2)tecnologia e a ciência juntas, pois podemos vê-las em qualquer lugar de
3)nossa vida. Sem falar quem hoje em dia, tudo está sendo trocado por esta
4)atualização.
5) Entretanto, quem sai perdendo com esta atualização da tecnologia e da
6)ciência é o próprio homem, que a cada dia vai sendo substituído em seus
7)empregos por máquinas e os seus patrões ainda têm coragem de dizer que as
8)máquinas são melhores que os homens, pois para eles a máquina não fica
9)doente, ela não tem que cuidar da família e nem ficam pedindo um aumento.
10) Um grande exemplo que pode ser dado sobre a tecnologia e a ciência é
11)a novela O Clone, que fala da atualidade, que as tribos tem que passar,
12)devido aos seus costumes, mas que mesmo assim têm que estar atualizado
13)devido, a força para continuar a viver.
14) Contudo, vemos que o responsável pela utilização da ciência e da
15)tecnologia é o homem, que mesmo podendo ajudar as pessoas a
16)mandarem-se socialmente, de outro lado destroi toda a vida de uma família
17)que é substituída por máquinas.

REDAÇÃO 16

O homem tem influência sobre o uso da tecnologia ou da ciência

- 1) O homem a anos vem adquirindo tecnologias beneficentes em resultado
- 2)de longas pesquisas. Mas nem sempre esse brilhante desenvolvimento é
- 3)beneficente. Cientistas de todo mundo vêm pesquisando novas armas para
- 4)o uso em guerras, contra outros seres humanos onde a tecnologia (como
- 5)tudo na vida), tem seu lado bom e ruim.
- 6) Como já foi citado acima, a tecnologia é ruim quando é utilizada contra
- 7)o próximo; como em guerras; usufruindo de armas; armas químicas; contra
- 8)a natureza...
- 9) Mas também tem seu lado positivo, como por exemplo quando é usada
- 10)para a prevenção ou cura de doenças; com a internet (globalização) onde
- 11)pode-se saber notícias de todo o mundo em segundos, realizar pesquisas, e
- 12)poder conversar com pessoas de todo o mundo.
- 13) A tecnologia é algo que vai mais além, algo abstrato podendo ter seu
- 14)lado positivo e negativo ao mesmo tempo. Podemos citar como exemplo a
- 15)construção de tratores, máquinas agrícolas automáticas; robôs, onde é bom
- 16)por acelerar o trabalho mas por outro lado, tira empregos de pessoas e
- 17)todos sabem que não é nada fácil conseguir emprego.
- 18) Existe também a clonagem, assunto muito falado ultimamente e que
- 19)causa muita dúvida, brigas e que existem pessoas a favor e contra. Uns
- 20)dizem que poderão até recuperar parentes perdidos, outros dizem que o
- 21)homem está querendo passar de criado para criador, enfim, muitas
- 22)discussões.
- 23) Depois de tudo o que foi comentado, será que o homem tem influência
- 24)sobre tudo isso? Claro que sim. Sem sua curiosidade, vontade de saber
- 25)mais, não teríamos chegado até aqui. É ele quem criou e controla e só cabe
- 26)ao próprio homem decidir se irão usar essa tecnologia, mordomia para o
- 27)bem ou para o mal, onde o bem está próximo mas o mal também e com
- 28)possibilidade até de acabar com o planeta e com os criadores de toda esta
- 29)ciência. Se foram tão inteligentes e espertos ao ponto de criar quase tudo,
- 30)tomara que sejam também espertos na hora de usa-la.

Tema: “O meio ambiente influi na formação do ser humano?”

REDAÇÃO 17

Meio ambiente versos ser humano

- 1) O ser humano convive com uma luta no seu dia-a-dia com o meio onde
- 2)vive.
- 3) Grandes modificações são feitas nos humanos conforme o meio
- 4)ambiente que convive. Essa luta com seu meio vem exatamente destas
- 5)transformações, que são inevitáveis para o homem acabar abituado ao local.
- 6)Temos exemplos e comparações todos os dias, como homens nascidos e
- 7)criados em favelas (classe miserável) com homens nascidos e criados nas
- 8)cidades (classe média e/ou alta).
- 9) Comprovações e fatos de meio ambiente modificando o ser humano é
- 10)mostrado, como exemplo, o diretor do canal de TV, SBT, o Sílvio Santos,
- 11)que vivia de uma maneira diferentes, em seu meio ambiente como camelo,
- 12)mas agora transformado, porque seu novo meio ambiente o obrigou a isso.
- 13) O meio não modifica apenas os seres humanos, até mesmo os animais
- 14)inracionais são transformados conforme o seu abitat. Exemplos disto são
- 15)cachorros domésticos com cachorros selvagens.
- 16) Todos são transformados, modificados pelo assustador ou maravilhoso
- 17)meio ambiente. Conforme o lugar as mudanças são feitas e não há nada o
- 18)que fazer, se não mudar.

REDAÇÃO 18

O meio ambiente

- 1) Vemos que sempre existiu uma diferença nas pessoas, talvez devido ao
- 2)seu lugar de formação. Claro que todos os pais querem que seus filhos sejam
- 3)educados em um meio ambiente adequado, onde sabem que será mais fácil
- 5)educar.
- 6) Infelizmente não se pode escolher muinto lugar em que os pais querem
- 7)educar os seus filhos para o futuro do mundo, de guerras, violências e
- 8)preconceitos, pois hoje em dia todos estão sem dinheiro, sem ter onde
- 9)trabalhar para sustentar a família, apesar do que, o que faz a formação do ser

- 10)humano é o amor de seus pais, pois se eles forem unidos e tiverem muito
11)amor, eles conseguem um lugar para uma formação com Cristo.
12) Um dos exemplos que se encaixa neste contexto é o do filho que tem
13)uma família milionária, muito importante, mas que não tem tempo para o
14)filho. Assim o que adianta ter o mundo e na hora que se descobrir que um
15)membro da família está com uma doença que os médicos não conseguem
16)descobrir a resolução para o problema onde o dinheiro não pode fazer
17)nada, pois ele não faz milagre.
18) Contudo, devemos escolher bem os lugares para a formação de nossos
19)filhos, pois o meio ambiente influi muito em uma formação.

REDAÇÃO 19

A importância do meio ambiente

- 1) É do meio ambiente que tiramos tudo o que precisamos, sem ele o que
2)seria de nós? Mas mesmo assim muitos ainda insiste em acabar com a fonte
3)do nosso sustento e na maioria das vezes, tudo pelo dinheiro.
4) Muitas pessoas já sofrem pela inexistência de um ambiente mais
5)adequado nos locais onde vivem devido a poluição, desmatamento e até a
6)falta de sair de dentro de casa e encontrar uma árvore plantada na calçada.
7) O meio ambiente influi muito na vida do ser humano e isso não é pouco.
8)Por exemplo, em locais que só há prédios enormes, carros buzinando e
9)poluindo nosso ar, podemos perceber que as pessoas que vivem nesse local
10)sempre estão estressadas, nervosas e sem paciência para nada,
11)prejudicando tanto a si mesmo quanto as pessoas que estão a sua volta.
12) As pessoas tinham que ter uma vida mais saudável procurando evitar
13)esses tipos de lugares para morar pois o meio ambiente influi muito na
14)formação do ser humano e ninguém quer uma vida de doenças, stress e
15)nervosismo para o filho que está em formação e por isso também evite
16)destruir as riquezas do nosso meio ambiente porque se continuar do jeito
17)que está indo, daqui alguns anos, não vai ter nem como sobreviver através
18)do meio ambiente.

REDAÇÃO 20

O meio ambiente influi na formação do ser humano?

1) No planeta Terra, existem muitos lugares diferentes, cada um com seu
2)clima, vegetação... Existem também aqueles lugares que se diferem pela
3)quantidade de pessoas, tamanho e qualidade de vida. O ser humano é muito
4)influenciado por seu ambiente, de modo que ele (geralmente) nasce, cresce e
5)morre no mesmo local, convivendo com tradições, lendas, festas,
6)comemorações. Cada lugar uma tradição, uma maneira de falar, um tipo de
7)música, de festa e para cada tradição alguém para segui-la. Como exemplo,
8)temos a diferença entre o Homem da cidade e do campo. Diferenças no
9)modo de falar (o homem do campo é mais “acaipirado” e da cidade mais
10)“normalzinho”), o modo de se vestir, a comida e até mesmo a educação
11)onde o homem do campo, que convive mais entre eles tem tendência a ser
12)mais tímido, mais quieto, mais educado e o da cidade já tem tendência de
13)ser mais elétrico, mais agitado e às vezes esquece os bons modos.
14) Outro exemplo de que o meio ambiente influencia no ser humano, é
15)quando este migra de um lugar para outro, seja de país, de cidade, de
16)região... Este fato é percebido com as mudanças ocorridas depois de um
17)certo tempo com esta pessoa, tanto no modo de falar (começa a falar o
18)sotaque da região), nos hábitos, no modo de se vestir.
19) Como tudo na vida, deve-se ter cabeça feita até para ser influenciada,
20)por exemplo pessoas que vivem em ambientes de violência, de miséria.
21)Deve-se ter consciência de que é preciso ter opinião própria e que ir pelo
22)ambiente, pelas pessoas nem sempre vale a pena e que sua opinião vale
23)muito mais que influências que podem acarretar em consequências não
24)muito boas.

Tema: “As indústrias produtoras de fumo devem pagar indenizações para quem sofre algum mal relacionado ao cigarro?”

REDAÇÃO 21

“Vender seu peixe”

- 1) O cigarro é um tipo de droga encontrada facilmente, não há nenhum
- 2) controle, a compra e venda é totalmente liberada, por isso, nos dias de hoje é
- 3) muito comum nos depararmos com fumantes de todas as idades.
- 4) Mesmo sendo liberada a nicotina causa dependência e infinitos males à
- 5) saúde, alguns deles como câncer, enfizema pulmonar e até mesmo a morte.
- 6) Mas as indústrias produtoras de cigarro não devem de maneira alguma
- 7) serem responsabilizadas por qualquer mal que o cigarro possa causar, afinal,
- 8) os esclarecimentos são muitos, as campanhas, as propagandas e tantas outras
- 9) formas que mostram todos os problemas causados pelo cigarro.
- 10) As indústrias nos apresentam belas propagandas, para que estas nos
- 11) convençam, afinal, elas precisam “vender o seu peixe”, mas com tantos
- 12) contras cabe a cada um ser responsabilizado pelo seu vício.

REDAÇÃO 22

Dos Mascadores de fumo ao cigarro

- 1) Os fabricantes de cigarro levaram quarenta anos pra admitir o que já
- 2) sabiam desde os anos de 1960: o fumo causa câncer no pulmão. Nesse
- 3) período, “a indústria de tabaco cometeu uma sucessão de fraudes, propagou
- 4) mentiras com ares de controvérsia científica e enganou os consumidores
- 5) num nível provavelmente inédito na história do capitalismo”, como disse
- 6) Mário César Carvalho em seu livro O Cigarro.
- 7) Fumar cigarro era uma raridade até o final do século 19, em 1880 cerca
- 8) de 58% dos usuários de tabaco eram mascadores de fumo, 38% fumavam
- 9) charuto ou cachimbo, 3% cheiravam rapé e apenas 1% era fumante de
- 10) cigarro. Em 1990, o consumo anual americano era de duzentos bilhões
- 11) devido a forma que Hollywood tratava o ato de fumar como símbolo de
- 12) modernidade. Utilizando-se disso a indústria enganou os consumidores e
- 13) provocou milhões de mortes inevitáveis.

14) A estratégias de rebater todas as evidências de o cigarro provocar
 15)doenças mortais, foi colocar nas propagandas mensagens dirigidas a jovens
 16)sobre o que pode causar a dependência da nicotina. Mas isso não adiantou,
 17)pois, três empresas americanas (Philip Morris, The Lonlard Tobbaco Co,
 18)The Ligget Group) tiveram de pagar uma indenização de setecentos
 19)milhões de dólares aos ex-fumantes que tiveram doenças causadas pelo
 20)fumo.

21) Mas a controvérsia que gera por parte da população é porque compensar
 22)essas pessoas sendo que existem outros tipos de drogas como o álcool,
 23)maconha que também matam ou causam danos e nem sequer recebem uma
 24)compensação por isso?

25) De uma certa forma, esta discordância é lógica, pois, muitas pessoas
 26)morrem com cancêr, cirrose, ou até mesmo por falta de resistência portanto
 27)aptas a outras doenças causadas pelo efeito do álcool e ainda o mesmo
 28)acontece com a maconha e o que é pior não há a quem pedir indenização.

29) A melhor forma de amenizar essa situação é conscientizar as pessoas
 30)dos males que o fumo causa principalmente os jovens que são os futuros
 31)consumidores.

REDAÇÃO 23

A morte no prazer

1) Cigarro, o que vem a ser um? Talvez um pedaço de prazer embalado
 2)num papel, ou então um cancêr, um efizema pulmonar, impotencia sexual e
 3)até mesmo pode ser sua morte.

4) Mesmo com todos estes problemas as indústrias de cigarro investem
 5)milhões de reais para proporcionar para quem fuma um prazer cada vez
 6)melhorado, investindo em pesquisa contra pragas que atacam suas
 7)plantações de tabaco e fumo, estes milhões que a população gasta
 8)comprando a própria morte.

9) Nessa era da globalização, onde o capitalismo impõem regras de
 10)consumo, cada dono de empresa precisa sobreviver vendendo seus
 11)produtos, pouco se importam eles se o produto faz mal ou não, querem
 12)apenas obter lucro.

13) Com esta mesma era da globalização, para as famílias vira um “corre-
 14)corre” que estressa qualquer ser, então quando sobra um tempo buscam o
 15)prazer, alguns saem com amigos, parentes, festejam, curtem um fim de
 16)semana, outro já vão em busca do álcool e do fumo, principalmente, pois

- 17)os dois são drogas lícitas que fazem o cérebro desacelerar, e acabam
- 18)esquecendo a vida estressante.
- 19) Pois então não existem motivos para alguém querer processar e pedir
- 20)uma grande indenização para estas indústrias, pois elas apenas oferecem o
- 21)produto, os que compram é porque querem, e também conscientes dos
- 22)males que este lhe causará.
- 23) Ninguém fuma porque é obrigado pela empresa, quando muito os
- 24)fumantes podem ficar impressionados com as velhas propagandas,
- 25)mostrando paisagens lindas, grupo de pessoas se divertindo, festas, homens
- 26)fortes mulheres lindas, todos fumando, ou alguém fumando entre eles.
- 27)Porque não mostravam o efeito que o cigarro causa, quem sabe assim não
- 28)espantaria esta juventude “perdida”?

REDAÇÃO 24

Liberdade de escolha

- 1) Muito tem se discutido sobre cigarro, a questão é se a indústria de
- 2)cigarro deve ou não pagar indenização para pessoas que sofrem algum mau
- 3)provocado pelo vício excessivo de fumar.
- 4) Todas as pessoas usuárias de cigarro sabem dos malefícios que o fumo
- 5)pode provocar com o decorrer do tempo, propagandas de cigarro tem como
- 6)obrigação informar no término do comercial os males que o cigarro pode
- 7)acarretar.
- 8) O cigarro também é um produto comercializado legalmente e aceito
- 9)pela sociedade, com isso o usuário tem “liberdade” para poder escolher se
- 10)usa ou não.
- 11) Por estas razões, não seria certo que as indústrias de fumo arcassem
- 12)com as consequências de uma pessoa que adoecesse por causa do cigarro.

Tema: “Antigamente a preocupação com as drogas só aparecia quando os jovens já estavam cursando o ensino médio. Agora isso é praxe também no ensino fundamental” (psiquiatra Sandra Scivoletto, revista Isto é, 12/2001). É grave o problema de drogas na escola. Você aprova a atitude de expulsar alunos que são pegos com drogas na escola?

REDAÇÃO 25

(sem título)

- 1) Nos dias de hoje usar drogas é considerado comum, as crianças vêm se
- 2)deparando muito cedo com elas.
- 3) Com toda certeza deve-se preocupar em conscientizar o ensino
- 4)fundamental e todos os outros que antecedem a ele, pois, o quanto antes,
- 5)aprendermos o que é certo e o que é errado, melhor, afinal o problema de
- 6)drogas nas escolas vem se agravando.
- 7) Em princípio não se deve tomar atitudes drásticas em relação a alunos
- 8)que foram pegos com drogas na escola, porque, com toda certeza eles
- 9)precisam de ajuda, devemos dar uma chance e tentar ajuda-los a se livrar
- 10)deste vício. A expulsão é uma medida muito drástica a ser tomada e só
- 11)deve ser utilizada num último caso, quando este não tiver mais solução.

REDAÇÃO 26

Droga versus Escola

- 1) A cada dia cresce o número de dependentes químico, ou conhecidos
- 2)como usuários de drogas.
- 3) As drogas, digamos, não escolhe porte, idade ou raça ela pode ser
- 4)comprada e consumida tanto por pobres quanto ricos, tantos por crianças e
- 5)jovens como por adulto e também é consumida por negros, brancos, judeus,
- 6)nipônico... todos corremos este risco, vem da índole de cada um julgar se a
- 7)droga é boa e necessária para ele, este por sua vez não deveria divulgar algo
- 8)que ele goste, já que cada um tem seu modo de vista, seu gosto.
- 9) Atuais pesquisas mostram que o maior número de usuários dentro das
- 10)escolas vem cada vez aumentando, o porque disto as autoridades não

- 11) sabem, pois culpam a polícia e esta por sua vez culpa o governo e no fim a
- 12) comunidade é que sofre com isso.
- 13) Mas o que fazer com estes alunos que são pegos com drogas? Muitos
- 14) dos diretores os expulsão, mas será que esta é a melhor saída?! Será que a
- 15) exclusão do meio não os deixariam mais voláteis ao traficante?
- 16) Isso são poucos que pensam, pois grande parte do povo diz, “não é meu
- 17) filho, então use a droga o quanto quiser...”, já a minoria que pensa na
- 18) exclusão dos usuários, se preocupam também com seus filhos, pois como
- 19) vingança, o usuário pode roubar, matar ou levar seu filho para o mau
- 20) caminho, coisa que não é muito difícil nos dias de hoje.
- 21) As escolas deveriam apenas dar uma maior segurança aos alunos
- 22) “normais”, cobrando maior fiscalização visual dos inspetores de alunos,
- 23) nestes que foram pegos com drogas uma ou mais vezes na escola.

REDAÇÃO 27

O adolescente e a droga

- 1) Adolescência é um período de rápidas mudanças físicas, sexuais,
- 2) psicológicas.
- 3) Uma das características que se desenvolvem principalmente na
- 4) puberdade e a autonomia, em que os adolescentes desenvolvem percepções
- 5) diferentes de seus pais como pessoas, passam menos tempo com suas
- 6) famílias e também passam por alguns conflitos com seus pais. O
- 7) comportamento dos pais afetam também o comportamento do adolescente.
- 8) Existem aqueles que valorizam a vontade autônoma quanto o
- 9) comportamento disciplinado, isso ajuda o desenvolvimento da confiança.
- 10) Existem também os pais autoritários em que seus filhos serão menos
- 11) seguros e capazes de agir por si próprio. Há ainda aqueles que são
- 12) negligentes que deixam qualquer tipo de apoio que os adolescentes
- 13) necessitam, e permitem que seus filhos percam o rumo sem oferecer a eles
- 14) modelos de um comportamento adulto responsável, ou seja, o que se faz é
- 15) muito mais importante do que se diz.
- 16) As crianças e os jovens começam a aprender o que é droga quando
- 17) observam os adultos em busca de tranqüilizantes ao menor sinal de tensão
- 18) ou nervosismo ou quando ouvem seus pais dizerem que precisam de três
- 19) xícaras de café para se sentirem acordados ou quando sentem o cheiro da
- 20) fumaça do cigarro.
- 21) Somos uma sociedade de consumidores de produtos e a maioria de nós
- 22) estabelece relações complicadas com as drogas. Não é difícil encontrar

23) pessoas que, ao menor sinal de sofrimento, desconforto, lançam mão de um
24) “remedinho”, de uma “cervejinha”, de um “cafezinho” ou de um cigarro
25) para acabar com a ansiedade.

26) Esse é o princípio básico de modelo de comportamento dependente que
27) observamos em um imenso número de adultos e pais que, sem a menor
28) consciência do que estão fazendo, “ensinam” aos filhos que os problemas
29) podem ser resolvidos como que por um passe de mágica, com a ajuda de
30) uma substância.

31) É muito importante que os jovens compreendam, por meio de nossas
32) atitudes, qual é a atitude adequada em relação as drogas. Esse processo de
33) aprendizagem começa na infância e continua até o final da adolescência. A
34) escola, por exemplo, tem um papel distinto na educação, pois,
35) complementa a formação que deveria ser iniciada na família, pois é nela
36) que o jovem passa a maior parte de seu tempo e é nela que estabelece o
37) processo de socialização. Aproveitando-se dessa realidade, a escola busca
38) atualmente integrar-se mais ativamente à vivência do adolescente, e ao
39) mesmo tempo, sofre a consequência disso: é na escola que muitas vezes o
40) jovem, entra em contato com as drogas por influência do seu grupo e ou
41) pela iniciação dos traficantes, que se utilizam muitas vezes da escola como
42) ponto de distribuição.

43) Cabe a escola a prevenção ao uso de drogas e não o tratamento de quem
44) já esteja usando. Entretanto, muitos professores desconhecem a realidade
45) científica e psicológica das drogas (tráfico, efeitos, consequências). É
46) frequente ainda não saberem identificar um usuário de drogas, assim, é
47) mais cômodo negar a existência de drogas na escola. Porque, para
48) enfrentar a droga, dá muito desgaste físico, além de psicológico.

49) Por isso é importante que as escolas preparem todos os funcionários e
50) professores. É muito mais fácil para a escola perceber que o aluno esteja
51) usando drogas que seus pais. Assim, ao perceber que um determinado
52) aluno está com problemas deve procurar a causa dele.

53) Caso seja identificado o uso de drogas, a escola deve convocar os pais,
54) para encaminharem a situação para ser estudada por um profissional
55) preparado. Não compete à escola o tratamento de usuários, mas sim o seu
56) encaminhamento adequado.

57) Se nada for feito todos perdem: a escola, o aluno, seus pais, a sociedade.

58) Educar ainda é a forma mais eficaz de um trabalho preventivo. Juntar ao
59) currículo escolar temas ligados a drogas e explorá-lo junto a população
60) jovem, numa linguagem acessível, assim como promover palestras que
61) reúnam pais, professores, alunos.

62) Mas com o pouco empenho, o crescimento de dependências entre
63) jovens é grande, é necessário mais empenho nessas iniciativas.

REDAÇÃO 28

Reprimir ou Acolher

- 1) Debatendo sobre a questão das drogas nas escolas, a psiquiatra Sandra
- 2) Scivoletto declarou em dezembro de 2001 na revista Isto É, a sua
- 3) preocupação quanto ao aumento do uso de drogas por pré-adolescentes.
- 4) Mas como a escola deve reagir perante tal situação? Reprimir ou
- 5) acolher?
- 6) Hoje em dia é muito fácil ver ou presenciar um pré-adolescente usando
- 7) drogas na escola, e na maioria das vezes a escola toma decisões não
- 8) aconselháveis, como expulsar o aluno da escola. Esse tipo de atitude perante
- 9) ao aluno não é a melhor possível, pois todo pré-adolescente e jovem tem
- 10) como direito à estudar.
- 11) Nesse tipo de situação, a escola deveria tentar auxiliar o jovem
- 12) dependente químico a procurar ajuda psicológica ou de clínicas para
- 13) dependentes químicos.
- 14) O papel da escola é fundamental para a recuperação do jovem viciado,
- 15) por esse motivo que a escola deve acolher o aluno, em vez de reprimi-lo.

Tema: A TV une ou separa as pessoas?**REDAÇÃO 29****A TV une ou separa as pessoas?**

- 1) A televisão é considerada em diferentes aspectos.
- 2) Sendo um meio de comunicação muito atraente chama a atenção de
- 3)muitos telespectadores, com isso nas horas de lazer as pessoas passa o
- 4)tempo assistindo TV, deixando de lado o diálogo com a família, os passeios
- 5)com amigos. Com as cenas apresentadas as telespectadores onde aparece o
- 6)preconceito racial, religioso e economico, cenas de violência faz com que as
- 7) pessoas separem-se uma das outras com medo de traição como mostra a TV,
- 8)amigo mata amigo, filho mata mãe, levando as pessoas as ficarem
- 9)desconfiadas, e falando do preconceito mostrado na TV influência algumas
- 10)pessoas e crianças a praticar-lo assim ocorrendo o isolamento social.
- 11) Por outro lado a TV traz informações, cenas de novelas e filmes,
- 12)propagandas que leva as pessoas a refletirem sobre sua ações sobre a
- 13)humanidade. Pois pessoas desaparecidas reencontra seus familiares através
- 14)da TV como mostrou em uma novela as Mães da Sé e quantas cenas de
- 15)novelas e filmes fizeram com as pessoas refletissem sobre suas atitudes
- 16)levando-as perdoar e ajudar o próximo e até mesmo acabando um pouco
- 17)com o preconceito com pessoas com doenças como a AIDS, câncer etc, e
- 18)pessoas drogadas e ajudando a salvar vidas de pessoas através da
- 19)transfusão de sangue, coração, medula etc através das campanhas criadas
- 20)através das novelas.
- 21) Por tanto com todos argumentos apresentados percebe-se que ao mesmo
- 22)tempo que a TV une as pessoas ela também separa, porém a TV é um meio
- 23)de comunicação indispensável na vida das pessoas.

REDAÇÃO 30**A TV une ou separa as pessoas?**

- 1) A TV indiscutivelmente hoje já faz parte da família brasileira, pois está
- 2)presente em quase todos os lares.

- 3) Existem pessoas que se fecham no quarto aos sábados e domingos para
- 4)assistirem TV, crianças ficam diariamente jogando video-game, assistir TV
- 5)assim é prejudicial pois as pessoas ficam alheias ao que está ao seu redor,
- 6)vivendo num mundo só seu, deixando quem está ao seu lado de fora de sua
- 7)realidade ou seja separando-as.
- 8) Por outro lado a TV é uma grande amiga, pois faz companhia, nos
- 9)ensina, através dos jornais televisivos, trazendo cultura nos programas
- 10)infantis, nos jogos esportivos onde se reúnem toda a família para torcer e
- 11)vibrar com o seu time do coração.
- 12) Assim sendo a TV nos mostra muitas coisas, nós temos que saber
- 13)selecionar o tipo de programa que devemos assistir e para isso basta
- 14)apertarmos o número do canal do controle remoto.

REDAÇÃO 31

Minha amiga televisão!

- 1) Parece engraçado, mas é como nos procedemos nos dias de hoje. A
- 2)primeira impressão é que a televisão se tornou nas famílias, a sua melhor
- 3)amiga, confidente e até cúmplice dos nossos atos do dia-a-dia; mas sem
- 4)percebermos que é apenas uma “amiga-virtual”.
- 5) Digo isso não como elogio à máquina, mas com uma certa restrição. A
- 6)televisão tanto pode unir como separar entes de uma família, dependendo
- 7)muito do que se vê ou do que se fala, sem que nos influencie.
- 8) Para que isso não venha prejudicar os bons costumes, as saudosas
- 9)conversas e o bom relacionamento, devemos nos direcionar rumo à
- 10)imprensa, porque a porcentagem maior da televisão é projetada às
- 11)informações nacionais e internacionais, com ou sem meias-verdades.
- 12) Programas de informações culturais muito poucos, sensacionalismo, um
- 13)exagero, sem muito aproveitamento, a maioria; mas algo de bom ela pode
- 14)nos oferecer, basta sabermos escolher o que ver e o que questionar.
- 15) Pode ter certeza, que partindo desse princípio, podemos ter família e
- 16)televisão juntas, na hora e lugares certos.

Tema: “Seqüestros, assassinatos, roubos... a violência toma conta do país. A culpa é de quem?”

REDAÇÃO 32

Sequestros, roubos, assassinatos toma conta do país a culpa é de quem?

- 1) Achar o culpado por todos acontecimentos que ocorre no país como
- 2) sequestros, roubos e assassinatos é muito complicado pois são atitudes da
- 3) sociedade que leva ocorrer esses fatos.
- 4) O que leva ocorrer esses fatos é a má distribuição de rendas, a falta de
- 5) atenção em casa dos país, a falta de emprego a miséria, pois tem pessoas
- 6) passando fome que leva o roubar para poder se sustentar e também as
- 7) drogas e a prostituição.
- 8) Pois sabemos que são atitudes incontrolavel sempre encontraremos pois
- 9) devemos refletir sobre as ações que fazemos sobre a humanidade.

REDAÇÃO 33

Assim caminha a humanidade!

- 1) Quantas vezes ouvimos, comemoramos um final de ano, diga-se de
- 2) passagem “Adeus ano velho, feliz ano novo”, não parece que dizemos isso
- 3) no sentido pejorativo, como se fosse apenas um símbolo?
- 4) Pois bem, passa ano entra ano, continuamos vivendo as mesmas
- 5) situações; desemprego, assassinatos, sequestros, violência física e moral,
- 6) claro, as consequências vêm sempre após uma situação caótica em que um
- 7) país vive no momento.
- 8) No período do regime militar, dizia-se que o problema era por causa da
- 9) recessão e agora, o que podemos avaliar do regime em que o país vive
- 10) atualmente, a chamada “democracia”. O que se pode esperar do poder que
- 11) está no comando, ou das pessoas que se julgam competentes?
- 12) Claro, não podemos acusar somente os nossos governantes pela situação
- 13) de conflito, devemos sim, reavaliar os aspectos morais, sociais e
- 14) econômicos de cada ser humano, pois onde há falha nos sistemas da
- 15) segurança, proteção, direitos e deveres, etc..., evidentemente haverá
- 16) corrupção.

- 17) Porém, quando o homem perde seus princípios morais, se torna ainda
- 18) mais grave as consequências tal que tem pela frente: violência, desespero e
- 19) mortes anunciadas, pois ele perde o verdadeiro valor da vida, vivendo
- 20) apenas uma utopia.

REDAÇÃO 34

Sequestros, assassinatos, roubos... a violência toma conta do país. A culpa é de quem?

- 1) A violência a cada dia que passa se torna comum no âmbito da
- 2) população, onde se mata por pouco, se rouba e sequestra num piscar de
- 3) olhos, onde existe uma fábrica de crimes e corrupção.
- 4) Dizer que o Estado é o único responsável seria ignorar os preceitos
- 5) básicos da família, não devemos procurar quem é o culpado e sim tratarmos
- 6) dos doentes, fazendo trabalhos preventivos e o Estado investir pesado para
- 7) que a violência em geral diminua.
- 8) Começando pela família, onde a educação é básica criamos nossos
- 9) filhos com a consciência de fazermos um mundo melhor, onde um ajude o
- 10) outro para que todos juntos chegue ao objetivo, tendo uma melhor
- 11) qualidade de vida.
- 12) Precisamos todos de mãos dadas nos unirem, combate-lá antes mesmo
- 13) de julgarmos de quem é a culpa de toda essa violência, assim sendo,
- 14) teremos um mundo melhor onde teremos uma boa qualidade de vida.

Tema: A TV une ou separa as pessoas?**REDAÇÃO 35**

(sem título)

- 1) A TV de hoje em dia, às vezes une, as vezes separa. Vamos ver o por
- 2)que.
- 3) Na minha opinião, e prática, a TV separa as pessoas por causa dos
- 4)programações: a esposa quer assistir o último capítulo da novela, mas o
- 5)marido não quer perder a final do campeonato de futebol; ou os pais não tem
- 6)controle sobre as programações da TV que andam um pouco “pesadas” em
- 7)alguns canais.
- 8) Mas, a TV também une pessoas: pelos inúmeros programas de namoro;
- 9)pelos programas educativos; por algumas novelas que reúnem a família
- 10)inteira na sala. Por aquele filme que faz os pais, os filhos, a família toda se
- 11)emocionar junta na sala.
- 12) A TV, sinceramente, é um meio de comunicação que une alguns e
- 13)separa outros.

REDAÇÃO 36**Saudade outrora**

- 1) Ha algumas decadas quando a TV começou a ser utilizada no Brasil sua
- 2)função era lazer coletivo, função essa que modificou-se muito no decorrer
- 3)desses anos.
- 4) Antigamente os pais uniam-se aos filhos, vizinhos juntavam-se em
- 5)casas diferente, assistiam aos programas e conversavam a respeito. Hoje ha
- 6)uma realidade bastante diferente da encontrada ha alguns anos, as pessoas
- 7)isolam-se em seus quartos ou em suas salas para alcançar uma “paz” que
- 8)podemos denominar como fuga.
- 9) Fuga, de uma conversa, de opiniões diversas das suas. A realidade de
- 10)fato e que com o passar dos anos, o progresso, a vida corrida, os afazeres
- 11)aumentados, a vida sedentaria, a televisão tornou-se sinonimo de
- 12)tranquilidade individual, descanso e há se afirmar que com o

- 13) individualismo em alta a televisão só tem servido para separar os seres que
 14) tudo poderiam ter e ser em comum.
 15) Não distante ouvimos pessoas de 60, 70 anos dizendo “que saudade de
 16) outrora quando podíamos nos reunir ao redor daquele aparelho que viera
 17) aos lares com intuito de aproximar-nos, descontraí-los”, e sempre
 18) ouvimos esses senhores usando o verbo conjugado na 1ª. pessoa do plural
 19) “nós”.

REDAÇÃO 37

A TV une ou separa as pessoas?

- 1) No mundo de hoje, em que vivemos, tudo está ligado de alguma forma
 2) na TV. Por que não só como filmes, novelas, propagandas, shows, tudo
 3) serve para unir ou separar ao mesmo tempo, porque as vezes se passa na TV
 4) um filme que todas as pessoas da casa gostarem, eles logo estarão na sala
 5) para assistir todos juntos, ou se as vezes passa novela que por exemplo o pai
 6) e a mãe não deixa de assistir, mesmo que seja para ajudar um filho a fazer
 7) seus deveres de casa, ou as mães deixam de ficar dando conselhos ou
 8) atenção quando mais a filha precisa, de um ombro amigo, então por isso eu
 9) acho que a TV, as vezes uni e as vezes separam as pessoas. Tudo é questão
 10) do momento e do que estamos fazendo.
 11) Mas à TV mostra coisas boas mas também muitas coisas ruins. O certo
 12) era não deixarmos nossos filhos assistirem certos programas e deixá-los
 13) mais no livro ou teatro, igreja. Álias todos nós temos que seguir uma meta
 14) certa, real, para não sofrerem mais tarde e nem os nossos filhos.
 15) Na minha opinião a TV separa as pessoas e ao mesmo tempo
 16) dependendo do programa ela une. Na verdade devemos ler mais, fazer
 17) outros programas, por que ultimamente a TV não está sendo bom para
 18) nenhuma idade. Foi o tempo que a TV, passava programas bons, não
 19) ótimos.

REDAÇÃO 38

A TV une ou separa as pessoas?

- 1) A tv ao mesmo tempo que une, também separa as pessoas. Por ser um
- 2) grande meio de comunicação ao enviar as notícias do mundo, para milhões e
- 3) milhões de pessoas, também se torna um vício em nossas vida.
- 4) Nunca se pode fazer ou receber uma visita, com mais atenção por dar
- 5) mais atenção a televisão.
- 6) A televisão ao mesmo tempo que passa programas importantes, como
- 7) também passam maus hábitos e coisas proibidas para as pessoas,
- 8) principalmente para crianças que começam a entender.
- 9) A televisão informa, une e separa, por não haver limites em sua
- 10) programação.
- 11) Até em famílias não há diálogo, por motivo de dar mais atenção a TV
- 12) do que ao assunto que interessa a família.

REDAÇÃO 39

(sem título)

- 1) Existe hoje varios meios de comunicação, aonde podemos se corresponder
- 2) ou atualizar-se em varios segmentos, um exemplo é a televisão um pequeno
- 3) ou grande aparelho que nos leva pela imaginação a varios locais do mundo,
- 4) trás boas e mas noticias, perguntemo-nos sera que ela une ou separa as
- 5) pessoas.
- 6) É uma sexta-feira, fria e são exatamente 20:00, acabei de assistir o
- 7) Jornal Nacional, e fiquei sabendo que meus conterraneos no Ceara
- 8) continuam a morrer de fome, cheguei a pensar a ligar para eles, mas quando
- 9) foi pegar o telefone o mesmo noticiario me disse que nos EUA explodiram
- 10) varios aviões, que a corrupção continua, que a marginalidade esta
- 11) aumentando e quando estou e quase acabando a boa noticia o Salario
- 12) mínimo vai para R\$ 200,00, plim, plim. Meu dia foi muito cansativo e não
- 13) hovi nada para melhorar meu astral. Plim, Plim novela das oito, o
- 14) mocinho vai atraz da mocinha, que é casada, mas trai o marido, nos
- 15) primeiros minutos só vemos sexo, adultério e corpos seminus, acaba a 1^a.
- 16) parte, plim, plim, comercial mostra um carro que o salario mínimo não
- 17) compra, mostra uma casa para sorteio que com certeza não vai ser minha e
- 18) no final mostra uma mulher quase nua bebendo cerveja, plim, plim, 2^a.
- 19) parte o mocinho foge com a mulher casada, o marido fica em desespero,

20)“fico pensando sera que ele vai se matar ou matar a esposa”, quando vou
21)ficar sabendo plim, plim fim do capítulo, ficou dentro de mim uma
22)incerteza da morte da esposa, que vou levar o dia inteiro e a noite e só vou
23)saber no outro dia. Continuo sentado na poltrona, plim, plim, catastrophe,
24)plim, plim, ilusão, plim, plim, sexo, plim, plim, engano, vou dormir e nem
25)dei um abraço na minha velhinha...

Tema: “Seqüestros, assassinatos, roubos... a violência toma conta do país. A culpa é de quem?”

REDAÇÃO 40

Violencia etc. a culpa é de quem?

- 1) No Brasil ha elevados numeros quando se trata de homicidios,
- 2)latrocinios etc. A cada dia nos deparamos com noticias abominaveis sobre
- 3)estes casos, e nos perguntamos a culpa é de quem?
- 4) Estava vendo uma matéria na Revista Veja, mostrando o exemplo do
- 5)fiel cumprimento da lei no nosso pais, falava de uma senhora que foi
- 6)abordada pelos seguranças do Carrefour, roubando um bombom sonho de
- 7)valsa, roubou para levar para seu filho, o resultado foi 3 meses de cadeia, o
- 8)nome para sempre “sujo” e muito constrangimento. Do outro lado mostrava
- 9)um politico que roubou milhoes e não teve nenhuma pena legal sobre ele.
- 10) A culpa é do governo do nosso pais, que não adota leis mais severas e
- 11)de igual valor para todos, nossas leis são tão falhas que serve de escape
- 12)para advogados tirar marginais das prisões e coloca-los nas ruas. Esta é
- 13)minha imutavel opiniao.

REDAÇÃO 41

Sequestros, assassinatos, roubos... a violência toma conta do país. A culpa é de quem?

- 1) Será que a culpa é dos nossos pais que não souberam nos educar direito,
- 2)ou será das grandes autoridades que não tem consciência do que o povo pode
- 3)passar ou se tornar.
- 4) Se não fossem eles os maiores bandidos do mundo, não haveria
- 5)sequestros, assassinatos e roubos.
- 6) Por causa dessas grandes autoridades, não ter consciência do grande
- 7)assalto que fazem com o povo e também não dar empregos, onde a maioria
- 8)não achando soluções para seus problemas se marginalizam. Se não fosse
- 9)um mundo tão desonesto não haveria nada disto. Mas o que não falta é
- 10)desonestidade das partes dos grandões.

- 11) Que país é este? Também culpa nossa de aceitarmos e acomodarmos
- 12) com tudo isto.
- 13) Se não fossemos tão covardes de enfrentar as grandes autoridades, quem
- 14) sabe até nós próprios poderíamos por um fim em tudo isto.
- 15) Mas o mundo é surdo e mudo.
- 16) “A culpa é de quem?”
- 17) Temos vários culpados, mas quem será é o maior culpado?

REDAÇÃO 42

Sequestros, assassinatos, roubos... a violência toma conta do país. A culpa é de quem?

- 1) Sequestros, assassinatos, roubos, violência, tudo isso está acontecendo
- 2) dentro da própria família que é e sempre foi muito mal administrada pelo
- 3) nosso governo, que na maioria das vezes o povo é culpado.
- 4) O baixo salário mínimo por exemplo, um pai de família ganha 200,00
- 5) reais, ele paga um aluguel que já vai à metade do salário, paga água, conta
- 6) de luz, ou tem que se vestir, e na hora de comer, muitas vezes não tem o que
- 7) colocar na panela. Acaba cometendo loucuras principalmente se tiver um
- 8) filho doente como ele vai conseguir comprar os remédios, sendo que as
- 9) vezes não tem, o pai se revolta cai na bebida o filho se revolta vai para rua
- 10) roubar, usar drogas, das drogas ele começa à ficar sem emprego porque
- 11) ninguém vai querer um alcoolatra ou drogado, para trabalhar o que ele
- 12) acaba fazendo partindo para o crime. O mundo está assim em todos os
- 13) lugares, na minha opinião o governo mal administrado, família sem meios
- 14) de sobreviver bem, corruptos em toda parte. O que devemos fazer, procurar
- 15) a Deus e nos dedicar mais a religião, para podermos viver melhor. E
- 16) sabermos escolher o que for de melhor mesmo para nós e nossos
- 17) familiares.
- 18) No entanto tudo está ficando cada vez mais difícil.
- 19) A culpa está em tudo povo – governo – Tv – violência – mídia – O que
- 20) devemos fazer, procurar ter mais consciência no que fazemos e no que
- 21) cremos e em quem confiamos.
- 22) Só podemos ultimamente confiar em
- 23) Deus.
- 24) É o único.
- 25) E ajudar com sinceridade uns aos outros.
- 26) O que ultimamente é muito difícil.

REDAÇÃO 43

Medo de quem?

- 1) O simples pronunciar da palavra violencia e o suficiente para abalar
- 2) qualquer pessoa. Antigamente esse era um problema que rondava apenas a
- 3) zona urbana, mais precisamente a periferia, atualmente no entanto ela atinge
- 4) a zona rural, a zona urbana, todas as camadas sociais... sem discriminação.
- 5) Culpa? Encontrar o dono dela? Impossível! Podemos afirmar apenas
- 6) que com a globalização, a tecnologia cada vez mais avançada, tantas ofertas
- 7) de prazeres distribuidas pelo capitalismo, o que esta ocorrendo de fato e que
- 8) a necessidade de consumo esta cada vez maior.
- 9) Vagas de empregos cada vez com mais exigência, o ser humano cada
- 10) vez com mais dificuldades de formação, impossibilidade de um sustento
- 11) digno, o que ocorre é um aumento muito maior na marginalidade.
- 12) Infelizmente estamos dentro de um sistema capitalista falido, onde os
- 13) poderosos inculcam posturas ideológicas inatingíveis por noventa por
- 14) cento da população, mas que não deixam de querer adquiri-lo. Vemos hoje
- 15) sequestros, assassinatos, roubos, latrocinios, cada vez maiores e nada
- 16) podemos fazer para acabar com o problema. O que talvez possamos fazer é
- 17) um trabalho a longo prazo, começando de uma celula menor que é a nossa
- 18) casa, ensinando nossos filhos, os mesmos ensinando aos nossos netos, e de
- 19) geração em geração aumentando a possibilidade de não se encontrar
- 20) culpados, mas de encontrar agentes solucionadores do problema.

REDAÇÃO 44

(sem título)

- 1) Nossas crianças estão virando marginais, os cidadãos roubam por não
- 2) ter emprego, e a culpa? A culpa é dos políticos que blindam seus “carrões”,
- 3) dobram a segurança de suas mansões mas não se preocupam com os menos
- 4) favorecidos que a toda hora são assaltados nas ruas, não têm segurança nem
- 5) dentro de suas próprias casas, perdem todo o pouco que têm nas mãos dos
- 6) bandidos, às vezes até a vida.
- 7) E onde estão os policiais nesta hora? Perguntamos.
- 8) Os policiais estão nas ruas mas não têm carros, armas e patrulheiros
- 9) suficientes para tentar por ordem nas ruas que viraram parque de diversão
- 10) para os bandidos.

11) A culpa não é dos policiais, como alguns dizem, mas sim dos
12) governantes que não estão nem aí pra violência, pros marginais que a
13) aumentam mais e mais e pro povo que sofre as consequências da má
14) administração do país.

É fundamental ter clareza dos fins a atingir com um conhecimento que priorize a essência das coisas, articule a teoria à prática, desenvolva o pensamento, a linguagem, a consciência reflexiva, prepare para o domínio da ciência e da tecnologia, abrindo o espaço para a conquista da autonomia, para o resgate da dignidade do ser humano, para a construção de uma nova sociedade. É fundamental ter consciência do significado político de uma educação voltada para a conquista de uma sociedade, onde, a todo momento se respeite o cidadão, se defenda a liberdade, se priorize o bem estar coletivo, em uma luta incansável contra a alienação do homem pelo homem. (Gonçalves, 1994:482)

Autorizo a reprodução deste trabalho.

Assis, de de 2003.

ANDRÉA SCAVASSA VECCHIA NOGUEIRA